

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**CAROLINE FARDIN ARAUJO**

**O DISCURSO PRESENTE NAS CRÔNICAS DE LYA LUFT COMO  
AGENTE ATIVO NA FORMAÇÃO DO LEITOR E ESCRITOR CRÍTICO**

**SÃO MATEUS**

**2020**

CAROLINE FARDIN ARAUJO

O DISCURSO PRESENTE NAS CRÔNICAS DE LYA LUFT COMO AGENTE ATIVO  
NA FORMAÇÃO DO LEITOR E ESCRITOR CRÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia na área de concentração a Educação e a Inovação.

Orientador Prof. Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

SÃO MATEUS

2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

A663d

Araujo, Caroline Fardin.

O discurso presente nas crônicas de Lya Luft como agente ativo na formação do leitor e escritor crítico / Caroline Fardin Araujo – São Mateus - ES, 2020.

121 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Esteves Passos de Oliveira.

1. Discurso. 2. Estratégias de Leitura e de escrita. 3. Crônica.  
I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de. II. Título.

CDD: 372.4

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

**CAROLINE FARDIN ARAUJO**

**O DISCURSO PRESENTE NAS CRÔNICAS DE LYA LUFT COMO  
AGENTE ATIVO NA FORMAÇÃO DO LEITOR E ESCRITOR  
CRÍTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração a Educação e a Inovação.

Aprovada em 18 de dezembro de 2020.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Luana Frigulha Guisso**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Vanildo Stieg**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

## DEDICATÓRIA

Dedico a Deus a minha louvação gratidão.

A meu esposo Edson Silva Araujo pelo apoio nos momentos em que mais precisei, por sua paciência e companheirismo dedicados a mim.

Aos meus pais Sandra e Domingos por sempre incentivarem o meu estudo.

Aos meus irmãos Anderson e Thiago por sempre serem meus parceiros.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela dádiva da vida e por me permitir realizar tantos sonhos. Só tenho a agradecer por me permitir crescer, aprender, errar e evoluir como pessoa e profissional. Agradeço ainda, por sua eterna compreensão para comigo, pelo seu amor que aquece meu coração e transpassa a minha alma. Obrigada por não soltar a minha mão em momento algum e não me deixar desistir do meu sonho.

À minha orientadora, Ivana Esteves Passos de Oliveira, pela sua orientação, comprometimento para comigo e com meu trabalho e acima de tudo pelo profissionalismo e dedicação que foram tão importantes para a realização deste projeto.

À minha mãe e ao meu pai por todos os aprendizados que foram dispostos a mim de maneira tão única e singular que enchem meu coração de amor e gratidão.

Ao meu esposo por todo amor e paciência que sempre dedicou a mim. Pela compreensão e carinho nos momentos difíceis desta caminhada. Obrigada por sempre estar ao meu lado e nunca soltar a minha mão.

Aos meus irmãos por acreditarem em mim, encorajando-me e impulsionando para a realização do meu objetivo.

Aos membros da Igreja Católica de Presidente Kennedy-ES por me sustentarem em suas orações.

À minha amiga de anos Adrielle, pelas palavras amigas e de incentivo que sempre me impulsionavam a continuar no meu propósito.

Por fim, a todos que direta e indiretamente torceram, ajudaram e incentivaram para a realização desta dissertação, meu sincero obrigada.

“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros mudam as pessoas”

**Mario Quintana**

## RESUMO

ARAUJO, Caroline Fardin. **O discurso presente nas crônicas de Lya Luft como agente ativo na formação do leitor e escritor crítico.** 2020. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Vale do Cricaré, 2020.

A leitura e a escrita são fundamentais para um ensino de qualidade, e é por meio delas que se consegue impactar o outro, de forma ampla e com objetividade. Não há escritor sem que antes se tenha um leitor formado. O contexto desta investigação são os alunos do 9º ano do ensino fundamental II da rede municipal de ensino de um município do Sul do estado do Espírito do Santo. O estudo foi consubstanciado nas ideias de Bakhtin (1979; 2005), Cândido (1992), Carletti (2011), Dutra (2011), Freire (1989), Maingueneau (2004, 2008), Solé (1998), Lopez (2016), Souza *et al.* (2010), Sá (1985), entre outros. A partir das reflexões desses teóricos se tornou factível estabelecer um percurso de ação, calçado em uma argumentação sedimentada, para amparar a hipótese, de que a leitura ultrapassa as premissas estéticas e semânticas, e convoca também a efetivação de busca da compreensão textual, entrecruzada com o contexto cultural, solicitando os conhecimentos prévios e as conexões, num jogo entre ficção e realidade, permeado do primor literário da autora, Lya Luft. O objetivo geral ensejado na pesquisa é a aferição de que por meio do ensino de crônicas da escritora brasileira Lya Luft, com a abrangência de estratégias de leitura literária, seja possível se constituir em sala de aula um aluno capaz de consolidar a compreensão textual, a criticidade e uma escrita carregada de intencionalidade. Além do primor artístico, que delinea a estética das crônicas da autora escolhida, nota-se em suas narrativas o uso da persuasão, um traço estético, que concorre para enlaçar o leitor. A sociologia da literatura já consolidou a necessidade do ensino das estratégias leitoras para o surgimento de leitores autônomos de textos literários, e capazes de desenvolverem narrativas próprias. A metodologia elencada foi a de uma pesquisa-ação, por meio de oficinas de produção de crônicas, mediante a intervenção do professor como mediador e facilitador, capaz de propor soluções para os problemas que se apresentarem. A leitura vai além de ficção, imaginação e criação de proposições, ela nos leva a compreender o mundo ao nosso redor.

**Palavras-chave:** Discurso. Estratégias de leitura e de escrita. Crônica.

## ABSTRACT



ARAUJO, Caroline Fardin. **The speech present in Lya Luft's chronicles as an active agent in the formation of the reader and critical writer.** 2020. Dissertation (Master's Degree) - Faculdade Vale do Cricaré, 2020.

Reading and writing are fundamental for quality teaching, and it is through them that we can impact others, in a broad and objective manner. There is no writer without first having a trained reader. The context of this investigation is the students of the 9th grade of elementary school II in the municipal education network of a municipality in the south of the state of Espírito do Santo. The study was embodied in the ideas of Bakhtin (1979; 2005), Cândido (1992), Carletti (2011), Dutra (2011), Freire (1989), Maingueneau (2004, 2008), Solé (1998), Lopez (2016), Souza *et al.* (2010), Sá (1985), among others. From the reflections of these theorists, it became feasible to establish a course of action, based on a solid argument, to support the hypothesis, that reading goes beyond aesthetic and semantic premises, and also calls for the realization of the search for textual understanding, intertwined with the cultural context, requesting previous knowledge and connections, in a game between fiction and reality, permeated by the author's literary excellence, Lya Luft. The general objective of the research is to verify that through the teaching of chronicles by the Brazilian writer Lya Luft, with the scope of literary reading strategies, it is possible to constitute in the classroom a student capable of consolidating the textual understanding, the criticality and a writing loaded with intentionality. In addition to the artistic prowess, which outlines the aesthetics of the chronicles of the chosen author, the use of persuasion is noted in her narratives, an aesthetic trait that contributes to enlacing the reader. The sociology of literature has already consolidated the need to teach reading strategies for the emergence of autonomous readers of literary texts, and capable of developing their own narratives. The methodology listed was that of an action research, through chronicle production workshops, through the intervention of the teacher as a mediator and facilitator, able to propose solutions to the problems that arise. Reading goes beyond fiction, imagination and creating propositions, it leads us to understand the world around us.

**Keywords:** Discourse. Reading and writing strategies. Chronic.

**LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** - Distribuição percentual dos estudantes nos níveis de proficiência em leitura

**Quadro 2**- Matriz de Referência de Língua Portuguesa

**Quadro 3**- Interpretação pedagógica da escala de leitura

**Quadro 4** - Distribuição percentual dos estudantes nos níveis de proficiência em escrita

**Quadro 5**- Matriz de Referência de Língua Portuguesa

**Quadro 6**- Interpretação pedagógica da escala de escrita

**Quadro 7**- Quadro explicativo das estratégias de leitura e de escrita

AD	Análise do Discurso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
MEC	Ministério da Educação
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
SAEB/ANA	Sistema de Avaliação da Educação Básica – Avaliação Nacional de Alfabetização
TIC	Tecnologias de Comunicação e informação

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	18
2.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.2 LEITURA E ESCRITA: ABORDAGEM HISTÓRICA.....	20
2.3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SALA DE AULA.....	23
<b>2.3.1 Os desafios e a formação do perfil leitor</b> .....	28
<b>2.3.2 A formação de um aluno escritor</b> .....	36
2.4 A LEITURA DE TEXTOS NARRATIVOS E SUAS PARTICULARIDADES: O GÊNERO CRÔNICA.....	43
2.5 A CRIAÇÃO E ANÁLISE DO DISCURSO: AS ESTRATÉGIAS DE ESCRITA.....	48
<b>2.5.1 Análise do discurso: persuasão</b> .....	52
<b>2.5.2 Análise do discurso: A repetição estilística e a interposição entre fatos reais e imaginários</b> .....	55
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	61
3.1 PESQUISA-AÇÃO.....	61
<b>3.1.1 Fase exploratória</b> .....	61
<b>3.1.2 Formulação do problema</b> .....	62
<b>3.1.3 Construção de hipóteses</b> .....	62
<b>3.1.4 Seleção de amostra</b> .....	62
<b>3.1.5 Coleta de dados</b> .....	63
3.2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA COM A CRÔNICA EM SALA DE AULA.....	63
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	71
4.1 RESULTADOS ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA: APLICABILIDADE COM GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA.....	71
4.2 O E-BOOK DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA E DE ESCRITA COM O GÊNERO CRÔNICA.....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
APÊNDICE A – E-book para professores: oficinas de leitura e escrita com o gênero crônica.....	115
ANEXO A – Termo de autorização da instituição coparticipante.....	173
ANEXO B – Parecer consubstanciado do CEP.....	174

ANEXO C – Níveis de proficiência em Língua Portuguesa no 9º simulado de 2019 das escolas polos de Presidente Kennedy.....	178
---	-----

## 1 INTRODUÇÃO

É válido ressaltar que o mundo vem enfrentando grandes inovações tecnológicas e sociais que cada vez mais estão se posicionando majoritariamente e implicando mudanças na forma educacional do processo de ensino-aprendizagem. Para isso, a leitura e a escrita são fatores que fazem parte da construção de um ensino para além, formando sujeitos críticos.

A leitura e a escrita podem permitir a criação de um espaço socioeducativo que se bem mediadas à realidade escolar e sociocultural que cada instituição está inserida, auxiliarão gradualmente no processo educacional.

Uma boa compreensão textual desenvolvida possibilita uma comunicação e interpretação de mundo de uma forma ampla e autônoma. Para atingir tal eficácia Lopez (2016) afirma que todo o processo acontece mediante a uma sequência de leitura, e, conseqüentemente, a escrita que permeia entre ler um determinado texto, entender o que foi lido, estabelecer relações críticas sobre o texto e guardar as informações na memória a fim de resgatá-las quando optar por tal ação. Dessa forma, ao escrever o sujeito conseguirá propor e executar tais tarefas com estratégias de escrita.

A escolha do presente tema partiu quando a autora deste trabalho ainda estava cursando a graduação em Letras - Língua Portuguesa, pois sempre foi amante da leitura e da escrita e viu nesta a oportunidade de trabalhar com o que gosta.

Com a chegada do final da graduação, era necessário escolher um tema para o trabalho de conclusão de curso que fosse inovador e da área de sua aptidão. A escrita e o jogo de palavras sempre fizeram parte das minúcias de seu dia a dia. Nesse âmbito, a persuasão simplificou e singularizou as suas expectativas. Dessa forma, optou pelo tema “Persuasão presente na obra ‘tormentos ocasionais’, de Bernadette Lyra”.

Este tema a fez perceber que a linguagem possui particularidades e que um discurso elaborado com objetivos, metas e estratégias de escrita planejadas inicialmente, tende a abarcar e aproximar o leitor do texto lido como também aprimorar os processos de leitura e escrita. É por meio da construção do discurso e da prática da leitura e escrita que se consegue direcionar a formação crítica e autônoma do discente. Sem imposições, mas sim com objetivos que farão com que ele chegue a essa construção leitora e escrita de forma autônoma e contínua.

Ainda na faculdade ela escrevia crônicas para o Jornal Fato-ES, atualmente publicou seu primeiro livro digital “e-book” de crônicas. A escrita é e sempre será uma forma de libertação para a autora, age como simples detalhes que acalentam a sua alma. O gênero textual crônica proporciona isso, haja vista que se trata de uma leitura fácil e atraente que encanta e aproxima pessoas/leitores.

Em face disso, na dissertação de mestrado a autora pretendeu abordar as duas situações que circundam sua vida pessoal e profissional, a formação do discurso e a crônica, por isso indagou-se com a seguinte questão “como a persuasão presente nas crônicas de Lya Luft pode contribuir para o desenvolvimento leitor e escritor crítico nas aulas de Língua Portuguesa?”

Ao questionar-se sobre a linguagem e sua importância na sociedade, viu-se a necessidade de estudar sobre a formação do discurso e as principais estratégias presentes nas crônicas de Lya Luft. Salienta-se ainda descrever como o domínio da palavra dá condições de transpassar inúmeros objetivos e como essa junção na escrita pode contribuir para o desenvolvimento de um leitor e escritor crítico nas aulas de Língua Portuguesa.

Em conformidade ao exposto, a escolha do problema de pesquisa do problema se pautou também, mediante a relação que a pesquisadora tem com o seu ambiente escolar. A pesquisadora trabalha como coordenadora pedagógica dos professores de Língua Portuguesa no município de Presidente Kennedy, no Espírito Santo, bem como, com substituições quando necessário, o que ressalta para a interação e convívio com os alunos das três escolas pólos do município.

Para elucidar e avaliar o desempenho dos alunos, os coordenadores pedagógicos do projeto Kennedy Educa Mais em parceria com a Secretaria de Educação elaboram simulados que visam a destacar a proficiência dos alunos nas disciplinas. Em face disso, ao analisar os dados do simulado de Língua Portuguesa, a pesquisadora refletiu também na necessidade de que os alunos pudessem ter um melhor desenvolvimento quanto ao processo de leitura, e, conseqüentemente, com a escrita.

Em suma, o 9º ano do ensino fundamental II foi escolhido por estar dentro do grupo direcionado à pesquisa, uma vez que o currículo da série contempla o gênero textual crônica e torna-se um caminho que ele terá conhecimento. Dessa forma, a aplicação do projeto aconteceu de forma acessível e dentro da realidade do educando, respeitando suas colocações, desafios e objetividades. Assim, por meio desta

pesquisa os resultados podem destacar como os alunos do 9º ano têm deixado o ensino fundamental para ingressar no ensino médio, quanto à leitura e a escrita.

Nesse aspecto, escrever é uma arte que a princípio pode ser complicada, caso não seja praticada. Todo seu exercício não se solidifica somente à produção textual, mas também na prática da leitura. Ler possibilita conhecer diversos mundos, tradições, culturas, ou simplesmente aprender novas palavras até as mais simples ou rebuscadas construções textuais. Na escrita, porém se posiciona a leitura que ficou marcada no inconsciente, criando discursos construtivos que possibilitam grandes desenvolvimentos socioeducativos.

Em geral, nos textos há diversos momentos em que a relação entre leitor e a sua compreensão dependerá do conteúdo, das estratégias de construção textual, do seu sentido e se for possível realizar analogias com a sociedade. Por isso, sempre que se diz ou se escreve algo, tem-se uma intenção. Essa intencionalidade do discurso pretende chegar ao leitor. Portanto, é necessário que esses conteúdos e objetivos escolhidos sejam ao longo do tempo, comprovados ou não. Não se deve excluir uma boa formação e organização textual, já que essa é fundamental para o entendimento, e, posteriormente, fixar a atenção do leitor na leitura.

A formação do discurso acontece por meio de estratégias, que junto a uma boa argumentação, origina-se numa organização sequencial que tende a aproximar o leitor do texto. Para a excelência desse trabalho persuasivo, é necessário pensar no interlocutor, não o obrigar a seguir o que o autor pensa e nem o forçar a acreditar em alguma verdade, não obstante por meio desses argumentos estratégicos, o interlocutor será conduzido ao entendimento buscado, seja ele, para entreter ou simplesmente mostrar algo.

Quando referir-se ao outro, deve-se pensar em sujeitos distintos que não se interessem e nem querem ler o que está produzido. Por isso, é fundamental pensar nele, colocar-se em seu lugar, olhar para as coisas com seus olhos, pois assim fica possível compreender as partes que precisam ser mudadas e alteradas, e ainda, entender que esse jogo linguístico depende do olhar do outro, a quem se foca o objetivo quanto à arte na leitura e suas compreensões.

Todo o exposto acima possibilita conhecer inúmeras estratégias de fala, de leitura, de escrita e de interação. No mundo profissional, ganha prestígio quem melhor se comunica e expõe seus pensamentos e ideias. No trabalho específico o foco foi a formação do discurso nas crônicas de Lya Luft e como as estratégias de escrita e de



leitura são usadas e podem possibilitar avanços no desenvolvimento crítico e ativo do discente na sociedade.

Dessa forma, a crônica por ser um texto de leitura fácil, curta e que propicia o encantamento e o enlaçamento consegue fazer relações diretas com a sociedade e aproximar o discente de uma realidade que faz parte do seu cotidiano. Isso ajudará ao jovem perceber que uma leitura que transpasse o tempo contribui para uma escrita suave e bem desenvolvida. E nada melhor, do que incentivá-lo a ler, escrever e trabalhar com textos persuasivos que estarão prontos a serem descobertos.

O jovem está a procurar por constantes inovações que, por vezes, não são interligadas nas aulas. A análise do discurso é um tema como este, dificilmente é posto como pauta nos currículos necessários para os alunos.

O gênero textual crônica perpassa por caminhos e distinções que fazem deste, um gênero positivamente poético. A literatura aproxima pessoas, pois trará diversas formas e assuntos da sociedade. E essas formas são encantadoras, possui uma leitura fácil, porém proporcionará reflexões intensas.

Para Cândido (1992, p. 20), ela diz coisas,

[...] mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada. Mas igualmente sérias são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente.

Dessa forma, é perceptível dizer que a crônica pode ser usada para desenvolver aspectos na leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa. Visto que um dos maiores desafios da sala de aula é formar adolescentes leitores e escritores críticos e aptos às exigências da sociedade.

Nessa perspectiva, Carletti (2007) afirma que no processo de,

[...] armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial (CARLETI, 2007, p. 2).

Em completude, tanto a leitura como a escrita proporcionam momentos de inteira relação. Se bem trabalhadas proporcionam inúmeras reflexões acerca do que se trata ou que mensagem deseja deixar. As críticas feitas e elaboradas através de uma leitura previamente elaborada são grandiosas, pois o leitor se identificou,

concordou ou não com o que foi exposto e expôs sua opinião. Isso é o que também acontece com a escrita.

Isto posto, as aulas de Língua Portuguesa na contemporaneidade devem propor isso aos seus alunos, de forma dinâmica atual e inovadora. Pois dessa forma, o discente conseguirá criar um perfil crítico que está totalmente ligado ao que acontece no mundo atual. Este é um processo que acontecerá ao longo de seu estudo e por intermédio de uma leitura e escrita intensificadas, bem trabalhadas, estimuladoras, atuais e criadoras de oportunidades. Por isso, através das estratégias de leitura e de escrita, e com a contemplação do gênero crônica que os docentes e mediadores poderão se subsidiar. Através desse exposto, foram delineadas uma narrativa com intencionalidade, e entremeando as estratégias do discurso como técnica para criar um enlace com o leitor.

Por essa razão, o presente trabalho objetivou analisar os mecanismos usados no discurso presente nas crônicas de Lya Luft e como esse procedimento pode desenvolver a criticidade leitora e escritora dos discentes nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, é importante verificar como os mecanismos do discurso e as estratégias de leitura e de escrita presentes nas crônicas de Lya Luft podem contribuir para a construção e formação da autonomia leitora e escritora.

Vale ressaltar que a autora das crônicas, que serão subsídios importantíssimos para a pesquisa, Lya Luft, destaca-se por ser uma escritora brasileira que nasceu em 15 de setembro de 1938 em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Ela é colunista da revista *Veja* foi professora e tradutora universitária. Reúne em suas produções diversos contos, crônicas, romances, poesias, ensaios e Literatura Infantil que aproximam a realidade para texto críticos, reflexivos e atemporais.

Ao longo do trabalho foi necessário aprofundar-se no jogo de linguagem e a forma como o discurso se forma, também se abordou a relação entre o gênero em estudo com as estratégias de leitura e escrita, e como este processo pode ser fundamental para a formação do perfil leitor e escritor nas aulas de Língua Portuguesa.

Com uma metodologia que se partiu das crônicas de Lya Luft, é válido ressaltar que um dos objetivos foi promover no aluno a criticidade e intencionalidade textual. Através de oficinas de leitura e escrita foi possível criar um enlace para a construção de um texto em que o discente se desenvolva com autonomia e com apresentação de juízos de valor. Por meio das oficinas de crônica-prática textual, objetivou-se criar caminhos para que o discente desenvolva a sua própria intencionalidade e criticidades

discursiva, leitora e escritora. Por isso a crônica, juntamente com a formação do discurso e as estratégias de escrita e leitura tendem a mediar esse processo de formação e desenvolvimento.

A pesquisa, evidenciou na introdução os objetivos e a intencionalidade do objeto de pesquisa do presente trabalho, bem como traz reflexões sobre a importância da leitura e da escrita na construção da criticidade do discente.

No capítulo dois, explicitou-se como a construção do discurso e as estratégias de leitura e escrita, auxiliados ao gênero crônica, contribuem para o desenvolvimento da criticidade e autonomia do leitor e escritor crítico nas aulas de Língua Portuguesa. Para que o referencial teórico decorra de maneira positiva e que o desafio proposto se transforme em um grande aprendizado, houve uma extensa demanda de leitura de livros, apostilas, artigos e diversos textos para análises bibliográficas sendo permeado pelos autores Lopez (2016), Souza (2010), Garcia (1997), Koch (1996, 1997), Cândido (1992) e Maingueneau (2004, 2008), que foram certificando e contribuindo para tal pesquisa a fim de estabelecer relações e diálogos com as hipóteses supracitadas, complementam e citam como as estratégias de leitura e de escrita auxiliadas a oficinas com o gênero crônicas e disposto de um discurso estratégico, funcionarão como suporte ativo e reflexivo na formação da criticidade leitora e escritora.

O capítulo três abarcou a metodologia, a pesquisa configurou-se como documental de cunho bibliográfico com uma abordagem qualitativa em que, por meio dessa metodologia, compreendeu-se como a autora Lya Luft utiliza em suas crônicas os mecanismos linguísticos, as estratégias de leitura e de escrita para manter o seu leitor ativo na história, por consequência, como essa junção criará um jovem ativo e crítico na sociedade. Ainda, descreveu-se o percurso da pesquisa-ação, no qual a pesquisadora atuou como mediadora na aplicação das oficinas que abordaram as estratégias de leitura e escrita. Por fim, foi exposto um e-book como sugestão para os docentes.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 REVISÃO DE LITERATURA**

Com base na situação-problema acima, acredita-se que com as estratégias de leitura e de escrita e com a contemplação do gênero crônica de Lya Luft, os discentes conseguirão se aproximar do texto lido e se verem nas realidades e contextos

propostos nos textos, e assim tornar-se-ão leitores e escritores ativos, críticos, reflexivos e autônomos.

A educação passou por constantes evoluções desde que o mundo se originou. A leitura e a escrita, aspectos básicos, importantes e singulares para um bom desenvolvimento pessoal, social e profissional vêm enfrentando um desgosto por parte dos adolescentes do século XXI.

Dessa forma, criar um ambiente em que esses processos aconteçam de forma leve, divertida e diversificada é uma das funções específicas do professor de Língua Portuguesa, visto que este profissional carrega uma enorme carga de responsabilidade e sucesso em suas costas. Por isso, nada mais produtivo do que escolher um assunto que seja agradável ao jovem e que desperte o seu interesse e um gênero textual que traga uma leitura rápida, aconchegante e com mistérios.

A este âmbito, os mecanismos do discurso, juntamente com as estratégias de leitura e de escrita trazem entrelaçadas ao gênero textual crônica, a leveza e sutilidade que tendem a abarcar o discente.

Sem embargo, é necessária a revisão de alguns trabalhos científicos para nortearem o início da pesquisa. Dessa maneira, o livro “Funções da Linguagem”, de Chalhub (2003) aborda as funções da linguagem também no campo poético e nas produções de literatura, disserta ainda, como as argumentações bem elaboradas nessas funções da linguagem conseguem proporcionar um ambiente produtivo e de passeio à leitura.

O livro “A linguagem e Persuasão”, de Citelli (1998) aborda a persuasão em minúcias que levam o leitor a refletir os aspectos característicos dos textos, como também estratégias que ajudam a compreender como se estabelece a formação textual.

O artigo científico “Linguagem e persuasão: o jogo argumentativo presente no gênero textual crônica”, de Arruda e Aoki (2009) faz uma análise retórica do discurso e uma investigação sobre o jogo discursivo presente no gênero textual crônica. Delimitaram-se ainda quais estratégias foram utilizadas para que se pudesse compreender o texto e a formação do discurso.

O artigo “A estilística nos textos emotivos, expressivos e subjetivos – o eu - lírico em foco: análise de “para que a existência valha a pena...” de Lya Luft”, de Lima (2017) discorre a presença de recursos estilísticos presente nas crônicas de Lya Luft

e como esses recursos criam ambientes expressivos e subjetivos aproximando os leitores do texto lido.

No artigo “Memória e persuasão nas crônicas de Lya Luft escritas para a revista *Veja*”, de Almeida (2017) apresenta as memórias e a persuasão presentes nas obras de Lya Luft com o propósito de proporcionar momentos de interação. Aborda também as finalidades da comunicação e as interposições que são realizadas nas crônicas da autora.

A tese intitulada “A tradição e a novidade no ensino de produção textual: a contribuição da pedagogia retórica”, de Souki (2012) aborda como a retórica e arte das palavras podem contribuir positivamente para a produção textual em sala de aula. A argumentação, a forma, o conteúdo e os métodos específicos auxiliam nas aulas de produção textual.

Já o trabalho “Os modos de organização do discurso e a leitura guiada por emoções”, de Coelho (2017) traz concepções de que o texto, por fazer parte do processo de comunicação, cria discursos que interajam com o leitor por meio intenções discursivas do autor. Alguns princípios básicos, modos de organização do discurso e o agenciamento de emoções fazem parte de uma produção que faça a diferença na relação leitor-escritor-leitor.

O artigo “A construção de sentidos no texto escrito: um estudo das estratégias textual-discursivas na crônica de Lya Luft”, de Fonseca (2011) objetivou refletir como a linguística textual interfere positivamente na construção do texto escrito produzido pela autora Lya Luft. Diversas estratégias textual-discursivas e referências nas crônicas da autora são analisadas. O estudo dessas estratégias discursivas, no texto de Lya Luft, corrobora o fato de que um texto não é simplesmente uma sequência de palavras, mas sim uma cadeia organizada textual e discursivamente.

Por consequência, os trabalhos supracitados foram de extrema importância para o primeiro contato com o tema e a situação-problema referida. Assim, a pesquisa conseguirá seguir um caminho pautado em autores e obras de relevância que farão a diferença no processo de investigação da pesquisa.

## 2.2 LEITURA E ESCRITA: ABORDAGEM HISTÓRICA

Ao analisar o ensino e historicidade da leitura é fato afirmar que antigamente ela estava inteiramente relacionada às atividades sociais e político-ideológico. Por se tratarem de diversas concepções a leitura migrava por ser um instrumento de dominação e manutenção das práticas. No entanto, com as determinações sobre a leitura, com o passar dos anos ficou perceptível que a leitura pode auxiliar em sistemas de opressão, viabilizar comunicação, diminuir opressões e desmascarar a realidade. A imposição sempre esteve presente desde as primeiras transmissões de conhecimento que migravam da educação, até a ciência e tecnologia.

A dependência social, cultural e econômica dependerão da bagagem que trouxer consigo, ou melhor, as experiências e conhecimentos que são construídos ao longo dos anos. Quando os portugueses migraram para o Brasil, trouxeram conhecimentos importantes para a catequização dos índios. Transferindo-se para atualidade, esse conjunto de experiências são aprimorados com o exercício diário da leitura e da escrita.

É fato afirmar que a leitura é o mecanismo que possibilita a maior compreensão sobre a história, evolução e estudo que a humanidade carrega. A prática da leitura foi se moldando acerca do grupo social e das características que a sociedade apresentava. O mesmo acontece com a escrita, que passou por diversas atualizações até chegar a escrita virtual que é muito atualizada na contemporaneidade.

Por muito tempo, quem sabia ler ou escrever era considerado privilégio de sacerdotes, escribas ou pessoas ligadas diretamente a funções de hierarquia, como os governantes e outros. Dessa forma, por vezes, quem era assistido tal privilégio utilizava de tal conhecimento para se sobressair sobre o outro.

No entanto, foi na antiguidade que surgiu a leitura coletiva e oral em que se lia em voz alta para as pessoas e esses textos eram decorados, trechos dos textos, o que acontecia em Atenas com as epopeias de Homero. Já a leitura silenciosa surgiu com os monges na Idade Média. Eles exigiam um ambiente claro e silencioso para efetivação da leitura de forma que compreendesse o que estava descrito, e, conseqüentemente, fazer as descrições necessárias que eram estabelecidas por eles.

Dessarte, foi somente no século XVIII que a leitura se tornou efetivada e comercial, tornando-se assim uma prática popular entre as pessoas. A consolidação deste hábito teve grande impacto na sociedade, uma vez que a leitura e a escrita permitiam conhecer e ter uma visão autônoma, crítica e reflexiva sobre o que se acontecia.

A leitura, a prática da escrita e contação histórias por muitos anos foram consideradas privilégios por alguns profissionais em específico, como os clérigos, artesãos e comerciantes, o que mudou com a chegada da escolarização. A leitura nesses casos não tinha fim, era somente uma abreviação e início do estabelecimento do que viria: a escrita.

Com a chegada dos séculos XVI e XVII a leitura por meio da memorização se solidificou na Europa, período em que também se destacou o grande poder que a igreja tinha sobre o ensino. O objetivo não era alfabetizar, mas sim passar os conhecimentos sobre o catolicismo, primordialmente, que eram permeados pelas práticas de memorização. Por isso, por anos o ato de ler findava-se sobre a significação de decorar cada segmento, palavra e letra. Os textos eram ouvidos e o leitor não tinha autonomia de expor sua opinião, sendo considerado então, passivo e impedindo de realizar questionamentos, viabilizando a prática do conhecimento absoluto e inderrogável.

A disciplina começou a ganhar destaque no século XVII, quando ficou perceptível que era melhor instruir os sujeitos que tinham conhecimento sobre leitura dos que não tinha. E assim, a igreja com as aulas da catequese começa a ensinar as crianças a ler. O primeiro contato com a leitura que as crianças tiveram no processo de alfabetização foram os textos religiosos, no entanto esse processo ainda era visto como uma ferramenta de catequização.

Com o passar dos anos foi necessário que se estabelecesse uma relação entre a alfabetização e a escolarização. Pois assim a criança conseguiria ter um conhecimento histórico e gramatical da língua, e, posteriormente, aprender a escrever contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, foi no século XIX com o domínio do estado que a alfabetização e a prática, que a leitura e escrita passam a não ser mais somente instrumento da igreja e praticado na catequese. É na divisão de poderes que uma nova perspectiva se instaura.

Por outro lado, quando se fala em evolução ou passagem histórica e escrita merece destaque. Desde a antiguidade até os dias atuais a forma como o homem se expressava evoluía junto com o tempo. A presença e participação da leitura e da escrita são tão intensas e necessárias que fica impossível imaginar uma sociedade sem os usos da linguagem verbal, não verbal e suas inúmeras variações. É válido dizer que ao mapear a evolução da escrita e dos primeiros registros que acompanhavam a evolução da sociedade, sua importância é destacada logo a

princípio. A pintura rupestre era utilizada para demarcar os registros das atividades do homem na Pré-História. Barbosa (2013, p. 34) ratifica que o ser humano busca,

[...] comunicar-se com gestos, expressões e a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação.

Em completude a isso Gagliari (2004, p. 13) afirma que a escrita é oriunda da leitura, quer dizer, é uma invenção dela, pois,

[...] um dia numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano... A humanidade descobria assim que quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita.

Dessa forma, a escrita ganha destaque quando na evolução da Pré-História o ser humano sente a necessidade de registrar suas atividades campestres, demarcando sua evolução ou não. Com isso, ao longo dos tempos a escrita vem enfrentado questões que merecem destaque. Antes a escrita era vista como primordial, por vezes o papel era considerado o único meio de registrar, porém com a chegada e inserção das Tecnologias de Comunicação e informação - TIC, causou uma grande evolução digital que inovou as práticas de leitura e escrita. O que antes se pautava unicamente ao “papel” atualmente é dividido por “telas e teclados”.

Sobretudo, “a escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo” (GARCEZ, 2002, p. 11). Embora as novas TICs tenham um impacto positivo no processo de leitura e escrita em que permitem uma maior acessibilidade do que é produzido, o modo como se instauraram são únicos e conseguem estimular benefícios característicos e intencionais.

Dessa maneira, com a evolução do mundo, e com a inserção cada vez maior das tecnologias no cotidiano das pessoas, a leitura e a escrita foram ganhando outro perfil, não deixaram de ter suas particularidades, mas o que antes era tido somente o livro físico, jornais, revistas e enciclopédias para ter acesso ao conhecimento, na atualidade com menos de um minuto se encontra o que deseja.

Com a nova realidade educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's determinam em seu documento que o ensino de Língua Portuguesa deve se pautado em textos e não meramente trabalhar aspectos gramaticais e a história da



língua (BRASIL, 1998). Diante desse exposto, o ensino da língua se pautará diante da oralidade e da escrita, bem como reflexões sobre a língua e a linguagem. Assim, fica evidente que a leitura e a escrita devem ser práticas incentivadas no âmbito escolar. A leitura deve ser considerada primordial na construção de sentidos que vai além da decodificação das letras e se solidifica na escrita.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SALA DE AULA

É salientável dizer que a leitura é um instrumento que permeará o processo de ensino-aprendizagem, mas que ao mesmo tempo, um dos maiores desafios da atualidade é tornar o jovem um leitor ativo e crítico na sociedade. Esse quadro está de acordo com as grandes evoluções do mundo tanto no meio tecnológico, quanto no meio social.

Por anos, quem sabia ler era considerado o que tinha poder e dominação. A leitura possibilita uma maior socialização do mundo, sem criar hierarquias ou aspectos de dominância, mas sim a criação de uma autonomia perspicaz, inalterável e indestrutível. Para isso Souza (1992) contempla que é primordialmente o,

[...] de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (SOUZA, 1992, p. 22).

As evoluções pelo qual a humanidade enfrentou, enfrenta e enfrentará são os divisores das questões supracitadas. A evolução pode equiparar ou distanciar quadros, que caso não tiverem ou forem realizadas estratégias para alterar o percurso, pode não ser recuperado, ou até mesmo levar anos para o seu retorno. É o que aconteceu com o mundo, no princípio da vida a comunicação transgrediu da arte rupestre e foi evoluindo até os primeiros livros. Por muito tempo a leitura de livros, enciclopédias, revistas e jornais eram a única forma de conhecer mundos distintos, realizar pesquisas, saber o que acontecia no mundo ou na sua localidade. Dessa forma, a leitura tornou-se indispensável à vida, seja ela aos jovens ou adultos. No entanto, com as evoluções naturais e o surgimento da internet um novo meio foi se instaurando ao meio social e elucidando diversas possibilidades de se ler e descobrir coisas.

Nesse sentido, a leitura deve uma prática constante. Por isso, para Grossi (2008), os indivíduos que não leitores são limitados em relação à,

[...] comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato apenas com idéias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] ‘é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido’, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles, abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos (GROSSI, 2008, p. 3).

O exercício da leitura deve ser praticado e incentivado desde as séries iniciais, com a participação familiar bem como com a instituição escolar. Com o passar dos anos e das evoluções, a escola foi ganhando novas perspectivas em relação ao ensino e ao processo de leitura. Hodiernamente, o professor tem que dividir a sua aula com o celular, *tablets* e computadores que auxiliam grandiosamente o dinamismo da aula, mas também podem distanciar a leitura “física” dos alunos.

Nos meios tecnológicos os discentes se deparam com diversas produções de conteúdo, lerão ao longo do dia inúmeras conversas e materiais, contudo na perspicácia da leitura de livros, essa ação vem se perdendo ou simplesmente sendo deixada para a segunda opção.

A leitura e a escrita são os maiores desafios da atualidade no processo de ensino-aprendizagem, em contrapartida se trabalhadas de maneira instigantes despertam uma visão além da base, criando inúmeras possibilidades de desenvolvimento. Dessarte, Lopez (2016, p. 9) ratifica que estas são importantes mecanismos que o ser humano “[...] podem dispor e que oportunizam mudanças qualitativas na história e no pensamento. Escrever, ler e compreender são processos que precisam ser ensinados e desenvolvidos ao longo da escolaridade”.

Dificilmente o livro será substituído, pois ele é aquele espaço acolhedor, seguro e familiar que tende a abarcar os leitores de forma assídua, verdadeira e intensa. Por isso, a leitura deve ser trabalhada na sala de aula diariamente sem anular a presença do que o aluno traz consigo, uma tarefa um tanto peculiar, instintiva e necessária.

A leitura auxiliada ao processo de alfabetização, que se inicia nos anos iniciais e propõe continuidade até os anos finais, estabelece relações ativas e grandiosas com os discentes. Ampliar o vocabulário, conhecer novos mundos e tudo o que está abarcado a ele, desenvolver a escrita de forma prática e ampliar a imaginação de forma ativa é um dos benefícios que a leitura oferece ao seu destinatário. Cavalcanti (2002) afirma que ler representa,

[...] uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo se “estar-no-mundo” e reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis (CAVALCANTI, 2002, p. 13).

Por esse motivo, é importante que a leitura seja desenvolvida e trabalhada nas aulas com a intenção de criar ambientes propícios à criação e construção de um discente leitor. Mas, diferente de trabalhá-la diariamente, ela não deve acontecer de forma obrigatória, uma vez que terá um efeito rebote, quer dizer, o aluno perderá o interesse. A maioria das ações que possuem uma enorme carga de obrigatoriedade tende a entrar em um processo de negação e a prática da leitura não tem este objetivo.

Para Dutra (2011) trabalhar a leitura em sala de aula é uma das competências que mais devem ser inseridas no meio educacional. Devido a pesquisas recentes apontarem que a principal deficiência do discente brasileiro é a leitura que está em discordância com os objetivos traçados. Para a autora, a leitura desenvolvida de forma qualitativa ampliará gradualmente a visão de mundo do sujeito e oportunizará a ampliação do hábito que tende a formar um sujeito ativo, crítico e autônomo na sua transformação e no meio social em que vive. Em consonância, Prado (1996) afirma que, quando a criança tem acesso a livros, ela acaba desenvolvendo a criatividade,

[...] a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar (PRADO, 1996, p. 19-20).

Assim, é relevante ressaltar que ao ler diariamente sensações são despertadas, a leitura vai além de somente decodificar o que foi escrito, é preciso compreender e entender o que foi lido. É como se a leitura direcionasse o leitor a sua compreensão, sem filtros e obrigações. Dessa forma, é possível desenvolver um leitor ativo e que, conseqüentemente, estará frente a frente com as transformações em que será transformado ou fará transformações no meio em que vive. Para Rangel e Rojo (2010), ler envolve aspectos sociais, haja vista que,

[...] Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos (RANGEL; ROJO, 2010, p. 87).

A leitura faz parte da vida do ser humano, Freire (1989) declara que a leitura não se inicia somente na palavra, mas também na leitura de mundo, das coisas que perpassam a vida de cada sujeito que ambas tão interligadas e são necessárias para o desenvolvimento leitor. E complementa:

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto [...] (FREIRE, 1989, p. 11).

Em vista disso, para Carletti (2007) a base mais importante na formação do ser como cidadão ativo e crítico na sociedade é a leitura, pois dessa forma ela irá perpassar as interpretações sem criar paradigmas que não destacam a relevância da leitura na vida dos sujeitos. “A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado de todas as matérias escolares. Por isso, em cada ano/série, o aluno precisa desenvolver mais e mais sua capacidade de ler e escrever” (BRASIL, 2006, p. 37). Em consonância, Martins (1984) afirma que,

As investigações interdisciplinares vêm evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e de suas circunstâncias de vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo (MARTINS, 1984, p. 12).

Para isso, a escola deve criar espaços e situações propícias a esse desenvolvimento do aluno. O professor deve aproximar a leitura do seu aluno sem que essa ação se torne obrigatória, a mediação é a base de uma consolidação ativa e diferenciada. Com essa notoriedade ativa, o aluno terá autonomia em seu processo de formação leitora de qualidade.

Nesse íterim, os PCN's trazem diretrizes que suplementam como a leitura e da escrita devem ser praticadas no contexto educacional,

Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. No âmbito desta abordagem, fica evidente que os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar e enriquecer a

forma como se procede a uma atividade, seja ela individual ou coletiva, com intuito de facilitar à criança desenvolver seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem. Sabe-se que os procedimentos estão relacionados ao domínio do uso de instrumentos de trabalho, que possibilitem a construção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades. Favorecem, portanto, a construção, por parte dos alunos, de instrumentos que os ajudarão a analisar os resultados de sua aprendizagem e os caminhos percorridos para efetivá-la. Como exemplo, tem-se a realização de pesquisas, produções textuais, resolução de problemas, elaboração de sínteses e outros (BRASIL, 1998, p. 36).

Como já afirmam os PCN's é direito do aluno ter acesso a leitura. Porém, o que se percebe é que muitos sujeitos não recebem o incentivo de seus familiares, e, conseqüentemente, não despertarão o interesse pela leitura. Por isso é importante que a escola seja o complemento para essa fragilidade que assenta a realidade. Solé (1998) afirma que,

A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição (SOLÉ, 1998, p. 51).

Fica compreendido que o papel da escola é mediar os processos que intercambia o incentivo a leitura de modo a oferecer também professores capacitados para o desenvolvimento deste objetivo com práticas e estratégias pedagógicas para o exercício da leitura.

### **2.3.1 Os desafios e a formação do perfil leitor**

Ao se falar em leitura, logo se pensa em imaginação, ficção, criação de proposições, viagens sem sair do lugar, para além disso, a leitura é a principal formadora de um cidadão crítico capaz de desenvolver habilidades básicas como a escrita e a compreensão de diversos conteúdos. Para isso, criar um perfil leitor de forma que seja crítico, autônomo e ativo é uma tarefa que demanda estratégias e passos com o intuito de formar tal perfil.

Desse modo, quando se fala em formar um perfil leitor não se delimita a somente apresentar e colocar à disposição livros, textos, histórias atrativas de fácil entendimento, é importante levar em consideração a qualidade do que é oferecido e como serão realizadas as interações por meio daquela leitura.

Não haverá leitor sem leitura, por isso para que se forme um leitor é importante que o discente tenha a sua disposição, bons materiais e com diversas situações que favoreçam a construção de um perfil ativo e crítico. Para isso, é importante ofertar livros variados e de qualidade. Posteriormente, o professor deverá ser o mediador e planejar atividades que seja possível compreender o que está no texto e além dele, os fatos explícitos e implícitos.

Dessa forma, quando o docente for trabalhar um texto em sala de aula, ele deve lê-lo com o propósito de planejar os caminhos e estratégias que utilizará em sala, bem como, sanar as possíveis dúvidas que os discentes possam ter.

Isto posto, após o aluno entrar em contato com o texto e fazer a delimitação das inferências do que está explícito ou implícito no texto conseguirá estabelecer relações com o exterior, com outra obra e descobrir significados a partir do texto lido. Melhor dizendo, para que a formação de leitores realmente aconteça, um caminho deve ser percorrido e requer estratégias que irão intercambiar todo o processo de formação leitura.

Desta forma, um dos objetivos primordiais na aplicabilidade da leitura é além de inseri-lo na sociedade de forma ativa, significa ampliar sua visão de mundo e suas expectativas. Com isso, os PCN's abordam em seu artigo que,

O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano. As formas de ensinar e aprender são contextualizados e dessa forma permite ao aluno se relacionar com os aspectos presentes da vida pessoal, social e cultural, mobilizando as competências cognitivas e emocionais já adquiridas para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento. Isso evidencia a necessidade de trabalhar com o desenvolvimento de competências e habilidades, às quais se desenvolvem por meio de ações e de vários níveis de reflexão que congregam conceitos e estratégias, incluindo dinâmicas de trabalho que privilegiam a resolução de problemas emergentes no contexto ou no desenvolvimento de projetos (BRASIL, 1998, p. 149).

Em complemento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) documento que entrou em vigor no ano de 2018 destaca que,

ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 67-68).

Ambos os documentos afirmam a importância do papel da escola e do docente no processo de formação leitora e também escritora. Por isso, a instituição de ensino deve ser um ambiente em que seja possível disponibilizar essas condições.

Para que a leitura atinja seus objetivos é importante ressaltar que algumas estratégias fazem parte desse processo de objetivar a leitura e não apenas trabalhar mecanismos com decodificação de palavras e letras. Quando um sujeito lê algo ele deve expor seus sentimentos e reações que vão se solidificando ao longo do texto. Por isso, é possível utilizar as estratégias de leitura que nada mais são do que técnicas ou metodologias para se adquirir uma informação e também procedimentos que possuem o objetivo de facilitar o processo de compreensão leitora.

A leitura será entendida como um processo de inteira interação entre o leitor e o texto. Como destaca Kleiman (2007), para se formar um leitor é necessário ter paixão pela leitura. De acordo com Solé (1998) para a concretização e desenvolvimento de uma leitura proficiente as estratégias de leitura são ferramentas necessárias e pertinentes. Com uma aplicação bem desenvolvida o aluno conseguirá interpretar e compreender os textos lidos de forma autônoma, crítica e reflexiva concretizando o trabalho efetivo para a formação de um leitor independente. E acrescenta que,

[...] para que um mau leitor deixe de sê-lo, é absolutamente necessário que possa assumir progressivamente o controle do seu próprio processo e entenda que pode utilizar muitos conhecimentos para construir uma interpretação plausível do que está lendo: estratégias de decodificação, naturalmente, mas também estratégias de compreensão: previsões, inferências, etc. as quais precisa compreender o texto (SOLE, 1998, p. 126).

A autora afirma que os procedimentos pelos quais as estratégias de leitura passam, abrangem objetivos e planejamentos que tendem a ser atingidos e conquistados. Ao longo desse processo, as estratégias são usadas com o intuito de analisar como os mecanismos de leitura, que o leitor irá desenvolver ao longo da aplicabilidade das estratégias, contribuem para a construção de sentido.

Para que as estratégias sejam aplicadas adequadamente é preciso que se criem situações que promovam o ensino significativo, e, conseqüentemente, uma leitura de significados, que tenha e traga sentidos para o aluno. Outro fator importante é a vivência que o aluno deve presenciar ao estar em contato com a leitura e suas estratégias, ele precisa presenciar como o professor reage quando se depara com

situações adversas ou dificuldades na leitura. Em consonância, Solé (1998) ratifica que,

[...] para ensinar as estratégias que podem ser adotadas quando há lacunas na compreensão não se deve fazer muito mais do que o imprescindível para a compreensão do texto; mostrar aos alunos os objetivos da leitura, proporcionar e ativar os conhecimentos prévios, ensinar a inferir, a fazer conjecturas, a se arriscar e a buscar verificação para suas hipóteses; explicar o que podem fazer quando se deparar com problemas no texto (SOLÉ, 1998, p. 130).

Outrossim, é por meio da prática e estabelecendo relações reais com a realidade que a leitura deve acontecer. Ao se direcionar aos aspectos que tornam a leitura ativa e crítica na formação do discente, não se deve negar a importância do professor e sua ação direcionada à formação de um leitor. No entanto, não é nulo afirmar que o docente enfrenta inúmeros desafios neste processo, e integrar a leitura de forma prazerosa e contínua é um exercício diário, complexo e desafiador.

Ao longo dos tempos fala-se muito em “formar leitores”, mas a realidade em questão está associada a poucas crianças que têm o contato com livros, com pais, adultos, professores e outros, que recomendam a leitura em seu dia a dia. Por isso, aquele aluno que chega à escola sem ter conhecido ou tem pouca familiaridade com a leitura terá dificuldade em inseri-la em seu meio do que o discente que tem o incentivo em casa. A família deve agir como complementadora e auxiliadora do que é trabalhado e desenvolvido na escola.

Todavia, há também sujeitos que somente citam os grandes livros e autores, mas não se interessam pela leitura e a descrevem de forma hiperidealizada que certamente não conquistará o jovem. Muitos a descrevem por comum, uma ação idealizada e mágica, porém esquecem de abordar que para se tornar um leitor assíduo exige um esforço contínuo. Para isso, Souza (2004, p. 38) afirma que,

O prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação. O contato com adultos pseudoleitores e com idealizações infelizes a respeito da literatura e da leitura, de qualquer forma, tenho certeza, não tem contribuído para a formação de novos leitores.

De acordo com o relatório de resultado de 2016 do Sistema de Avaliação da Educação Básica – Avaliação Nacional de Alfabetização (SAEB/ANA), em escala nacional somente 13% dos alunos atingiram o nível quatro de proficiência em leitura.

Quadro 1 - Distribuição percentual dos estudantes nos níveis de proficiência em leitura

Brasil	Porcentagem
--------	-------------



Nível 1	22%
Nível 2	33%
Nível 3	32%
Nível 4	13%

Fonte: Microdados do Saeb/ANA 2016/Inep.

Com base na matriz de referência de leitura da prova SAEB/ANA e com as descrições dos dados de cada nível em que o aluno seria avaliado, como pode ser visualizado abaixo, percebe-se que a leitura deve ser intensificada no ambiente escolar, com a finalidade de minimizar as dificuldades e mazelas no processo de formação do aluno leitor.

Quadro 2- Matriz de Referência de Língua Portuguesa

Eixo Estruturante	Habilidade
Leitura	H1. Ler palavras com estrutura silábica canônica
	H2. Ler palavras com estrutura silábica não canônica
	H3. Reconhecer a finalidade do texto
	H4. Localizar informações explícitas em textos
	H5. Compreender os sentidos de palavras e expressões em textos
	H6. Realizar inferências a partir da leitura de textos verbais
	H7. Realizar inferências a partir da leitura de textos que articulem a linguagem verbal e não verbal
	H8. Identificar o assunto de um texto
	H9. Estabelecer relações entre partes de um texto marcadas por elementos coesivos

Fonte: Brasil, 2013.

Quadro 3 – Interpretação pedagógica da escala de leitura

Interpretação da Escala de Proficiência em Leitura	
NÍVEL 1 (menor que 425 pontos)	Neste nível, os estudantes provavelmente são capazes de: √ Ler palavras com estrutura silábica canônica, não canônica, ainda que alternem sílabas canônicas e não canônicas.
NÍVEL 2 (maior ou igual a 425 e menor que 525 pontos)	Além das habilidades descritas no nível anterior, os estudantes provavelmente são capazes de: √ localizar informações explícitas em textos curtos, como piada, parlenda, poema, quadrinho, fragmentos de narrativas e de curiosidade científica, e em textos de maior extensão, quando a informação está localizada na primeira linha do texto; √ Reconhecer a finalidade de texto como convite, campanha publicitária, infográfico, receita, bilhete, anúncio, com ou sem apoio de imagem;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>√ Identificar assunto em textos como campanha publicitária, curiosidade científica ou histórica, fragmento de reportagem e poema cujo assunto está no título ou na primeira linha;</li> <li>√ Inferir relação de causa e consequência em tirinha</li> </ul>
NÍVEL 3 (maior ou igual a 525 e menor que 625 pontos)	<p>Além das habilidades descritas nos níveis anteriores, os estudantes provavelmente são capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>√ Localizar informação explícita em textos de maior extensão, como fragmento de literatura infantil, curiosidade científica, sinopse, lenda, cantiga folclórica e poema, quando a informação está localizada no meio ou ao final do texto;</li> <li>√ Identificar o referente de um pronome pessoal do caso reto em textos como tirinha e poema narrativo;</li> <li>√ Inferir relação de causa e consequência em textos verbais, como piada, fábula, fragmentos de textos de literatura infantil e texto de curiosidade científica, com base na progressão textual; informação em textos como história em quadrinhos, tirinha, piada, poema e cordel; assunto em textos de divulgação científica e fragmento de literatura infantil; e sentido de expressão de uso cotidiano em textos como poema narrativo, fragmentos de literatura infantil, de curiosidade científica e tirinha</li> </ul>
Nível 4 (maior ou igual a 625 pontos)	<p>Além das habilidades descritas nos níveis anteriores, os estudantes provavelmente são capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>√ Identificar o referente de: pronome possessivo em poema e cantiga; advérbio de lugar em reportagem; pronome demonstrativo em fragmento de texto de divulgação científica para o público infantil; pronome indefinido em fragmento de narrativa infantil; e pronome pessoal oblíquo em fragmento de narrativa infantil;</li> <li>√ Identificar relação de tempo entre ações em fábula e os interlocutores de um diálogo em uma entrevista ficcional;</li> <li>√ Inferir sentido de expressão não usual em fragmento de texto de narrativa infantil.</li> </ul>

Fonte: Daeb/Inep 2016.

Com base nisso, Kleiman (2002, p. 13) salienta que o entendimento de um texto é,

[...] um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente os diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

Por isso, é válido compreender a significação do que é um leitor para assim conseguir estipular o caminho necessário para seu completo desenvolvimento. Ação essa que será organizada e trabalhada pelo professor e a instituição de ensino.

O leitor nada mais é aquela pessoa que lê as diversas tipologias e consegue diferenciar uma da outra, além disso, utiliza os textos para o bem próprio, tira ensinamentos que serão aplicados em sua vida, amplia a visão de mundo, por motivo religioso ou somente por entretenimento.

Todos os meios literários possuem a sua significação que ao receberem uma reação indiferente pode afastar a formação do perfil leitor. Para isso, Souza (2004) complementa que,

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseado no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida (SOUZA, 2004, p. 39).

Diante disso, é importante que o aluno saiba que a literatura é um aparato necessário à vida e que sem ela sentidos se desfazem ou perdem significações. Vale ressaltar que a literatura está diretamente ligada à linguagem poética, em outras palavras, é aquele discurso que vai além da objetividade na criação de seus sentidos. Diferente de um texto objetivo em que os leitores chegarão a mesma interpretação final, o texto poético ou subjetivo não dará essa segurança, pois a interpretação final de cada leitor se baseará também nas leituras de mundo que cada um traz em sua bagagem. Esses aspectos são relevantes e precisam ser considerados no momento em que se deseja criar um perfil leitor nos discentes.

Outro ponto relevante é a diferença socioeconômica que existe no Brasil, de um lado há crianças de dez anos que trabalham para ajudar suas famílias, por outro lado existem jovens de aproximadamente 20 anos que nunca trabalharam. Há jovens que estudam em boas escolas por toda a vida, em contrapartida há outros que mal conseguem terminar os estudos. Mediante a esse cenário como seria possível criar um perfil leitor?

Os desafios para formar um leitor na escola são grandes e alguns aspectos precisam ser levados em conta. Estudos apontam que a família e a escola são importantíssimas no processo de formação do leitor, por outro lado, poucas escolas possuem bibliotecas e/ou espaços que possibilitem a prática da leitura. Porém, o professor deve agir como o mediador do processo e possibilitar condições para o desenvolvimento leitor, pois de acordo com o Ministério da Educação – MEC é dever da escola garantir que o aluno tenha acesso ao livro e crie ações que desenvolvam as práticas de leitura.

Quando o professor chega à sala de aula ele se depara com inúmeros alunos que possuem realidades completamente diferentes, este ainda tem que lidar com um

sistema que estipulam provas, o seguimento do livro didático, preenchimento de papéis e a garantia da aprendizagem.

É o professor que “comanda” a sala, que planeja as aulas e corrige as atividades e é ele que deve ofertar condições para o aluno se desenvolver. Diante disso, o docente deve criar mecanismos que possibilitem condições do aluno desenvolver o gosto pela leitura. No entanto, a família precisa estar ativa para dar continuidade ao que for trabalhado e desenvolvido na escola.

É válido ressaltar que muitos alunos terão o primeiro contato com o livro na escola, a diferença socioeconômica interfere ativamente no processo de ensino-aprendizagem e nas bagagens trazidas pelos alunos. Todavia, antes de incentivar a leitura o professor deve ser ativo, pois para Silva *apud* Souza (2004) o professor só conseguirá desenvolver mecanismos para seus alunos de forma ativa se ele for um leitor assíduo.

Souza (2004, p. 57) complementa afirmando que é substancial que se tenha clareza,

É importante que se tenha claro que somente aquele que lê e que ama os livros é capaz de formar outros leitores. Nesse sentido, se queremos formar leitores em nosso país, é necessário que se invista na formação inicial e continuada dos professores, com a destinação de recursos, tempo e espaços especialmente planejados com o objetivo de criar uma comunidade de leitores.

Por isso, o docente além de propor projetos de incentivo a leitura deve também ter a prática da leitura enraizada a sua rotina. Assim, ele conseguirá escolher os livros ou textos que apresentem uma boa característica literária.

Desse modo, ler exige tempo, prioridade, vontade e vai testar habilidades. Por isso, para formar um perfil leitor é importante que o docente exerça a prática da leitura individual na sala de aula, por meio de atividades que deem sentido ao que é estudado em sala, independentemente da disciplina, promovendo assim uma análise do que é lido e os relacionando com a realidade. Dessa forma, é interessante que o aluno perceba que é possível fazer relações do que ele estuda e lê com a realidade em que vive, e para que haja uma maior consolidação dessa ação é importante que o docente crie projetos com o objetivo de desenvolver esses aspectos. Com base nisso, a BNCC (2018) declara em seu documento que,

Durante a leitura, as habilidades operam de forma articulada. Dado o desenvolvimento de uma autonomia de leitura em termos de fluência e

progressão, é difícil discretizar um grau ou mesmo uma habilidade, não existindo muitos pré-requisitos (a não ser em termos de conhecimentos prévios), pois os caminhos para a construção dos sentidos são diversos. O interesse por um tema pode ser tão grande que mobiliza para leituras mais desafiadoras, que, por mais que possam não contar com uma compreensão mais fina do texto, podem, em função de relações estabelecidas com conhecimentos ou leituras anteriores, possibilitar entendimentos parciais que respondam aos interesses/objetivos em pauta. O grau de envolvimento com uma personagem ou um universo ficcional, em função da leitura de livros e HQs anteriores, da vivência com filmes e games relacionados, da participação em comunidades de fãs etc., pode ser tamanho que encoraje a leitura de trechos de maior extensão e complexidade lexical ou sintática dos que os em geral lidos (BRASIL, 2018, p. 76).

Com essas habilidades trabalhadas os discentes, ao longo do percurso, serão capazes de transferir os conhecimentos adquiridos por meio das leituras e estratégias do professor e aplicar em sua realidade. Ele entenderá que a leitura está altamente interligada com o que ele e as outras pessoas vivem e enfrentam diariamente. Compreenderá que a leitura possibilita viver, entender situações que vão além da ficção.

Para que tal ação seja consolidada, a leitura que o discente fará deve estar ligada à sua realidade, assim como além de somente descrever o que entendeu, o aluno deve detalhar como chegou a esse entendimento, em outros termos, quais caminhos ele percorreu para conseguir compreender um texto. Por isso, fazer relações, inferências e interpretar as informações recebidas são indispensáveis para a formação do perfil leitor.

Ao se estabelecer essas relações a compreensão que o aluno tem e cria do texto estará em escala de desenvolvimento assim como, o aumento no repertório desse discente, pois dessa forma, ele entenderá que existem várias formas de se compreender um texto e que pode escolher por qual caminho deseja percorrer, e a autonomia do aluno, enfim começará a ser construída.

Outro ponto que é relevante para a construção de um leitor autônomo é a criticidade que este discente apresenta argumentos sobre determinada ideia dos textos lidos. Ele analisará não sobre as ideias e colocações dos colegas, mas também a própria opinião e conseguirá eliminar possíveis incoerências e contradições que ocorram.

Com essas ações e estratégias bem aplicadas seria possível criar um perfil leitor autônomo e crítico que fará da leitura uma amiga inseparável. Porém, os desafios que os professores encontram são inúmeros. E por serem grandiosos, não é

nulo notar que muitos docentes escolhem textos curtos e com adaptações, pois afirmam que o seu aluno não conseguirá compreendê-los. Seria uma questão de compreensão ou apenas uma luta contra um sistema?

Ao se pensar em um leitor, deve-se considerar que este não deixará de compreender um texto pelo seu tamanho, pelas novas transcrições, ou por palavras substituídas, mas sim pelo conjunto, pelo contexto, pela sua maturidade intelectual e pelas inferências que serão feitas. Todo esse processo não acontecerá de um dia para o outro, a leitura é um exercício diário que exige esforço, contudo se desenvolvida traz benefícios duradouros e “acalenta a alma”.

Dessarte, o professor pode auxiliar na formação de um perfil de leitor crítico aplicando estratégias unidas que vão de encontro com, principalmente, a sua realidade e a dos alunos. Pois de nada valerá uma descrição minuciosa do que se deve fazer e como fazer se tal ação não estiver de acordo com a realidade do sujeito. Embora os desafios do docente sejam inúmeros, adequar suas ações a realidade em questão pode ser um fator de diferenciação para o aluno que desconhece a leitura.

### **2.3.2 A formação de um aluno escritor**

A escrita está diretamente ligada à leitura e ambas estão atreladas ao ambiente escolar, sem leitura não há formação de um sujeito escritor. Bem como para que seja formado um discente escritor, é necessário que primeiro haja muita leitura. Com base nisso, linguagem e escrita estão diretamente relacionadas à instituição de ensino.

Por vezes, na escola a escrita é passada meramente como um instrumento de reunir palavras sobre temas pelos quais muitos discentes desconhecem ou não possuem bagagem estrutural para tal produção. Não se pode excluir a potencialidade que o aluno tem com a escrita, uma vez que a linguagem faz parte do contexto pelo qual está inserido. Todavia, é relevante que o professor promova uma escrita adequada aquele aluno, isto significa, dispor de temas que os alunos estejam prontos para produzirem. Ao inserir as particularidades socioculturais nos textos, haverá uma disposição prazerosa e que motivará a prática a leitura e o estudo gramatical.

A escrita é um dos principais meios de comunicação entre os seres, por isso é importante incentivar o discente para tal exercício. Pois, por meio de sua ação, é possível transpor para o papel tudo o que almeja, o que sente, o que deseja falar e explicitar e que vez ou outra tem uma intencionalidade a ser atingida ao outro.

Por isso, Calkins (1989, p. 15) declara que o ato de escrever permitirá que, “[...] transformemos o caos em algo bonito, permite que emolduremos momentos selecionados em nossas vidas, faz com que descubramos e celebremos os padrões que organizaram nossa existência”.

No ato da escrita, é possível colocar tudo o que se almeja no texto. Desde as minúcias do dia a dia até criações que encantam os leitores amantes de uma boa leitura. É na construção textual que se cria histórias e se descreve suposições sobre qualquer coisa que deseje. Por outro lado, quando se escreve parte-se de uma intencionalidade em dizer algo, e a forma pela qual o texto foi produzido e as palavras e sentenças que foram utilizadas sempre serão recheadas de inter-relações com o mundo externo, isto é, um texto nunca será totalmente inédito, sempre haverá relações com algo que já foi lido, vivido e ouvido. Sempre haverá relações com outras situações e sempre será subjetivo em sua objetividade. Com base nisso, Lopez (2016, p. 33 grifos do autor), afirma que,

Portanto, para escrever sobre algo não é suficiente saber o que vamos escrever, mas também para quem. Percebemos, pois *que saber a quem está direcionado o texto nos leva a selecionar o que dizer*, pois o conhecimento de um adulto sobre o tema não seria o mesmo de uma criança. No entanto, e como vimos antes, também é importante saber o *para que* queremos comunicar algo, já que a intencionalidade com que escrevemos nos conduz a selecionar o que de *fato dizemos e como fazemos*. Além disso, os conteúdos que introduzimos no texto também dependem do *conhecimento prévio que o escritor possui sobre o tema*.

Quem produz o texto tem sua forma de olhar o mundo, suas particularidades, sua forma de escrever, no entanto, toda a referenciação que traz em sua bagagem cultural será as referências usadas em sua produção textual. Deixando de lado, a produção inédita. Por isso, é de extrema importância estudo e análise do docente para estimular e incentivar os discentes despertarem o interesse pela escrita, bem como, auxiliar na construção da bagagem cultural que, posteriormente, pode ser disposto ao texto. Sem deixar de lado o abarcamento de fazer um texto que tenha sentido, para isso, aspectos, sociais, culturais, históricos e também os conhecimentos ortográficos da língua são a base que dará suporte.

Por vezes, a realidade dos professores cai frente a uma situação controversa em que os alunos não leem, não escrevem, e por embargo, os docentes acabam por pedir poucas produções em sala de aula. Diante disso, Lopez (2016) dialoga que,

Para auxiliar os alunos nessas tarefas, os professores utilizam diferentes estratégias, que nem sempre alcançam a eficácia desejada. Um aspecto particularmente problemático se refere à capacidade de diferenciar o que é importante e o que é secundário em um texto. Essa habilidade contribui para a qualidade da atenção que os alunos investem na leitura de textos, bem como nos resumos que elaboram, o que influencia no que de fato aprendem. Por essa razão, é importante, que os professores conheçam como ensinar estratégias para a compreensão textual e, em particular, como ensinar os alunos a identificar nos textos os diferentes graus de importância das informações (LOPEZ, 2016, p. 11).

Principalmente em aspectos da produção textual, a BNCC (2018) aponta que,

O Eixo da Produção de Textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos como, por exemplo, [...] produzir um almanaque que retrate as práticas culturais da comunidade; narrar fatos cotidianos, de forma crítica, lírica ou bem-humorada em uma crônica[...] (BRASIL, 2018, p. 76).

De acordo com o relatório de resultado de 2016 na prova SAEB/ANA, em escala nacional somente 8% dos alunos atingiram o nível cinco de proficiência em escrita.

Quadro 4 - Distribuição percentual dos estudantes nos níveis de proficiência em escrita

Brasil	Porcentagem
Nível 1	14%
Nível 2	17%
Nível 3	2%
Nível 4	58%
Nível 5	8%

Fonte: Microdados do Saeb/ANA 2016/Inep.

Diante disso e com base na matriz de referência de escrita da prova SAEB/ANA e com as descrições dos dados de cada nível em que o aluno seria avaliado, como pode ser visualizado abaixo, é importante destacar que a escrita em nível máximo exigido na avaliação merece destaque uma vez que coloca o aluno a praticar tudo o que tem sido estudado ao longo dos anos escolares e com suas práticas e vivências diárias.

Quadro 5- Matriz de Referência de Língua Portuguesa

Eixo Estruturante	Habilidade
Escrita	H10. Grafar palavras com correspondências regulares diretas
	H11. Grafar palavras com correspondências regulares contextuais entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro
	H12. Produzir um texto a partir de uma situação dada

Fonte: Brasil, 2013.



Quadro 6 – Interpretação pedagógica da escala de escrita

Interpretação da Escala de Proficiência em Escrita	
NÍVEL 1 (menor que 350 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente não escrevem as palavras ou estabelecem algumas correspondências entre as letras grafadas e a pauta sonora, porém ainda não escrevem palavras alfabeticamente. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
NÍVEL 2 (maior ou igual a 350 e menor que 450 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem alfabeticamente palavras com trocas ou omissão de letras, alterações na ordem das letras e outros desvios ortográficos. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
NÍVEL 3 (maior ou igual a 450 e menor que 500 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente palavras com estrutura silábica consoante-vogal, apresentando alguns desvios ortográficos em palavras com estruturas silábicas mais complexas. Em relação à produção de textos, provavelmente escrevem de forma incipiente ou inadequada ao que foi proposto, sem as partes da história a ser contada, ou produzem fragmentos sem conectivos e/ou recursos de substituição lexical e/ou pontuação para estabelecer articulações entre partes do texto. Apresentam ainda grande quantidade de desvios ortográficos e de segmentação ao longo do texto.
NÍVEL 4 (maior ou igual a 500 e menor que 600 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente palavras com diferentes estruturas silábicas. Em relação à produção de textos, provavelmente atendem à proposta de dar continuidade a uma narrativa, embora possam não contemplar todos os elementos da narrativa e/ou partes da história a ser contada. Articulam as partes do texto com a utilização de conectivos, recursos de substituição lexical e outros articuladores, mas ainda cometem desvios que comprometem parcialmente o sentido da narrativa, inclusive por não utilizar a pontuação ou utilizar os sinais de modo inadequado. Além disso, o texto pode apresentar poucos desvios de segmentação e alguns desvios ortográficos que não comprometem a compreensão.
NÍVEL 5 (maior ou igual a 600 pontos)	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente palavras com diferentes estruturas silábicas. Em relação à produção de textos, provavelmente atendem à proposta de dar continuidade a uma narrativa, evidenciando uma situação inicial, central e final, com narrador, espaço, tempo e personagens. Articulam as partes do texto com conectivos, recursos de substituição lexical e outros articuladores textuais. Segmentam e escrevem as palavras corretamente, embora o texto possa apresentar poucos desvios ortográficos e de pontuação que não comprometem a compreensão.

Fonte: Daeb/Inep, 2016.

Mediante a esse cenário, para que ocorra uma produção textual adequada é importante analisar alguns aspectos que fazem parte da intenção comunicativa no ato de escrever. A construção textual perpassa por aspectos como, para quem está direcionado o texto, com que objetivo foi escrito, como o assunto será abordado e o conhecimento prévio de quem escreve. Lopez (2016, p. 33), afirma que:

Produzir um texto implica, antes de começar a escrevê-lo, saber para quem está direcionando, qual a intenção do que se quer transmitir, e conhecer os conteúdos que se quer comunicar. A consideração desses fatores vai determinar tanto o que de fato se escreve como a forma de fazê-lo. O leitor, por sua parte, ao ler o texto deverá considerar esses fatores para compreendê-lo na totalidade. Como consequência, o autor deve ter em conta o leitor enquanto escreve o texto, e o leitor deve considerar o que pretende transmitir o autor, para compreender o texto. Isso faz com que os processos de compreensão e elaboração sejam paralelos.

A escrita permite ao autor que ele expresse seu pensamento no papel, que ele use seus conhecimentos prévios e bagagem cultural para dizer o que pretende de forma que cause reflexões no leitor. Para isso, ter uma intencionalidade, um objetivo de escrita e estruturar o texto são altamente importantes.

Diante disso, para que a escrita ocorra e aconteça de forma eficiente o professor deve, por meio de estratégias, mostrar ao aluno que uma escrita sem uma intencionalidade, objetivos ou estrutura pode perder seu significado. A escrita pode ser comparada a um jogo de xadrez, deve-se planejar antes de jogar/escrever. Por isso, o planejamento é relevante para o processo de escrita. Almeida (2011), declara que,

Expressão/registros escritos – a língua escrita, assim como a oral, exercem várias funções e possuem inúmeros usos sociais e formas de se articularem. Cada esfera da atividade humana produz seus gêneros discursivos. É importante que, na escola, as crianças sejam desafiadas a fazer uso de diferentes gêneros e de diferentes formas de registrar as ações que viveram num processo de apropriação gradativa dos usos e das convenções dos sistemas notacionais que incluem a linguagem escrita - com seus diversos gêneros e tipos de textos- e outras notações, como a linguagem matemática, gráficos, mapas, tabelas, etc. As notações e as escritas espontâneas das crianças, pelas sucessivas tomadas de consciência, a partir da mediação do professor e/ou de pessoas mais experientes, gradativamente vão dando lugar às Convencionais (ALMEIDA, 2011, p. 28).

Para o autor, é importante que a criança tenha orientação adequada para o conhecimento dos gêneros textuais e ligação com a escrita. Por isso, é importante que o docente leve e oriente o discente a fazer observações, planejamentos textuais e percepções sobre a sua volta, para assim ter elementos para a produção de texto. Antes que o aluno escreva, é necessário ter conhecimentos para isso.

Após, essa escrita, o professor deve apresentar para seu aluno que um texto precisa de reparos por mais bem escrito que esteja, por isso a reescrita é fundamental na formação do aluno escritor. É importante que o aluno perceba que é por meio da reescrita que ele estará em contato direto com seu texto e conseguirá ver aquilo que

ele produziu, e nesse momento diversas reflexões são feitas que tendem a complementar a produção original.

Mediante a tal exposto, ter “calma e paciência são palavras-chave nesta modalidade e o desenvolvimento do traço também” (ALMEIDA, 2011, p. 29). Assim como ajudar a criança a chegar nessa construção, também é relevante esperar, uma vez que o processo cognitivo de compreensão e ação é algo que, muitas vezes, requer tempo e é individual de cada ser humano. Por isso, que as inúmeras estratégias, estímulos e incentivos devem ser a tarefa escolhida. Almeida (2011, p. 31) afirma que,

É preciso deixar claro que um gênero pertence a uma camada social e a um grupo social, e que, portanto, precisa ser visto pela criança exatamente como ela é. Dessa forma, proponha temas interessantes e gêneros com os quais ela pode lidar pela proximidade, mas tome cuidado de ir acrescentando outros gêneros para que ela também possa ir se familiarizando com o universo da escrita.

Respeitar a individualidade do grupo de alunos de forma a não apresentar somente o que for conveniente a ele, é uma das tarefas do fazer docente, por isso dosar as ações que o professor terá, pode ser uma das estratégias que auxiliem nessa formação do aluno escritor. O cuidado explicitado se volta para um fazer que não impeça ou limite o desenvolvimento dos discentes.

Dolz e Schneuwly (2004), ratificam que,

[...] Os gêneros tratado de acordo com ciclos/séries. A escolha dos gêneros tratados de acordo com os ciclos/séries justifica-se pela ideia de que a aprendizagem não é uma consequência do desenvolvimento, mas ao contrário, uma condição par a ele. [...] E não se pode haver compreensão de um objeto sem um quadro de referencias que oriente nosso olhar e dê sentido às observações (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 124-136).

Portanto, ao se respeitar as séries e os gêneros que são propostos, proporciona um desenvolvimento que perpassa caminhos que vão ao encontro da construção da bagagem cultural do aluno. É salientável afirmar que ao longo da produção escrita os alunos poderão também se pautar em suas próprias aptidões, por isso mesclar os gêneros, os assuntos e as estratégias são um caminho que aproximará o aluno do texto e da escrita.

Ao considerar esse ponto, é importante levar em consideração que Geraldini (1997) afirma que a produção de texto deve ser apresentada ao aluno como parte do processo de ensino-aprendizagem. É por intermédio do texto que o aluno entrará em contato com as diversas formas de escrita, apresentará uma totalidade de sentidos, fará relações com o que está escrito e com o mundo a sua volta, e observará como a

construção do discurso traz marcas de tempo, espaço, ideologias que só se aproximam do seu mundo. Quando o aluno compreender que o que está escrito faz parte do seu mundo a escrita deixará de ser obrigação.

Por conseguinte, para que seja formado um perfil leitor e com todo o exposto no subcapítulo, ficou evidente que o professor e aluno estão interligados nesse processo. Por essa razão, no fazer do docente é ponderante que ele estabeleça os objetivos de forma que sejam compatíveis com a série em que o aluno está inserido. É solene também, que a importância da leitura e sua prática seja evidenciada, uma vez que não haverá formação escritora sem antes, ter uma formação leitora.

Ao longo do fazer docente, ele poderá escolher estratégias que respeitem as particularidades do grupo, bem como tornar a produção efetiva ao aluno, em outras palavras, ele precisa ter um objetivo, uma finalidade de escrita de forma consciente. Com o caminhar do processo, é notório que os alunos apresentem dificuldades no momento de pôr para o papel informações, por isso fornecer subsídios para os alunos pode ser uma estratégia que ajude, ampliada à prática da leitura. E por fim é importante que o processo demonstre que a reescrita é necessária no processo de escrita. Essas ações tendem a aproximar o escritor do texto, do leitor e acima de tudo da formação de um escrito com intencionalidade, crítico e autônomo.

## 2.4 A LEITURA DE TEXTOS NARRATIVOS E SUAS PARTICULARIDADES: O GÊNERO CRÔNICA

A tipologia textual crônica foi escolhida para ser o objeto mediador na construção e formação do perfil leitor e escritor crítico e autônomo dos alunos, pois este é um gênero que possibilita falar e apresentar assuntos do mundo real de forma que ao escrever consegue recriá-lo. A linguagem pela qual a crônica se abstém se desenvolve como se estivesse em um diálogo direto com o leitor, é como se propusesse uma conversa. De acordo com Sá (1985), sua,

sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta mais próxima da conversa entre dois amigos do propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, se que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magia da elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha dimensão exata. [...] A aparência de simplicidade, portanto não quer dizer desconhecimento das artimanhas artísticas (SÁ, 1985, p. 11).

A crônica não inventa fatos, nem lugares, personagem ou até mesmo datas, origina-se de um fato corriqueiro e assim recria de forma viva buscando dimensões grandiosas. É como se abrisse as ligações e interações com o mundo a sua volta. Em concordância, segundo Sá (1985, p. 56),

Aberta a janela, cumpre ensinar o leitor a ver mais longe, muito além do factual. Isto só é possível quando o fato, os personagens e a preocupação estética revelada na estruturação do texto se associam para que o resultado final alcance a empatia com o leitor. Uma empatia que significa a cumplicidade entre quem escreve e quem lê, mas também a elaboração de uma linguagem que traduza, para o leitor, as muitas linguagens cifradas do mundo. Portanto a função da crônica é aprofundar a notícia e deflagrar uma profunda visão das relações entre o fato e as pessoas, entre cada um de nós e o mundo em que vivemos e morremos, tornando a existência mais gratificante.

Quando de fala em leitura e escrita pensa-se logo em dificuldades de asserção que ambas ocasionam. Os alunos que não tiveram o incentivo ou se tiveram, deixaram de se interessar pelo gênero literário, seja pelo fato da obrigatoriedade ou por desinteresse pelo ato de ler e escrever. Todavia, quando o educando tem contato com o gênero crônica, ele consegue ver que esses textos fazem uma aproximação entre o leitor e o que está exposto na produção textual.

Crônica é um gênero de leitura fácil, com uma linguagem usual, de curta extensão e que tende a narrar os fatos do cotidiano de forma clara, objetiva e por vezes, reflexiva. Para isso Cândido (1992),

A crônica não é um “gênero maior”. [...] Nem se pensaria atribuir um Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus” – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós (CÂNDIDO, 1992, p. 13).

Ao se reiterar sobre a importância da proximidade da crônica com a sociedade, Silveira (2009) declara que, esta não tem caráter uniforme e,

[...] não tendo, portanto, uma forma rígida. Pode servir-se de todos os gêneros textuais (narração, descrição, argumentação, etc) e guarda fronteiras muito tênues com o artigo de opinião, e com outros gêneros, como o pequeno conto, o caso, a narrativa pessoal e até com o ensaio [...] (SILVEIRA, 2009, p. 237).

Assim, a crônica passa a estabelecer relação com o mundo, como se fosse a porta voz desse universo desconhecido pelos alunos. Pois, ao entrar em contato com as crônicas, os discentes estarão em proximidade com um mundo literário

diversificado que apresenta uma profundidade textual que tende a aproximar o leitor do texto de forma que inspire o aluno.

A palavra crônica é de origem grega, vem de “*chronos*” e significa tempo e é por essa razão que se justifica a relação com a contemporaneidade e os relatos sobre o que acontece na sociedade. Dessa maneira, Vasconcellos *apud* Cândido explana o conceito de crônica em que:

[...] por seu imediatismo, por sua linguagem coloquial, por seu caráter circunstancial foi considerado por muito tempo um gênero menor. Por sua origem histórico documenta, o objetivo primeiro da crônica era informar. Nela o narrador se identifica com o próprio autor. É um documento vivo do período e que foi escrito. Relata fatos corriqueiros do dia a dia, os fatos divers que alimentam o noticiário do jornal (VASCONCELLOS *apud* CÂNDIDO, 1992, p. 255).

A existência de o gênero crônica está justificada desde a Era Medieval com seu ápice no século XIX, quando o folhetim começa a ganhar destaque no jornal. Nesse contexto, a crônica era somente uma nota de rodapé que retratava os acontecimentos do cotidiano com o objetivo de informar e narrar os principais episódios políticos. Com o passar dos anos o folhetim foi ganhando força, e a crônica vai alcançando destaque, deixando de apenas narrar e informar os eventos do dia a dia, mas também elucidando e promovendo reflexões em seus textos. Aos poucos a crônica foi se tornando o texto que conhecemos nos dias atuais. Para isso, Cândido (1992, p. 15) versa que com o decorrer do tempo ela se afasta,

[...] cada vez mais da intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobre tudo com intenção de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra u fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.

Com as evoluções até a chegada da década de 30 que a crônica foi se definindo para o que se conhece nos dias atuais, bem como foi enraizando no Brasil de forma que muitos autores começaram a adotar esse estilo de escrita, como Rubem Braga, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Nelson Rodrigues, Lya Luft, entre outros.

Aos poucos a crônica foi perdendo a consolidação de possuir apenas características jornalísticas e foi ganhando um lirismo, um estilo moderno, que se alternava em uma mistura de simpatia, leveza e seriedade com o que era exposto no

texto. Dessa forma, o gênero textual foi se distanciando do foco jornalístico e passou a relatar os acontecimentos da sociedade de forma significativa, crítica e reflexiva.

A crônica não perdeu seu enfoque narrativo, mas a forma que a narração era feita mudou. Mais do que somente narrar um acontecimento ou contar como o fato aconteceu, ela passa a narrar o acontecimento de forma a criar relações com ele. É como se descreve com sentimentos, com o intuito de fazer o outro se enxergar no texto. É a representação do cotidiano que se realizando vai se alterando, moldando com as necessidades desejadas. Por vezes, o enfoque é trazer o humor, em outros é ser altamente informativa, já em outros momentos é ser pessoal ou impessoal, a crônica vai se transformando e se adaptando ao descrever algo, mas sem se distanciar do acontecimento que gerou a crônica, o que faz dela um texto literário e não apenas uma reportagem.

É trazendo essa contemporaneidade em seus textos, que a crônica vai ganhando uma fase que promove a aproximação do leitor e reflexões. Assim sendo, Medina (2003) tece que,

A contemporaneidade, tal qual as percepções traduzem em narrativas, oferece inúmeros desafios, não só ao cidadão nela situado com relativo conforto, como ao que carrega o fardo da marginalização de qualquer origem – social, étnica, cultural ou religiosa. Enunciar um texto que espelhe o dramático presente da história é, a princípio, um exercício doloroso de inserção no tempo da cidadania e da construção de oportunidades [...] Ao se dizer, o autor se assina como humano com personalidade; ao desejar contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas; ao traçar a poética intimista, que aflora do seu e do inconsciente dos contemporâneos, o artista conta a história dos desejos. Da perspectiva individual, sociocomunicacional ou artística, a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das esperanças, e sonha com um cosmos dinâmico (MEDINA, 2003, p. 48).

A presença do atual, do cotidiano e da veracidade transcritos com clareza e naturalidade proporcionam ao gênero crônica elucidar a contemporaneidade de forma dinâmica e atual. Utilizando a narrativa como complemento, ela consegue abordar em seus textos a sensibilidade necessária para sentir o mundo. É como se despertasse um olhar inaugural, ou seja, os sujeitos são perceptíveis as coisas pequenas do cotidiano que, ocasionalmente, acabam passando despercebidas, mas com a transcrição deseja revisitar o olhar, e aquilo que antes ganhava normalidade aos olhos dos outros, ganha um destaque necessário o que reitera a aproximação que o texto faz com o leitor e o mundo em que ele está inserido.

Nesse sentido, Sá (1985, p. 6) afirma que nas crônicas,

Seu relato é, assim, fiel às circunstâncias, onde todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa. Dessa forma, por mais que ela tenha afirmado, no início da “nova de achamento”, que, “para o bem contar e falar, o saiba pior que todos fazer”, percebemos que a consciência da possibilidade de “aformosear” ou “afear” uma narrativa, sem esquecer que a experiência vivida é que a torna mais intensa.

Ao se dizer e relacionar com a sociedade, não se pode anular a existência da observação que fundamenta uma boa crônica. É fato que relacionar os fatos com a sociedade proporciona inúmeras proximidades com o leitor, torna o texto real, palpável e intensamente verdadeiro. Sobretudo quando há a observação direta é possível dizer que houve “um ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude” (SÁ, 1985, p. 6). Esse aspecto fará com que os leitores não se esqueçam do que foi lido e que a realidade é feita nos pequenos lances e olhares.

As minúcias e detalhes despertam o que impacta ou o que pode impactar, é ao registrar o circunstancial, o cotidiano, a simplicidade que se pode afirmar o nascimento da crônica. Talvez o espanto com coisas miúdas, seja um dos pontos que merecem destaque na abordagem das crônicas, e as vivências cotidianas são um dos pontos-chaves mais desafiadores, Medina (2003) explica que,

A vertente mais desafiadora, porém, se pauta pela atitude pragmática de ir ao encontro das vivências cotidianas e colhê-las não com a metodologia explicativa, mas sim com os afetos e as simpatias da compreensão. As sabedorias humanas da sobrevivência, das múltiplas reinvenções do Estado moderno, das estratégias emergentes na cidade ou no campo, das respostas criativas de todas as faixas etárias frente à indignidade e infelicidade, todo esse itinerário de buscas localizadas no microterritório da experiência humana desperta a comunhão poética com o momento histórico (MEDINA, 2003, p. 57).

Tal exposto exemplifica que o texto vai além das características básicas para sua construção, e cria uma relação interligada à sociedade de forma a criar relações diretas e/ou indiretas.

Mediante isso, Brayner (1992, p. 412-413) declara que,

As crônicas fazem passar de forma sutil e imprevisível suas afirmações sobre os fatos na forma fácil do diálogo com um leitor imaginário que se instala dentro do texto, ou, até mesmo, teatralmente, na estrutura dialógica de sua organização. A série “A + B”, toda em diálogo, não é a primeira experiência desse tipo no percurso machadiano.



Nesse contexto das criações de minúcias e descrição de detalhes que perpassam o gênero, por isso que a crônica tem aspectos que merecem destaque, como:

- 1.º) a construção do diálogo (inevitável, porque a simples transcrição de uma conversa não atingiria o leitor, nem seria literatura);
- 2.º) a construção de personagem que se afastam da matriz real (uma pessoa de carne e osso, que vive ou viveu em determinado lugar) e ganham o estatuto de seres inventados, com a vida “real” apenas no contexto do relato;
- 3.º) o envolvimento mais completo de espaço, tempo e atmosfera;
- e, 4.) a perspectiva do cronista de distanciar-se do narrador, uma vez que na crônica a voz do narrador é a voz do cronista (SÁ, 1985, p. 29).

Todo esse exposto elucidada que o diálogo proposto com base na construção da crônica garante um contato direto com o que lê, bem como o dialogismo que permanece nas entrelinhas da crônica. Por isso, pode-se dizer que a crônica é um gênero de leitura fácil, mas altamente reflexiva e atual; é uma narrativa que colocará o leitor a pensar sobre o texto lido; desperta a contemporaneidade e a intencionalidade do leitor; e o evoca a pensar sobre as coisas que acontecem que estão deixando de ganhar atenção necessária, por essa razão despertar esse “espanto” é necessário para a objetividade e a intencionalidade crítica e reflexiva na formação do leitor e escritor.

Com a contemplação do gênero crônica para o objeto de estudo deste trabalho, objetivou-se ainda escolher a autora Lya Luft, considerando que o discurso presente em seus textos atrai os adolescentes leitores, visto que a linguagem é atraente e reflexiva de forma que tende a refazer o real do discurso. A autora, em seus textos, tende a aproximar o leitor do texto, por meio de estratégias discursivas, de escrita e formulação que fazem de suas crônicas serem extremamente argumentativas sem que haja essa percepção. Com isso, por meio do auxílio e mediação do gênero crônica de Lya Luft, tende-se a contribuir para uma formação leitora e escritora dos alunos.

## 2.5 A CRIAÇÃO E ANÁLISE DO DISCURSO: AS ESTRATÉGIAS DE ESCRITA

Ao falar em discurso é necessário compreender que sua significação está em aparato a outros significantes como o texto, a linguística e o sentido. Falar de leitura e do discurso não se pode anular que a escrita está altamente ligada a todo este processo. Dessa forma, a relação entre leitor e escritor deve ocorrer de forma assídua, uma vez que não há leitores sem escritores, e nem se forma um escritor sem antes,

ser um leitor assíduo. Um está imbricado ao outro, um depende do outro e sem um deles o outro não existiria.

Antes de iniciar os estudos sobre a Análise do Discurso – AD e seus mecanismos, é importante que esteja exemplificado a diferença entre texto, linguagem e discurso. A linguagem é a fala que ocorre entre falantes no processo de comunicação, seja a relação entre fala e audição, como também a ligação entre quem escreve e quem ele. Atividade essa que ocorre no processo de comunicação. Diante disso, Bakhtin (1997) afirma que, a língua perpassa por enunciados e esses enunciados podem descrever a vida, exemplificando assim que a língua possui relações com o mundo comunicativo em que está inserido.

Ao longo dessa comunicação é natural que os sujeitos envolvidos tenham que ajustar a fala de acordo com o contexto em que é produzida. Nesse âmbito, o texto são as marcas linguísticas de um autor que podem ser escritas ou faladas e que serão interpretadas e entendidas pelo leitor ou ouvinte de acordo com seus conhecimentos, sua bagagem cultural, histórica e social.

Nesse contexto, é importante afirmar que o discurso corresponde a uma fala, escrita, conversa, diz respeito à exposição de ideias através de meios verbais ou não verbais. É todo o sistema de comunicação e interação que ocorre entre os sujeitos, isto é, ao usarem a linguagem e as marcas textuais é possível dizer que houve a produção de um discurso. A atividade comunicativa que ocorre entre os interlocutores pode ser destacada e classificada como uma definição de discurso.

Destarte, no processo de formação do discurso a cultura, a ideologia, as crenças, a intenção de dizer que faz parte do processo de construção do discurso faz dele que não seja neutro, pois traz impessoalidades de quem o escreve. A relação que é possível criar entre o texto, social, cultura, ideológico são transcritos para o papel de forma branda. Segundo Maingueneau (2008, p. 143) o objetivo é entender o,

[...] discurso como entrecruzamento de um texto e de um lugar social, quer dizer que seu objeto não é nem a organização social nem a situação de comunicação, mas aquilo que os une através de um dispositivo de enunciação específico que provém, ao mesmo tempo, do verbal e do institucional.

A intencionalidade do autor é exposta de forma a não o identificar, por isso que um texto ou discurso não pode ser classificação como unicamente original, uma vez que as colocações, descrições e assuntos que são abordados, já foram ou fazem parte

de outros discursos. No entanto, a maneira pela qual o texto é escrito e organizado pode ser diferenciado apresentando característica, mecanismos e estratégias específicas.

De acordo com Maingueneau (2004), o discurso ultrapassa o nível gramatical e linguístico e se destaca por priorizar aspectos relevantes à construção textual, como os fatores geográficos, a situação, o tempo e o lugar, bem como os interlocutores, crenças, valores e os sentidos em que o discurso é produzido. E destaca que,

No nível do discurso, os falantes/ouvintes, escritor/leitor devem ter conhecimentos não só do ponto de vista linguístico (dominar a língua, as regras de organização de uma narrativa, de uma argumentação, etc.), mas também de conhecimentos extralingüísticos; conhecimento para produzir discursos adequados às diferentes situações em que atuamos na nossa vida; conhecimentos de assuntos, temas que circulam na sociedade; conhecimento das finalidades da troca verbal e para isso são importantes a imagem que faço de mim, da minha posição, a imagem que tenho das pessoas com que falo, imagens que vão determinar a maneira como devo falar com essas pessoas (MAINGUENEAU, 2004, p. 226).

Assim, tanto o leitor como o escritor devem ter conhecimento de mundo, e de aspectos que o circundam para a elaboração e criação de um discurso completo e com mecanismos que fazem dele um texto dialogável. Bem como, deve apresentar características de contextualização, pois todo o texto que é produzido só terá sentido completo se relacionar-se ao contexto, por isso um mesmo enunciado pode ter diversas interpretações, visto que são sujeitos diferentes, com experiências singulares que ocasionalmente farão de um mesmo enunciado, discursos diferentes.

Quem produz o discurso se vale de suas experiências e se responsabiliza pelo que dirá no texto, seja de forma explícita ou implícita. A referência necessária se vale de aspectos de sua própria construção ao longo das vivências que ao longo da escrita se preocupará com o leitor e se dirigirá a ele por meio de estratégias de leitura, como a persuasão, argumentos, fatos, indícios, ou até repetições de palavras. De forma que poderá agir para o outro ou sobre o outro, com escritas concretas que causam uma reflexão a inferências, ou seja, será possível inter-relacionar o que foi escrito com outros aspectos. Maingueneau (2004) declara que, o discurso é uma interação entre os falantes e de sobreposições de nossos discursos e dos discursos de outras pessoas.

Assim, fica compreendido que o discurso tem um caráter heterogêneo, uma vez que dialoga com outros discursos, de forma a concordar ou discordar com o que está sendo exposto. Por isso, o discurso promove uma relação interdiscursiva, ele não é

único ou singular, mas se interliga diretamente com os discursos que são ou foram produzidos.

Para que um texto tenha sentido é necessário passar por alguns níveis de compreensão. O primeiro deles é o nível fundamental que está relacionado ao mínimo de sentido que o texto constrói, quer dizer, o básico que se consegue compreender a partir do que foi lido. Há também o nível narrativo que corresponde na narração do sentido e valores expressos no texto. E por fim, o nível discursivo que se trata da aproximação do texto com a manifestação escrita. É como se a história se baseasse por um ponto de vista, que com a descrição de espaço, tempo e narração vão deixando marcas ao longo do texto que tendem a ser interpretadas e relacionadas ao contexto social, cultural, histórico e geográfico.

Por conseguinte, Bakhtin (2011, p. 326) declara que,

qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O dado se transfigura no criado.

Dessa forma, o discurso vai ganhando aspectos e um “corpo” que se veste de mundo e tudo que está a sua volta. Por isso, é tão importante que ao conhecer o discurso ou produzir a AD acontecerá de dentro para fora, levantando pontos importantíssimos como: o que o texto diz, como ele diz, quais aspectos foram utilizados e também será feita uma análise externa que se relaciona em entender por que o texto diz o que ele diz. E assim estabelecerá relações diretas ou indiretas com a situação que a criou.

No contexto social, Bakhtin (1979) afirma que os enunciados são concretizados partir de como a língua se realiza. A língua proporciona uma relação com quem a utiliza, e toda sua vida perpassa ainda por ideologias, pois traz consigo contextos culturais, diversas opiniões e explanação de ideias que a tornam uma complementação da sociedade.

Nesse contexto, é válido definir que ideologia é a forma pela qual um grupo participante de uma classe enxerga o mundo, criando relações entre a língua e as representações feitas pelas ideologias - crenças – das pessoas de determinado grupo social. Diante disso, pode-se dizer que um discurso também possui em sua construção ideologias de quem o produziu e de quem o lerá. Os processos discursivos estão diretamente ligados à produção de sentido, relacionados à língua e à

multiplicidade ideológica dos grupos sociais. Fiorin (1990, p. 177) declara que o discurso,

[...] deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente sintáxicos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

Para que ocorra uma análise na construção do discurso é importante valer-se das caracterizações presentes nas relações entre enunciação e enunciado que ao longo de sua produção pode usar mecanismos que aproximam o enunciatário a acreditar no que está sendo exposto. A construção do discurso possui objetividades e estratégias que perpassam o ciclo da história, ideologia, sujeito e sentido. Essas partes são substanciais para o entendimento e construção discursiva. As interpretações que o texto causará dependerá de como foi organizado e as colocações dos objetivos, bem como as relações e produções de sentido que o leitor fará.

Dessarte, quando se procura entender um texto, alguns aspectos precisam ser levados em conta, como as ideologias descritas, aspectos sociais, os interlocutores e o contexto em que o texto será lançado. Por isso, para que ocorra uma AD adequada e que a produção de sentido ocorra efetivamente, alguns aspectos do discurso merecem destaque, como a persuasão, análise dos temas, as figuras de linguagem, a repetição de expressão, a exposição dos fatos e o imaginário que serão apresentados brandamente no subcapítulo a seguir.

### **2.5.1 Análise do discurso: persuasão**

Para desenvolver uma boa escrita é necessário que a prática esteja inserida em seu contexto, e mais ainda que a leitura esteja afincada em seu dia a dia, uma vez que sem leitura não há escrita e sem escrita dificilmente haverá uma leitura perspicaz. Assim como a leitura carrega grandes conhecimentos e bagagens que podem ser aprimorados por quem pratica essa ação de forma simples ou até as mais rebuscadas, a escrita também traz essas complementações.

Quando a escrita é exercitada frequentemente, quem o faz ou fará, automaticamente acessará todas as informações arquivadas em seu subconsciente,

é como se fosse um discurso convencional, ou seja, o sujeito criará um discurso que possibilitará a exposição de suas reflexões.

Por meio da escrita é possível estabelecer momentos de relação entre o leitor e a sua compreensão. Quando o leitor lê um texto automaticamente tenta-se criar uma relação com as suas próprias interpretações. Todo esse processo dependerá das estratégias textuais utilizadas, do conteúdo que será abordado e do sentido que é proposto. Ao ler, cairá à reflexão se foi possível criar analogias com a sociedade e tudo a sua volta.

Posto isso, persuasão nada mais é do que uma estratégia comunicativa que pode ser aplicada tanto na oralidade quanto na escrita. Por meio de estratégias de escrita é possível apresentar argumentos com a intenção de estabelecer reações com o outro. E com aplicabilidade das estratégias possibilitam que o outro leia o texto e busque em seu mais íntimo relacionar com o cotidiano. Por isso, é importante considerar que para a criação de um discurso persuasivo há estratégias de escrita fundamentais que auxiliam no processo de formação do leitor crítico e em uma escrita crítica e altamente reflexiva.

Para isso, Bellenger (1987) define as estratégias para criar-se um discurso persuasivo de quatro maneiras:

**Credibilidade:** o persuadido para a "aceitação de uma idéia" exigirá que seja verdadeira, e para ser verdadeira, ela deve relacionar-se com fatos, testemunhos, provas. A credibilidade leva o "persuasor" ao domínio da prova.

**Coerência:** o "persuasor" entra na ordem da demonstração da lógica e da argumentação. Preocupado com a coerência, terá, portanto, interesse em testar a qualidade das interdependências e das relações entre as partes de seu discurso.

**Consistência:** o "persuasor" demonstra consistência quando há uma continuidade no seu propósito, quando aquilo que ele diz hoje não se opõe ao que dizia ontem.

**Congruência:** entendemos tudo o que torna pertinente e adequado à comunicação persuasiva em três planos: o indivíduo visado pela influência; a situação na qual se inscreve a influência; a atitude propriamente dita do "persuasor". Para ser persuasivo, é preciso produzir "aquilo que convém exatamente" ao que os outros imaginam de nós, ao que esperam, ao que a situação contém como possibilidades de evolução (BELLENGER, 1987, p. 42).

Ao aplicar essas estratégias, o texto persuasivo tende a despertar sensações e atender os objetivos previstos ou não que podem ser reinterpretados pelo leitor. Seguindo essa perspectiva, Bakthin (2005) declara que todo discurso permeia o outro,

já que não é possível criar algo totalmente primitivo, e afirma que o discurso da vida prática,

[...] está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas (BAKHTIN, 2005, p. 195).

Além das estratégias textuais para a criação do discurso persuasivo uma boa argumentação é responsável por criar uma sequenciação nos textos. Ao serem lidos aquilo que está disposto passa a inteirar as bagagens do sujeito, como se o texto produzido passasse por alterações para fazer parte daquele leitor.

Seguindo esse campo, Citelli (1998, p. 13) afirma que a persuasão:

Antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada idéia. É aquele irônico conselho que está embutido na própria etimologia da palavra: per + suadere = aconselhar. Essa exortação possui um conteúdo que deseja ser verdadeiro: alguém “aconselha” outra pessoa acerca da procedência daquilo que está sendo enunciado.

Sendo assim, é válido ressaltar que o discurso persuasivo não é obrigar o leitor a acreditar naquilo que foi escrito ou em alguma verdade, mas sim por meio de argumentos estratégicos ele poderá ser conduzido ao entendimento, essa ação se baseará nas bagagens culturais que ele carrega.

No entanto, segundo Koch (1996) um discurso bem construído é aquele que contém, implícita ou explicitamente, os elementos necessários à sua compreensão e que obedeça às condições de encadeamento e de concatenações textuais.

Quando se referir ao outro, deve-se pensar em sujeitos distintos que não se interessam e nem querem ler o que está produzido. Por isso, é fundamental pensar neles, colocar-se em seu lugar, olhar para as coisas com seus olhos, pois, assim, fica possível compreender as partes que precisam ser mudadas e alteradas, e, ainda, entender que esse jogo linguístico depende do olhar do outro, a quem se destina a persuasão.

Ao tratar-se da elaboração do discurso para Aristóteles *apud* Citelli (1998) muitos textos devem atentar-se a estrutura sugerida por Aristóteles:

1. *Exórdio*: É o começo do discurso. Pode ser uma indicação do assunto, um conselho, um elogio, uma censura, conforme o gênero do discurso em causa.

Para o nosso efeito consideremos o exórdio como a introdução. Essa fase é importante porque visa a assegurar a fidelidade dos ouvintes. Notem como age o padre num sermão.

2. *Narração*: É propriamente o assunto, onde os fatos são arrolados, os eventos indicados. Segundo Aristóteles: “O que fica bem aqui não é nem a rapidez, nem a concisão, mas a justa medida. Ora, a justa medida consiste em dizer tudo quanto ilustra o assunto, ou prove que o fato se deu, que constituiu um dano ou uma injustiça, numa palavra, que ele teve a importância que lhe atribuímos”. É propriamente a argumentação.

3. *Provas*: Se o discurso haverá que ser persuasivo, é mister comprovar aquilo que se está dizendo. Serão os elementos sustentadores da argumentação.

4. *Peroração*: É o epílogo, a conclusão. Pelo caráter finalístico, e em se tratando de um texto persuasivo, está aqui a última oportunidade para se assegurar a fidelidade do receptor, portanto, mais um importante momento interior do texto. A ela se referia Aristóteles: “A peroração compõe-se de quatro: a primeira consiste em dispô-lo [o receptor]; a segunda tem por fim amplificar ou atenuar o que se disse; a terceira, excitar as paixões no ouvinte; a quarta, proceder a uma recapitulação” (ARISTÓTELES *apud* CITELLI, 1998, p. 11).

Sendo assim, as estratégias acima tendem a analisar o funcionamento do texto e tornar o discurso mais agradável. Características essas que permeiam a formação de diversos discursos. Dessa forma, compreende-se que embora o assunto do discurso seja distinto, sua criação se pauta de alguns postos extremamente importantes para atender as especificidades.

### **2.5.2 Análise do discurso: A repetição estilística e a interposição entre fatos reais e imaginários**

A repetição de expressões está fortemente presente nas produções textuais de Língua Portuguesa. Por diversas vezes, age como um acentuado nas construções enunciativas não levando, em contrapartida, a dimensão do segmento repetido, ou, ao ser repetido refere-se ao mesmo conteúdo e forma de ambos.

A repetição é uma recorrência intencional em determinado enunciado. Pode ser considerada uma astúcia de reformulação textual. É eminente dizer que a repetição varia da natureza de um componente repetido e na intenção de quem o usa.

Micheletti (1997) diz que, a repetição pode intensificar traços que o autor deseja no texto, seja para criar tensão ou expectativa.

Ramos (1983) avulta que, ao desenvolver a tipologia repetitiva, deve-se inteiramente preocupar-se com a facilitação na compreensão do destinatário.



Em posição contrária a Micheletti e Ramos, Marcuschi (1992) opta por uma classificação responsável por diversos efeitos estilísticos que distribui os elementos repetidos no enunciado. Ele se refere a uma categorização da repetição por contiguidade, proximidade e distância, ao mesmo tempo em que a retórica se apura numa classificação muito detalhada.

Por intermédio das repetições, as expressões obtêm um grande efeito em que há estímulos da emoção e do sentido presente nas criações, pois amplia-se o signo linguístico. Cal (1969, p. 249) afirma que "podemos ver as mais cotidianas e simples palavras da língua ganharem uma intensa carga poética e converterem-se de imediato em focos de irradiação lírica, em agentes de poetização do estilo". No entanto, Aristóteles (2004) diz que a repetição era nada mais do que um recurso oratório.

A modernidade usa repetições para dizer o indizível, para chegar aonde ninguém chegou, para mesclar a construção do discurso, para persuadir. Embora, no passado essas repetições fossem usadas como características peculiares da época, atualmente elas têm um valor gradativamente importante na construção do discurso, em que se levam os objetivos a quem desejam explicitar.

Ao repetir, deseja-se amplificar a imaginação, segurar uma ideia, persuadir o leitor acerca da mensagem desejada, envolvendo-o de maneira eficaz, chegando ao seu emocional. Nas ocorrentes repetições, cada palavra repetida não exerce a mesma função em ambos os usos. Cada qual tem sua prioridade semântica, um objetivo e sentido esperados, tornando-se uma estrutura individualizadora, considerando que cada repetição não é plural, e, sim, singular, uma vez que possui seus próprios significados e objetivos no texto agem em propensão a isso.

Em relação à repetição, Koch (1997) destaca que ela é destacada pela retórica, visando unicamente ao procedimento persuasivo; Ramos (1983), no entanto, atribui a sua finalidade ao auxílio e à compreensão permeando papéis primordiais; Por conseguinte, Marcuschi (1992) diz que no texto a repetição tem função coesiva e formulativa; Antunes (2005, p. 71) frisa que a repetição "corresponde à ação de voltar ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer uma unidade que já ocorreu previamente".

Seguindo essa linha de pensamento, é congruente analisar as figuras de linguagem de grande valia para entender a utilização deste recurso estilístico para dar um valor expressivo à linguagem do texto. Citelli (1998, p. 15) frisa que,

À retórica caberia fornecer recurso visando a produzir mecanismos de expressão que tornassem o texto mais bonito. As figuras de linguagem e os torneios de estilo ganharam faixa própria, encobrindo, muitas vezes, as insuficiências das idéias.

As figuras de linguagem intensificam e dão vivência a esse recurso estilístico fundamental para a criação da repetição, o que influencia na produção do possível discurso persuasivo e com estratégias textuais. De acordo com Mesquita e Martos (1999, p. 484),

As figuras de linguagem são recursos expressivos que emprestam ao pensamento mais energia e vivacidade, que, por sua vez, conferem à frase mais elegância e graça e permitem ao leitor captar mais efetivamente a mensagem pretendida pelo autor.

Dessarte, reconhecer que as figuras de linguagem são importantes recursos para aproximar e prender a atenção do leitor para com o texto e apresentam argumentos que dialogam com as ideias e pontos de vista é substancial para melhor compreensão do texto. Por isso, Citelli (1998, p. 17) salienta que,

Sem dúvida este novo papel está vinculado a dois pólos importantes: o do estudo das figuras de linguagem e o das técnicas de argumentação. Ou seja, reaparece aquele tópico que deseja estudar a organização discursiva a fim de apreender os procedimentos que permitem ligar a adesão de um ponto de vista àquelas idéias que lhes são apresentadas.

É interessante ressaltar que, ao usar métodos em que as expressões se repetem, é concedido a elas o que é desejado. Para isso, utilizam-se os mecanismos necessários para despertarem sensações. Assim como destacam Mesquita e Martos (1999) que as figuras de linguagem dão mais vivacidade e energia ao texto, fazendo com que o leitor capte a mensagem pretendida. Por essa razão, mais do que encantar e manter a atenção do leitor no que lê, com as estratégias textuais aplicadas e inseridas no texto é possível aproximar-se do leitor de forma clara e precisa e essa aproximação será o contato necessário para tornar a leitura e a escrita uma ação familiar ao sujeito.

Vale ressaltar que a retórica se relaciona com a arte de falar e escrever bem. Assim, tendo um objetivo a ser atingido, a linguagem passa a ser representada considerando o que o sujeito deseja. O diálogo é formado entre a transposição do passado e futuro, entre o que se acredita e o que verdadeiramente é. Para Foucault (1998),

mais do que apenas desmontar a estrutura lingüística de um discurso, texto ou imagem, a análise de discurso deve remeter às condições de sua possibilidade, às suas vinculações históricas e sociais e à sua materialidade. Não interessa ao arqueólogo do saber se um enunciado é verdadeiro ou falso a nível discursivo, mas ver, historicamente, como são produzidos os efeitos das verdades no interior dos discursos, que não possuem atributos verdadeiros ou falsos (FOUCAULT, 1998, p. 60).

O importante na elaboração do discurso, é verificar como são produzidas as verdades em seu mais íntimo. Para Possenti (2007) a análise retórica do discurso tem como objeto de estudo os discursos introduzidos nas diferentes esferas comunicativas. Considera-se que tanto o sujeito quanto o discurso são atravessados pelo inconsciente e pela ideologia.

Um enunciado não é apenas uma proposição lógica ou um ato de linguagem. Ele só será enunciado, só constituirá sentido se tiver um conjunto de condições de existência. Segundo Foucault (2004), um enunciado tem como espaço de correlações, um conjunto de domínios em que os objetos podem aparecer, sendo que esses objetos podem ser reais ou fictícios.

Está antes ligado a um 'referencial' que não é constituído de coisas, de fatos, de realidades, ou de seres, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram confirmadas ou negadas (FOUCAULT, 2004, p. 103).

Força-se a produzir verdade pelo poder exigido por ela e de como necessita-se desses fatos para atuar. Ao dizer a verdade se é coagido, condenado a confessá-la, ou encontrá-la (FOUCAULT, 1999).

Em contraponto, Ducrot (1972) afirma que o implícito é uma estratégia utilizada pelo enunciador para o destinatário entrar em seu jogo argumentativo e, por meios de dados, levá-lo a determinadas conclusões. Ele apresenta o subentendido como um "dizer, sem ter dito". Afirma que o problema geral do implícito estaria na ação de dizer algo sem ter a responsabilidade de tê-lo dito.

No entanto, alguns fatos expostos no discurso podem ser omitidos da história com um objetivo já traçado, ou seja, deixam de estar presentes na história que se lê. Em se tratando da persuasão, isso faz com que, possivelmente, caia-se no jogo persuasivo. Contudo, Aristóteles (1998) afirma que o jogo de palavras que se criado no discurso pode afetar o sujeito ou não, essa ação dependerá exclusivamente do indivíduo. O autor tem o intuito de persuadir, de fazer o leitor acreditar naquilo que ele escreve, o que é na verdade, um jogo de "enganações". Com mecanismos de

linguagem, o autor consegue chegar às emoções do leitor e fazer com que este se convença do que ele quer que seja verdade. Aristóteles (1998) ainda diz que

As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias (ARISTÓTELES, 1998, p. 106).

De acordo com o exposto sobre as emoções criadas no jogo da verdade e falsidade, Aristóteles (1998) continua dizendo que o sujeito pode negar ou afirmar algo, se ele domina a palavra, faz dela o uso que lhe convém, de acordo com os seus objetivos a serem atingidos.

A palavra tem dimensões grandiosas que permitem o engajamento de produções arrebatadoras. Cada expressão pode ser usada em diversas situações distintas. Cabe ao usuário fazer dessa palavra o que lhe convier. Assim, será dado o significado necessário ao contexto que deseja.

O objetivo de quem fala é convencer o outro do que se diz. O indivíduo ao falar troca mais do que meras informações sobre o mundo e também com o intuito de “convencer o outro a entrar no nosso jogo discursivo, para convencê-lo de nossa verdade” Ducrot (1987, p. 28). Verdade, essa, que será ou não confirmada no decorrer da história.

Ao criar suposições na escrita, pode-se apresentar provas acerca dos fatos em que o leitor irá ou não acreditar no que é dito. Irá ou não ser aceita por ele, irá ou não o convencer da verdade desejada. Garcia (1997) cita algumas destas provas,

- a) **os fatos:** são coisas realizadas, não abrem brecha para discussões. Os fatos podem ser acurados (observação direta), adequados (proporcionais ao contexto), relevantes (necessários, salientes, de destaque para o contexto), típicos ou característicos (próprios para certos contextos), suficientes (provas que bastam para a verdade) e fidedignos (merecem fé).
- b) **os indícios (pistas):** podem persuadir, mas não expressam certezas, apenas uma possibilidade ou probabilidade (GARCIA, 1997, p. 29 grifos do autor).

É interessante ressaltar que, ao dizer e escrever algo existe uma intenção. Essa intencionalidade do discurso pretende atingir o leitor. Em suma, é necessário que os conteúdos escolhidos sejam, ao longo do tempo, comprovados ou não. Não se deve excluir uma boa formação e organização textual, uma vez que essa é fundamental para o entendimento e, posteriormente, o convencimento.

Com a narração dos fatos da história, ao longo da obra, o leitor percebe que caiu num jogo de palavras. Fato esse que é citado por Garcia (1997) como pronto, fechado e que não disponibilizam, na história pontos de discussão. A cada capítulo do livro são narradas passagens dessa história romântica conturbada.

Assim como Aristóteles (1998) citou que as emoções são as causas que alteram o ser humano e que podem mudá-los na medida em que for a intensidade do sentimento.

Desse modo, quando os fatos são transcritos na obra são de certa maneira, apresentados intencionalmente para atingir o leitor. Pretende-se comovê-lo, emocioná-lo, encantá-lo sobre o que está lendo. É um convite a uma viagem entre as palavras e as lembranças mais marcantes do enredo do texto produzido. Quando o leitor lê o texto ele poderá confirmar ou discordar com o posicionamento descrito, mas mesmo que discorde, o leitor se baseará nas informações citadas e apresentadas ao longo do discurso. Essas técnicas de argumentação são importantíssimas para a aproximação do leitor com o texto, e, conseqüentemente, primordiais para a formação do leitor e escritor reflexivo, crítico e autônomo.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para contemplar o caminho metodológico e com o intuito de alcançar os objetivos e proposições destacadas neste estudo, optou-se por uma pesquisa-ação. A pesquisa aconteceu de modo a facilitar e a mediar as compreensões que se tem do texto explicitando a importância do discurso e das estratégias de leitura para a formação da criticidade leitora e escritora.

#### 3.1 PESQUISA-AÇÃO

Gil (2002, p. 146) destaca que “a pesquisa-ação concretiza com o planejamento de uma ação destinada a enfrentar o problema que foi objeto de investigação”. Nesse contexto é importante dizer que a pesquisa-ação conta com uma estratégia que se pauta por uma flexibilidade em que pesquisa e ação se unem de modo interativo para melhor aplicabilidade do que se deseja.

Nesse sentido, a pesquisa “envolve a ação dos pesquisadores e dos grupos interessados, o que ocorre nos mais diversos momentos da pesquisa”. É na pesquisa-ação que “um constante vaivém entre as fases que é determinada pela dinâmica do relacionamento entre os pesquisadores e a situação pesquisada” (GIL, 2017, p. 137).

A pesquisa de estudo se justificou como uma pesquisa-ação uma vez que foi identificada uma situação problema que o pesquisador buscou melhorar, bem como a formulação de estratégias de ação e a verificação de sua eficácia. Dessa forma, a contribuição da pesquisa tende a ampliar a compreensão sobre o estudo e também, se possível, a criação de uma nova situação. A pesquisa-ação é uma prática de ação

e reflexão a qual o estudo e o pesquisador abordaram em na pesquisa. O autor apresenta algumas etapas da pesquisa-ação a seguir.

### **3.1.1 Fase exploratória**

Esse é o momento em que é preciso delimitar o campo da investigação (GIL, 2017), pois é nesta fase que é possível estabelecer o contato com o campo em que se desenvolverá a pesquisa.

Para isso, o campo de investigação deste estudo são os alunos do 9º ano do ensino fundamental II, entre 13 e 15 anos, da rede municipal de ensino de um município do Sul do estado do Espírito do Santo.

### **3.1.2 Formulação do problema**

Essa é a etapa em que o problema desse ser devidamente formulado, uma vez que de para Gil (2017) a precisão do problema é altamente importante.

Nesse aporte, em ressalva e análise da pesquisa é congruente dizer que o discurso pelo qual os textos se enquadram são elaborados a partir de estratégias e objetivos de leitura. À vista disso, para formar um leitor e escritor crítico há diversas estratégias de leitura e escrita que devem ser levadas em pauta para a criação de um perfil autônomo, crítico e reflexivo. Mediante a isso, indagou-se sobre a questão como a formação do discurso presente nas crônicas de Lya Luft pode contribuir para o desenvolvimento leitor e escritor crítico nas aulas de Língua Portuguesa?

### **3.1.3 Construção de hipóteses**

Para essa etapa Gil (2017) relata que é importante destacar as hipóteses do trabalho para assim criar uma linha em que a pesquisa se iniciará. Para isso, como hipótese acredita-se que com as estratégias de leitura e de escrita e com a contemplação do gênero crônica de Lya Luft, os discentes conseguirão se aproximar do texto lido e se verem nas realidades e contextos propostos nos textos, e assim tornar-se-ão leitores e escritores ativos, críticos, reflexivos e autônomos.

### **3.1.4 Seleção de amostra**

Para que a pesquisa ocorra de forma orgânica é de extrema importância determinar os elementos que serão pesquisados. Gil (2017, p. 139) contempla que “uma amostra intencional, em que os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participantes, mostra-se mais adequada para obtenção de dados numa pesquisa-ação”.

A amostra intencional desta pesquisa foram alunos 9º ano do ensino fundamental II, entre 13 e 15 anos, da rede municipal de ensino de um município do Sul do estado do Espírito Santo.

### **3.1.5 Coleta de dados**

Nessa perspectiva de Gil (2017) afirma que a coleta de dados é a “observação do participante”. Para isso, para a coleta de dados da pesquisa foram realizadas oficinas de leitura e de escrita com os alunos do 9º ano. Elas foram aplicadas e desenvolvidas na modalidade on-line por meio do WhatsApp, pois devido à pandemia que se instaurou no mundo – COVID-19, o ensino precisou adequar-se por meio de atividades remotas. As oficinas foram dispostas em cinco estratégias de leitura que foram auxiliadas e intermediadas pelas crônicas de Lya Luft, tais são: oficina 1- Estratégia Conexão com a crônica “Prioridades”; oficina 2- Estratégia Inferência com as crônicas “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce”; oficina 3- Estratégia Visualização e Estratégia Sumarização com a crônica “Pensar é transgredir”; oficina 4- Estratégia Síntese e produção textual com a crônica “Quem ama cuida” e oficina 5- Estratégia Reescrita com a crônica, “Nossas muitas fomes”.

## **3.2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA COM A CRÔNICA EM SALA DE AULA**

Com o passar dos anos a leitura e a escrita vêm sendo discutidas na educação cada vez mais. O desejo de formar leitores e escritores críticos é uma das tarefas do docente que inicia no primeiro contato com o aluno no ambiente escolar. Desde as séries finais até o ensino médio um dos objetivos do professor de Língua Portuguesa



é que seu aluno saiba ler além da decodificação de palavras, consiga entender de forma ampla e autônoma e escrever com objetividade e intencionalidade.

Por intermédio desse exposto, o trabalho busca por meio de estratégias de leitura e escrita e através do gênero crônica subsidiar condições do docente trabalhar a leitura e a escrita. E para que o ato de ler e escrever aconteça de forma proficiente, é importante que o fazer do docente seja objetivado para tal percurso. Para isso, Davis *apud* Souza (2010), afirma que,

Os leitores proficientes envolvem-se na leitura porque desenvolveram muito bem habilidades e estratégias que lhes permitem atingir um alto nível de compreensão. O ensino das estratégias de compreensão ajuda os alunos a refletirem sobre o que leram e os instrumentaliza para um mergulho mais profundo no texto. Eles passam a conversar com o texto conforme empregam seu repertório de estratégias. Aulas que efetivamente ajudam a desenvolver as estratégias promovem oportunidades para a prática da reflexão sob a orientação do professor, despertando nos alunos comportamentos desejados como a prática independente. Os alunos que internalizam as estratégias de compreensão tornam-se capazes de transferir seu conhecimento para gêneros diferentes e textos mais complexos. Quando os leitores utilizam as estratégias de compreensão, eles constroem o sentido do que lêem e tornam-se participante ativos do processo de leitura (DAVIS *apud* SOUZA, 2010, p. 11).

Considerar o aluno como participante ativo do processo de leitura e, conseqüentemente, da escrita, é ponderar que por meio da compreensão textual e com as estratégias aplicadas, será possível formar um sujeito independente que age de forma ativa no processo de leitura e escrita.

A autenticidade merece destaque nesse processo, uma vez que para ser autêntico precisa de uma veracidade e que ao mesmo tempo está pronto a mudar de direção sem “grandes perdas”, se assim for exposto. Ser autêntico na leitura e na escrita é a certeza de que mesmo um texto evocando a continuar lendo/escrevendo ou não, não haverá perdas, pois a formação de perfil do leitor e escritor já foi criada adequadamente.

Quando se é um leitor e escritor independente e autônomo, e por vezes, perde o foco por esta ação, facilmente sabe como e o que fazer para superar. Nem todos os textos agradam, nem sempre a escrita será bem-vinda, mas saber como superar isso é um exemplo também da prática da autenticidade leitora e escritora.

Por isso, que ao se trabalhar na sala de aula, a leitura deve ser e acontecer de forma branda e contraditória. Souza (2004) explica que,

É imprescindível que na formação da criança, e do leitor, haja sempre espaço para que o contraditório e a ambiguidade apareçam. Não, naturalmente, como lições – se houvesse explicações para o contraditório, ele simplesmente não existiria -, mas, sim, por meio do diálogo, da meditação, de discussões, especulações e troca de opiniões (SOUZA, 2004, p. 44).

Já na escrita o processo de produção textual deve ocorrer de acordo com Lopez (2016) quando,

Utilizamos como uma estratégia de apoio que, mesmo sem afetar o processo de compreensão, serve para consolidar o processo de aprendizagem das diferentes estruturas textuais. Quando os sujeitos precisam produzir um texto, utilizam diferentes estruturas de texto para expressar diferentes objetivos. Elaborar um texto contribui para a percepção de que se pode usar diferentes estruturas em função da sua intenção comunicativa. A consciência disso pode contribuir para que entenda, como leitor, a necessidade de utilizar a estrutura textual para identificar a informação mais importante que se pretende transmitir com o texto (LOPEZ, 2016, p. 19).

Tanto no processo de leitura, quando no processo de escrita, a participação do professor mediador é necessária. Vale ressaltar que a prática da leitura e da escrita devem ocorrer de forma a aproximar o texto do leitor. Por isso, as oficinas podem subsidiar esse fazer, já que o docente conseguirá por meio de estratégias, ampliar a visão do discente, bem como suas interpretações. É ainda na aplicabilidade das estratégias por meio de oficinas, que os docentes conseguirão através da leitura intensificar a prática da escrita.

Com base nisso, é importante que o professor leve em consideração os aspectos que a BNCC (2018) aborda sobre os eixos de leitura e de escrita. Esses eixos visam tornar o ensino mais ativo, autônomo e capaz de ir além da exposição de conteúdos. Para isso, sobre o eixo de leitura ela destaca,

- Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.
- Estabelecer/considerar os objetivos de leitura.
- Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.
- Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.
- Localizar/recuperar informação.
- Inferir ou deduzir informações implícitas.
- Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.
- Identificar ou selecionar, em função do contexto de ocorrência, a acepção mais adequada de um vocábulo ou expressão.

- Apreender os sentidos globais do texto.
- Reconhecer/inferir o tema.
- Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens.
- Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.
- Manejar de forma produtiva a não linearidade da leitura de hipertextos e o manuseio de várias janelas, tendo em vista os objetivos de leitura (BRASIL, 2018, p. 70).

Convergindo, a BNCC (2018) aborda no eixo na escrita práticas que se relacionam e perpassam em estratégias de produção, aspectos gramaticais, construção da textualidade, alimentação temática e diálogo entre textos, tais eixos são:

- Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multisssemiose e características da conectividade (uso de hipertextos e hiperlinks, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital).
  - Analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo; ao leitor pretendido; ao veículo ou à mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico mais geral; ao gênero do discurso/campo de atividade em questão etc.
  - Analisar aspectos sociodiscursivos, temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros propostos para a produção de textos, estabelecendo relações entre eles.
- Orquestrar as diferentes vozes nos textos pertencentes aos gêneros literários, fazendo uso adequado da “fala” do narrador, do discurso direto, indireto e indireto livre.
- Estabelecer relações de intertextualidade para explicitar, sustentar e qualificar posicionamentos, construir e referendar explicações e relatos, fazendo usos de citações e paráfrases, devidamente marcadas e para produzir paródias e estilizações.
- Selecionar informações e dados, argumentos e outras referências em fontes confiáveis impressas e digitais, organizando em roteiros ou outros formatos o material pesquisado, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum, quando for esse o caso) e contemple a sustentação das posições defendidas.
- Estabelecer relações entre as partes do texto, levando em conta a construção composicional e o estilo do gênero, evitando repetições e usando adequadamente elementos coesivos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática.
  - Organizar e/ou hierarquizar informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico discursivas em jogo: causa/efeito; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.
- Usar recursos linguísticos e multissemióticos de forma articulada e adequada, tendo em vista o contexto de produção do texto, a construção composicional e o estilo do gênero e os efeitos de sentido pretendidos.
- Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão.

- Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/ campo de circulação, adequação à norma-padrão etc.
- Utilizar softwares de edição de texto, de imagem e de áudio para editar textos produzidos em várias mídias, explorando os recursos multimídias disponíveis (BRASIL, 2018, p. 73).

Nesse ínterim, a metodologia desta pesquisa se deu por meio de aplicação de oficinas de estratégias de leitura e de escrita que foram elaboradas pela pesquisadora. Para Souza *et al.* (2010, p. 59) “As oficinas de leitura são momentos específicos em sala de aula em que o professor planeja o ensino de uma estratégia. Nessas oficinas, há uma ambientação intencionalmente planejadas”. Solé (1988) complementa afirmando que as estratégias de leitura fazem parte de ferramentas para a formação e desenvolvimento de uma leitura proficiente.

Em completude a isso, para que ocorra uma produção de texto Lopez (2016) destaca que é preciso,

- 1) Ativar o conhecimento relativo ao tema que se vai escrever, tanto em relação ao conteúdo quanto à forma de estruturar as ideias e o público para quem está direcionado.
- 2) Ensinar a gerar ideias sobre um tema determinado.
- 3) Ensinar a hierarquizar as ideias que foram geradas.
- 4) Ensinar a representar essas ideias.
- 5) Ensinar a produzir o texto com estrutura de classificação ou de comparação-contraste, com a utilização dos indicadores.
- 6) Ensinar a revisar o escrito e a modificá-lo com base nos critérios de coerência e compreensão (LOPEZ, 2016, p. 152).

Após a realização das oficinas, a análise de dados se pautou em uma análise aprofundada das respostas e posicionamentos dos alunos referentes a cada oficina e foram destacados os pontos de melhoria e progressão que cada aluno teve nas oficinas. Posteriormente, foi feito um gráfico que apontou o quantitativo de alunos que participaram ou não de cada oficina e o quantitativo que gostaram do tema, do contexto e da linguagem abordado nas crônicas.

Em seguida, foi feita uma exposição de forma geral das conexões, inferências, visualização, sumarização e síntese que os alunos realizaram no decorrer da aplicação das oficinas e como eles se relacionam antes, durante e depois das oficinas. Ao fim foram expostos os aspectos que contribuíram para o entendimento dos textos e como isso foi transportado para a escrita dos alunos.

As oficinas foram aplicadas por meio do WhatsApp, uma vez que devido à pandemia da COVID-19, esta provocou mudanças no mundo como o isolamento social, e ocasionando as aulas remotas. As oficinas foram dispostas em cinco aplicações, de acordo com a necessidade e escolhas dos sujeitos envolvidos. Cada oficina teve 60 minutos para a sua aplicação.

### ● **Oficina 1- Estratégia Conexão**

Tema: Oficina de Leitura “Prioridades” de Lya Luft.

Objetivo: Desenvolver a estratégia de conexão.

Eixos de aprendizagem: Leitura e oralidade.

Duração: 60 minutos.

Recursos: Cópia xerocada da crônica “Prioridades” de Lya Luft, do quadro representativo, da folha do pensar, da folha para a produção do cartaz, quadro para ativação do conhecimento prévio, quadro para avaliar a opinião dos alunos, lápis e borracha.

### ● **Oficina 2- Estratégia Inferência**

Tema: Oficina de Leitura “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce” de Lya Luft.

Objetivos: Desenvolver a estratégia de inferência.

Eixos de aprendizagem: Leitura, oralidade e escrita.

Duração: 60 minutos.

Recursos: Cópia xerocada da crônica “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce” de Lya Luft, quadro âncora, quadro recapitulativo e folha do pensar, inferências e comparação das crônicas, quadro para avaliar a opinião dos alunos, lápis e borracha.

### ● **Oficina 3- Estratégia Visualização e Estratégia Sumarização**

Tema: Oficina de Leitura “Pensar é transgredir” de Lya Luft.

Objetivos: Desenvolver a estratégia de leitura visualização e a estratégia de leitura sumarização.

Eixos de aprendizagem: Leitura e Oralidade.

Duração: 60 minutos.

Recursos: Cópia xerocada da crônica “Pensar é transgredir” de Lya Luft, quadro âncora para a visualização e folha de apoio para visualização, quadro de conhecimento prévio, formulário de conhecimento prévio, quadro de síntese para sumarização e folha do pensar para sumarização, quadro para avaliar a opinião dos alunos, lápis, lápis de cor e borracha.

#### ● **Oficina 4- Estratégia Síntese**

Tema: Oficina de leitura e de escrita “Quem ama cuida” de Lya Luft.

Objetivos: Desenvolver a estratégia de leitura síntese e a produção de ideias.

Eixos de aprendizagem: Leitura, oralidade e escrita.

Duração: 60 minutos.

Recursos: Cópia xerocada da crônica “Que ama cuida” de Lya Luft, formulário para síntese, quadro de reconto para síntese, quadro para avaliar a opinião dos alunos, proposta de produção textual, folha para a produção da crônica, lápis, lápis de cor e borracha.

#### ● **Oficina 5- Estratégia Reescrita**

Tema: Oficina de leitura e de escrita “Nossas muitas fomes”, de Lya Luft.

Objetivos: Desenvolver a estratégia reescrita do texto.

Eixos de aprendizagem: Produção textual.

Duração: 60 minutos.

Recursos: Cópia xerocada da crônica “Nossas muitas fomes”, de Lya Luft, folha de reescrita da produção textual, lápis e borracha.

Os modelos das oficinas foram expostos e descritos por meio de um e-book no apêndice A, que visa a auxiliar e dar sugestões para os professores de Língua Portuguesa das séries variadas.

De acordo com Gil (2002) a última etapa da pesquisa é a apresentação dos dados que para ele é considerado a fase de levantamento da pesquisa. Para ele a apresentação de dados,

Logicamente, só pode ser efetivada depois que se dispõe de todos os dados devidamente coletados e analisados. Entretanto, é de toda conveniência durante o planejamento definir-se acerca da forma como serão apresentados os dados (GIL, 2002, p. 126).

A análise de dados da pesquisa é o momento em que será exposto os pontos que foram observados e diagnosticados com a aplicabilidade do projeto. Em suma, Gil (2002, p. 133) complementa afirmando que,

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma seqüência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Dessa forma, o capítulo subsequente, referente ao último desta pesquisa, abordará por meio de um relatório e interpretação de dados, os resultados da aplicação das oficinas de leitura e de escrita.

## **4 ANÁLISE DE DADOS**

### **4.1 RESULTADOS ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA: APLICABILIDADE COM GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA**

A necessidade de formar adolescentes aptos e prontos para lerem e escreverem qualquer coisa, de forma crítica e atual é um dos maiores desafios da atualidade do professor de Língua Portuguesa, visto que o jovem atual demonstra-se cada vez mais desestimulado a ler e a escrever, pois há um meio tecnológico que pode fazer isso por ele. Por isso, o docente precisa pensar em estratégias que venham ajudar, encantar e trazer esse jovem para mais próximo desse mundo tão admirador.

Dessa forma, oficinas de leitura e de escrita baseadas nas crônicas de Lya Luft podem ser uma estratégia que tendem a subsidiar e agir como sugestão para os professores de Língua Portuguesa de qualquer série do ensino fundamental II.

Isto posto, o capítulo a seguir contempla as oficinas de leitura e de escrita que têm por objetivo colocar em prática as estratégias de leitura e de escrita abordadas nos capítulos anteriores. Para isso, foram utilizadas as crônicas de Lya Luft.

Para que as oficinas cumpram o seu objetivo elas foram divididas em cinco oficinas com o tempo máximo de 60 minutos cada que abordaram as estratégias de leitura e de escrita de forma ampla e dinâmica. Elas foram aplicadas na modalidade on-line pela chamada de vídeo do WhatsApp, anteriormente, no planejamento para a realização da pesquisa, a pesquisadora fez uma previsão para utilizar a plataforma do Google Meet, no entanto no ato das oficinas alguns alunos não conseguiram acessar o link e a pesquisadora fez a adaptação para o WhatsApp.

Para a criação das oficinas a pesquisadora se baseou na estrutura modular de Souza *et al.* (2010) que sofreu algumas adaptações, bem como se baseou em Lopez (2016). As oficinas foram dispostas em um período introdutório, seguido de uma prática guiada e com a finalização com a partilha e avaliação sobre o texto lido.

A primeira oficina abordou a estratégia de leitura conexão que se relaciona diretamente com os conhecimentos prévios que as crianças trazem consigo em sua bagagem cultural. Nessa estratégia há um engajamento e relação do aluno-texto-professor o que contribuirá para o alcance dos objetivos desta estratégia de leitura e compreensão. Para isso, Souza *et al.* (2010, p. 67) afirma que “fazer conexões com as experiências pessoais facilita o entendimento. As vivências e conhecimentos prévios dos leitores abastecem as conexões que fazem”.

Para a fundamentação desta oficina foi utilizado a crônica “Prioridades” de Lya Luft. Esta crônica foi escolhida visto que se aproxima dos elementos comuns para os alunos o que pode favorecer o entendimento, ao fazer associações com o que já viveu



ou vive, uma vez que esta estratégia elucida a conexão que o aluno fará e sua participação.

Em consonância com a “estrutura modular de oficinas” indicado por Souza *et al.* (2010) os primeiros minutos dessa aula foi destinado à apresentação do que seria trabalhado, assim como aborda Souza *et al.* (2010, p. 61-62 grifos do autor),

*Aula introdutória (5 a 10 minutos):* momento em que o professor explica os alunos a estratégia Eleita para ser ensinada; modela como usá-la efetivamente para entender o texto; e verbaliza seus pensamentos, enquanto lê, com o objetivo de mostrar como raciocina ao fazer uso da estratégia. Nessa etapa do trabalho, o desafio é responsabilidade do docente ensinar as crianças a ler, tornando o implícito, explícito. Em outras palavras, é como se o docente apresentasse aos alunos um filme do que se passa em sua mente no momento da leitura. Para cada estratégia de leitura, o professor prepara a pequenas lições. Assim, as crianças têm a oportunidade de compreender os processos mentais utilizados pelo professor durante a leitura.

Para que esse momento ocorra de forma adequada o professor aplicador da oficina deve dedicar-se totalmente a essa ação, uma vez que é a chave do desenvolvimento das estratégias. Por isso, neste momento a pesquisadora, como a docente aplicadora das oficinas detalhou para os alunos o objetivo das oficinas, bem como sobre seu posicionamento frente às estratégias de leitura. Para exemplificar a sua exposição, a pesquisadora contou um pouco sobre a sua trajetória com a leitura e com a escrita, os caminhos que ela percorreu até chegar a produzir seu primeiro livro digital e-book de crônicas.

Com a exposição sobre a estratégia de conexão é basilar que os alunos compreendam de forma efetiva, uma vez que o discente faz parte do processo e ele precisa sentir-se parte do processo, pois é o elemento primordial para o trabalho.

Após este procedimento, a pesquisadora expôs um quadro que apresentava as estratégias de leitura e de escrita que seriam trabalhadas ao longo das oficinas, dessa forma foi possível que os alunos visualizassem o que foi trabalhado e as próximas estratégias. Tal ação, que foi observada pela pesquisadora, provocou uma curiosidade nos alunos participantes, uma vez que fizeram perguntas sobre as estratégias subsequentes.

Quadro 7 – Quadro explicativo das estratégias de leitura e de escrita

<b>ESTRATÉGIAS DE LEITURA</b>	<b>ESTRATÉGIAS DE ESCRITA</b>
-------------------------------	-------------------------------

CONEXÕES	CONHECIMENTO PRÉVIO	INFERÊNCIAS	PRODUÇÃO DE TEXTO
VISUALIZAÇÃO	PERGUNTAS AO TEXTO	SUMARIZAÇÃO	REESCRITA
SÍNTESE			

Fonte: Pesquisadora, 2020.

Dessa forma, o próximo passo foi dado: a prática guiada que consiste na metodologia da oficina e no momento das interpretações que ocorrem do texto-leitor, texto-texto e texto-mundo, bem como com a ativação dos conhecimentos prévios. Souza *et al.* (2010) afirma que,

Nessa etapa, professor e alunos praticam a estratégia juntos em um contexto de literatura partilhada, refletindo por meio do texto e construindo significados através da discussão. Além disso, o professor recupera as tentativas de compreensão e o uso das estratégias dos alunos e os estimula dando *feedbacks* específicos, tendo a certeza de que estão entendendo a tarefa (SOUZA *et al.*, 2010, p. 62 grifos do autor).

Dessarte, para a aplicabilidade da oficina 1, como mencionado anteriormente, foi utilizado a crônica “Prioridades” de Lya Luft,

Fotografia 1- Texto utilizado na 1ª oficina

### PRIORIDADES

Bem que a gente podia fazer uma reforma para valer, não essas dos políticos e dos papéis, mas alguma coisa pessoal. Vital.

A reforma das nossas prioridades. Cansei de ouvir todo mundo reclamando que não tem tempo nem pra respirar, nada mais de conversas à mesa, nada mais de passeio tranqüilo, muito menos de sossego em família. Amantes, namorados, casais, amigos, todo mundo corre afobadíssimo para cumprir mil tarefas: das quais certamente novecentos e noventa seriam dispensáveis se a gente examinasse direito.

Tempo é dinheiro, diziam os pragmáticos, e isso se tornou lei universal. A conta do banco, o colégio dos filhos, o plano de saúde (num país onde o INSS é meio suicídio andado), o restaurante e o bar, a roupa de grife e a bolsa, até a mochila escolar do momento, sem a qual, é claro, o filho não garante nem que consiga passar de ano. A lista é longa, segundo a preferência de cada um.

Fico imaginando que se a gente fizesse uma faxina em nossos compromissos e deveres, boa parte desapareceria ligeiro no ralo do bom senso, e desapareceria para todo sempre no nebuloso das nossas iniquidades mais banais. Sobrariam alguns compromissos, dos quais não há como fugir: provavelmente saúde, prestação do apartamento, escola (a pública estando como está) e alguns outros (poucos).

Comprar não é um dever, quando não se trata do indispensável ou do que faz bem. Comprar pode ser, e tem sido, em grande parte moda, mania, quase neurose. Andar com a roupa do momento pode ser burro e pobre: por que todas as meninas parecendo fantasiadas para desfilar no mesmo bloco? Por que todas com a mesma sandália só porque alguém na televisão...? Por que pais e mães se sacrificam para poderem dar aos meninos alguns absurdos caros, talvez ridículos?

Não quero que meus netos e netas andem muito diferentes de sua turma. Mas não desejaria que seus trabalhassem sem mais horas do que o necessário para lhes permitir algumas insanidades.

Não acho que os casais precisam ter apenas, para seu encontro, as poucas horas da noite, exaustos do dia intenso, da hora extra, quem sabe até do trabalho no fim de semana. Se for para sobreviver com dignidade, paciência: muitas vezes tem de ser. Mas muitíssimas vezes não precisaria ser assim. Labutamos como animais para além do que seria humano, e para aquilo que nem é importante: para o fútil excessivo (um pouco de futilidade, sim, ou nos desumanizamos), para o mais do que tolo (um pouco de tolice, sim, ou viramos estátuas).

Uma hora a menos de trabalho extra por dia – não vou poder comprar aquele tênis importado caríssimo, o menino vai emburrar – pode significar uma hora de carinho, de convívio a mais.

Um fim de semana menos de trabalho extra – mas como vou dar aquela roupa caríssima, a menina vai se frustrar, e tem o cursinho de inglês, e o de nem lembro o quê...e a mulher quer aquelas férias naquele hotel caro, e chegou a hora de trocar o carro...- pode representar u encontro onde a gente vai enxergar de verdade o filho, o irmão, a amante, o marido, o amigo.

Ou a si mesmo, ficando quieto na rede, na praça, até na cama. De bobeira. Olhando a nuvem, o galho de flor pela janela, deitado na grama ou na areia com a cara no sol, sentindo o mundo que somos gente, dentro de algo misterioso chamado vida. Reformulando nossos planos, tentando saber o que queremos para nós.

Muito do que gastamos (e nos desgastamos) nesse consumismo feroz podia ser negociado com a gente mesmo: uma hora de alegria em troca daquele sapato. Uma tarde de amor em troca da prestação do carro do ano; um fim de semana em família em lugar daquele trabalho extra que está me matando e ainda por cima detesto.

Não sei se sou otimista demais, ou fora da realidade. Mas, à medida que fui gostando mais do meu jeans, camiseta e mocassins, me agitando menos, querendo ter menos, fui ficando mais tranqüila e mais divertida. Sapato e roupa simbolizam bem mais do que isso que são: representam uma escolha de vida, uma postura interior.

Nunca fui modelo de nada, graças a Deus. Mas amadurecer me obrigou a fazer muita faxina nos armários da alma e na bolsa também. Resistir a certas tentações é burrice; mas fugir de outras pode ser crescimento, e muito mais alegria.

Cada um que examine o baú de suas prioridades, e faça a arrumação que quiser ou puder.

Que seja para aliviar a vida, o coração e o pensamento – não para inventar de acumular ali mais alguns compromissos estéreis e mortais.

*Disponível no livro "Pensar é transgredir" de Lya Luft, pág. 113.*

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

No primeiro momento da prática guiada, a pesquisadora apresentou a autora Lya Luft e foi reservado um momento para discussão sobre o título da crônica o que fez com o que os alunos fizessem a ativação de seu conhecimento prévio. Após a leitura do título a pesquisadora mediadora questionou os alunos para buscar respostas que levassem ao entendimento e ativassem as conexões. Essa ação incentiva a compreensão do texto durante a leitura. Para Solé (1998),

De qualquer forma, se está falando de um leitor e daquilo que pode ser feito para incentivar a compreensão durante o processo de leitura, um processo que não pode ser assimilado a uma sequência de passos rigidamente

estabelecida, constituindo uma atividade cognitiva complexa guiada pela intencionalidade do leitor (SOLÉ, 1998, p. 133-134).

Assim sendo, quando à ativação do conhecimento prévio, os alunos já começam a realizar as interações e reflexões, dessa forma a pesquisadora propôs a seguinte interação com os alunos:

Professor: Vocês sabem o que significa conhecimento prévio?  
 Aluno A: Um resumo, é aquilo que acredito que seja.  
 Aluno B: Um conhecimento da base.  
 Aluno C: Prever algo.  
 Aluno D: O conhecimento que tenho antes da leitura.  
 Aluno E: O que eu sei sobre algo antes da leitura.  
 Aluno F: o que eu sei sobre determinado assunto antes da leitura.  
 Professor: Isso mesmo, o conhecimento prévio é aquele que destacamos antes da leitura do texto.  
 Vamos ler o título da crônica a seguir.  
 Aluno B: Prioridades.  
 Professor: Para vocês o que é prioridade?  
 Aluno A: Algo importante.  
 Aluno B: Algo que eu priorizo.  
 Aluno C: É priorizar alguma coisa.  
 Aluno D: E dar prioridade a alguma coisa.  
 Aluno E: Priorizar o que acho importante.  
 Aluno F: é aquilo que eu considero importante.  
 Professor: Vocês priorizam o que é importante para você?  
 Aluno B: Não muito.  
 Aluno A: Às vezes.  
 Aluno C: Sim, tento priorizar.  
 Aluno D: Sim, tento priorizar.  
 Aluno E: Sim, mas acho que posso melhor.  
 Aluno F: Eu tento.  
 Professor: Sobre o que vocês acham que o texto falará?  
 Aluno B: Sobre as prioridades de alguém.  
 Aluno A: Sobre as prioridades da autora do texto.  
 Aluno C: Sobre as prioridades da vida de alguma pessoa.  
 Aluno D: Sobre as prioridades de alguém.  
 Aluno E: Sobre prioridades, seus impactos e sua importância.  
 Aluno F: Sobre o que é ter prioridade.

Em seguimento a oficina, a pesquisadora fez a leitura isoladamente, assim como, aborda Souza *et al.* (2010),

O docente pode, ainda, orientar uma discussão oral bom trabalho escrito sobre o texto e a estratégia utilizada. Portanto, para que os alunos falem, pensem escrevam sobre o que leram, o professor poderá planejar um trabalho de sistematização do aprendido, a partir do uso de instrumentos como "cartazes âncoras", "folhas do pensar", "teias de personagens", roteiros, "gráficos organizadores", "mapas das histórias"- explicados posteriormente (SOUZA *et al.*, 2010, p. 62).

Partindo do pressuposto da autora, com a realização da leitura e com o intento de concretizar a prática e a estratégia de leitura de conexão, a pesquisadora fez

algumas pausas na leitura para dialogar com os alunos sobre o que foi exposto. Para isso, foram feitas perguntas, analogias e comentários para ajudar na interpretação, compreensão e conexões sobre o texto. Para tal ação, e ativação dos conhecimentos, foi usada a expressão “me fez lembrar...”, assim o aluno consegue aproximar-se do texto e fazer relações e conexões com ele, aplicando assim, a estratégia de relação texto-leitor.

Professor: O que vocês lembraram com a leitura desta crônica?

Aluno A: Lembrei de uma música que escuto na minha igreja que fala sobre as nossas prioridades.

Aluno B: Lembrei de um filme que visse nesse final de semana “a prova de fogo” que fala das prioridades no casamento.

Aluno C: Lembrei de que tem um programa que assisto sempre que fala sobre a importância de priorizar as coisas que nos fazem bem e nos deixam feliz.

Aluno D: Lembrei de um livro que li na quarentena.

Aluno E: Lembrei de uma fala do meu tio, ele sempre nos diz que é preciso priorizar as coisas e ter prioridades.

Aluno F: Lembrei dos meus amigos que hoje já não converso mais.

Com isso, com a finalização da leitura e seguindo a estratégia em pauta, entregou-se o quadro representativo da conexão texto-leitor para os alunos elucidarem a sua opinião e a conexão que realizaram.

Fotografia 2- Quadro representativo conexão texto-leitor

<b>QUADRO REPRESENTATIVO DA CONEXÃO TEXTO-LEITOR</b>
ALUNO:
Após a leitura da crônica “Prioridades” de Lya Luft, lembrei-me de que, um dia, eu também...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

O quadro foi respondido pelos alunos da seguinte forma,

Professor: o que vocês se lembraram ao ler o texto?

Aluno A: Lembrei-me de que tenho que priorizar mais a minha família.

Aluno B: Lembrei-me de que muitas pessoas pensam da mesma maneira que é exposto no texto.

Aluno C: Acho que é importante levantar o assunto.

Aluno D: Que dei muita prioridade a coisas fúteis da minha vida e esqueci do que realmente importa, eu e minha família.

Aluno E: Que eu preciso destacar minhas prioridades.

Aluno F: Eu também professora, acho que preciso realmente destacar minhas prioridades, o que é importante para mim.

Posteriormente, foi apresentado aos alunos a folha do pensar sobre a conexão texto-texto e a folha da conexão texto-mundo, para os exercícios, os alunos responderam:

Professor: Após a leitura da crônica o que você lembrou que já tinha visto, lido ou ouvido?

Aluno A: Lembrei-me de um livro que fala das coisas importantes e seus impactos sobre nossa vida.

Aluno B: Lembrei-me de uma mensagem na escola, uma professora leu um texto que falava da importância de darmos prioridades a nossa família, amigos.

Aluno C: Lembrei-me da aula de história que fala sobre o capitalismo e o consumismo e que muitas vezes as pessoas dão prioridades demais as coisas materiais.

Aluno D: Lembrei de um texto que li que falava de coisas fúteis e na crônica a agente percebe que acaba dando atenção demais a coisas desnecessárias.

Aluno E: Lembrei de que as prioridades das pessoas são diferentes e por vezes podem ser desiguais.

Aluno F: Lembrei de um texto que li que falava que as coisas são diferentes, mas que sempre devemos nos ouvir.

Professor: Muito bem, agora em relação ao mundo, qual relação vocês acham que o texto tem e com aquilo que vocês já ouviram, lerão ou viram?

Aluno A: O que fica para o mundo é que devemos priorizar o que é importante para nós.

Aluno B: O que fica é que também devemos dar valor as coisas pequenas.

Aluno C: Ao ler o texto, pude perceber que tudo faz sentido com o mundo, pois ela retrata bem as coisas do cotidiano.

Aluno D: Ela retrata a realidade da população nos dias atuais.

Aluno E: A crônica cita uma realidade atual.

Aluno F: A crônica fala da realidade e faz uma mistura de um texto jornalístico e literário.

Após as conexões feitas pelos alunos, a pesquisadora digitou as informações em um quadro para que os alunos pudessem visualizar as informações e conexões que foram feitas.

ESTRATEGIAS DE LEITURA		
CONEXOES		
Conexão texto-LEITOR	Conexão texto-TEXTO	Conexão texto- MUNDO
Após a leitura da crônica "Prioridades" de Lya Luft, lembrei-me de que, um dia, eu também...	Quando li a crônica "Prioridades" de Lya Luft, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...	Quando li a crônica "Prioridades" de Lya Luft, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...
Aluno A: Lembrei-me de que tenho que priorizar mais a minha família.	Lembrei-me de um livro que fala das coisas importantes e seus impactos sobre nossa vida.	O que fica para o mundo é que devemos priorizar o que é importante para nós.
Aluno B: Lembrei-me de que muitas pessoas pensam da mesma maneira que é exposto no texto.	Lembrei-me de uma mensagem na escola, uma professora leu um texto que falava da importância de darmos prioridades a nossa família, amigos.	O que fica é que também devemos dar valor as coisas pequenas.
Aluno C: Acho que é importante levantar o assunto	Lembrei-me da aula de história que fala sobre o capitalismo e o consumismo e que muitas vezes as pessoas dão prioridades demais as coisas materiais.	Ao ler o texto, pude perceber que tudo faz sentido com o mundo, pois ela retrata bem as coisas do cotidiano.
Aluno D: Que dei muita prioridade a coisas fúteis da minha vida e esqueci do que realmente importa, eu e minha família.	Lembrei de um texto que li que falava de coisas fúteis e na crônica a agente percebe que acaba dando atenção demais a coisas desnecessárias.	Ela retrata a realidade da população nos dias atuais.
Aluno E: Que eu preciso destacar minhas prioridades.	Lembrei de que as prioridades das pessoas são diferentes e por vezes podem ser desiguais.	A crônica cita uma realidade atual.
Aluno F: Eu também professora, acho que preciso realmente destacar minhas prioridades, o que é importante para mim.	Lembrei de um texto que li que falava que as coisas são diferentes, mas que sempre devemos nos ouvir.	A crônica fala da realidade e faz uma mistura de um texto jornalístico e literário.

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Após o preenchimento do quadro, a pesquisadora enviou pelo WhatsApp para que os alunos pudessem visualizar suas observações. Este foi um momento de grande interação, pois eles ficaram entusiasmados para ver suas colocações e explicaram o porquê delas. Os alunos buscaram compreender o motivo das colocações dos colegas e da interação que a pesquisadora teve nesse processo.

Esse momento da oficina pôde aproximar ainda mais as conexões que os alunos fizeram com o que estava escrito na crônica, eles demonstraram ainda, conseguir compreender as relações do texto com a realidade e estipular relações com o seu próprio entendimento. Esse passo da oficina demonstrou que houve um desenvolvimento cognitivo, uma vez que conseguiram explorar seus conhecimentos e aprimorar sua bagagem cultural.

Em completude a oficina, a pesquisadora deu seguimento para o próximo passo que foi a ativação do conhecimento prévio, isto é, ativar aquilo que o aluno já sabe, sobre aquilo que ele leu. Segundo Lopez (2016, p. 45) “o conhecimento que o leitor possui sobre o tema que necessita ler ou escrever está diretamente relacionado com a compreensão que fará do texto ou com o resultado de uma elaboração textual”. Para essa efetivação, os alunos receberam o quadro para a ativação do conhecimento prévio.

Fotografia 4- Quadro para ativação do conhecimento prévio

<b>QUADRO PARA A ATIVAÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO</b>
ALUNO:
Quando li a crônica “Prioridades” de Lya Luft, pude perceber que a forma como os conceitos, o vocabulário e o tema é abordado, me fez pensar...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

As respostas dos alunos para este quadro foram,

Professor: O que você percebeu sobre a forma como os conceitos, o vocabulário e o tema foram abordados na crônica?

Aluno A: Que devemos priorizar o que é importante para a gente, mesmo que não seja importante para os outros.

Aluno B: Que esse assunto é alta relevância para a sociedade e que devemos priorizar nossa família como nunca.

Aluno C: Esse texto me fez pensar que as pessoas atingiram um nível absurdo de hipocrisia e que priorizar coisas simples faz toda a diferença.

Aluno D: Me fez pensar nas prioridades que eu tenho priorizado em minha vida.

Aluno E: Me fez pensar sobre como a sociedade está vivendo e sobre suas prioridades.

Aluno F: Me fez lembrar que preciso ter minhas prioridades.

Para a finalização desta oficina de conexão, a pesquisadora entregou um quadro para avaliar a opinião dos alunos sobre a crônica lida. Esse fazer, identificou se o aluno gostou do tema, se consegue perceber relações do que está escrito no texto com a realidade e se gostou da linguagem abordada na crônica. Com esse quadro foi finalizado a oficina 1. As respostas dos alunos foram:



Fotografia 5- Quadro para avaliar a opinião dos alunos

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA			
QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
<b>Você gostou do tema desta crônica?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		
<b>Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		Com certeza
<b>Você gostou da linguagem abordada na crônica?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

### • Oficina 2- Estratégia Inferência

A segunda oficina deu-se pela estratégia de inferência e com o auxílio das crônicas “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce”, de Lya Luft. Os alunos ficaram bastante ansiosos e curiosos para a aplicação desta oficina e das estratégias que seriam utilizadas.

Para inicialização da oficina, a pesquisadora perguntou aos alunos se eles sabiam o que era inferência e eles responderam que não sabiam ou não faziam ideia do que seria. Após essa colocação dos alunos, a pesquisadora explicou que:

Professor: Inferência é quando a gente deduz o sentido de algo. Essa dedução pode ser confirmada ou não. Por exemplo, na oficina anterior, o texto “Prioridades”, quando vocês leram o título, houve uma sugestão, dedução do que achavam que o texto iria abordar. Após a leitura, essas sugestões ou deduções puderam ou não ser confirmadas. Assim vocês usaram a inferência. Conseguiram compreender?

Aluno A: Sim. Então inferência é criar hipóteses sobre algo?

Professor: Isso mesmo. Criar hipótese, fazer dedução, tudo isso é inferência, tudo isso está relacionado ao ato de inferir algo.  
 Aluno B: Agora consegui compreender.  
 Aluno C: Eu também professora.  
 Aluno D: Então inferência pode ser interpretar algo que está explícito ou implícito no texto?  
 Professor: Isso mesmo.

Após a explicação do significado de inferência, a pesquisadora explicou também a estratégia de leitura segundo os fundamentos de Souza *et al.* (2010). Essa é uma estratégia de suma importância, pois os alunos utilizam seus conhecimentos prévios e estabelecem relações com as dicas que o texto apresenta, para assim chegar a sua conclusão.

Após as explicações que a pesquisadora realizou, os alunos ficaram animados e conseguiram compreender o objetivo da estratégia de leitura. Após, os discentes receberam o quadro âncora para inferência. As respostas dos alunos foram,

Fotografia 6- Quadro âncora para a inferência

QUADRO ÂNCORA PARA A INFERÊNCIA			
EU USO PARA PREVER:	SIM	NAO	OBSERVAÇÃO
O título. ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X X		
Questões que podem ser respondidas. ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X	X	
O que eu já sei sobre o assunto do texto. ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X X		
O que eu sei sobre o autor ou gênero. ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X	X X X	
O que eu sei sobre a organização e a estrutura do texto. ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X	X X	
O que eu sei sobre a história. ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X		Às vezes

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Para seguimento da oficina, foi realizada a leitura das duas crônicas, e posteriormente, entregou-se “A folha do pensar” e/ou “Cartão âncora para inferência”. Dessa forma, os quadros ficaram assim,

## Fotografia 7- Crônica “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce” de Lya Luft

**Texto 1:**

**REVOGUE-SE**

Relacionamentos se constroem ao longo dos anos de sua duração: os dois parceiros vão tramar consciente ou inconscientemente a teia que os vai envolver ou separar, o casulo onde vão abrigar ou sufocar seus filhos.

Amor não deveria ser prisão ou dever, mas crescimento e libertação. Porém se gostamos de alguma coisa ou de alguém, queremos que esteja sempre conosco. Perda e separação significam sofrimento, mas não o fim da vida nem o fim de todos os afetos.

Certa vez me entregaram um bilhete que dizia:

"Se você ama alguém, deixe-o livre."

Poucas afirmações são tão difíceis de cumprir, poucas contêm tamanha sabedoria em relação aos amores, todos os amores: filhos, amigos, amantes. Amor é risco, viver é risco. Pois permitir, até querer que o outro cresça ao nosso lado, pode significar que crescerá afastando-se de nós.

Mas - essa é a força e a beleza do desafio de uma vida a dois - o outro, crescendo, pode-se abrir mais para nós, que participaremos dessa expansão. Instaura-se uma instigante parceria amorosa, na qual o tempo não servirá para desgaste mas para construção. É um processo de refinamento da cumplicidade que brilha em algumas relações mesmo depois de muitos anos, muitas perdas, e muitos difíceis recomeços - desde que haja sobre o que reconstruir.

Em contrapartida, alguém muito torturado me disse certa vez:

"Se você conhece o clima na casa de meus pais, entenderia por que eu sou tão doente".

Era realmente uma alma retorcida, novelo de mágoas. Sua confiança na vida fora solapada pelo que via em casa, sua crença nos afetos contaminada pelo que ali presenciava.

Muitas vezes a salvação está na separação, embora casais não se separem apenas por frieza ou desamor. Às vezes houve tamanha transformação no curso do tempo, que o mais digno, o mais libertador para todos, é uma separação com respeito e amizade.

Casais podem se separar com dignidade, apesar das dores iniciais, e com certeza nunca fizeram nada de melhor pelos seus filhos, embora esse conceito seja relativamente inovador.

Não acho um fracasso uma relação que dure dez, vinte anos e depois termine. O "que seja eterno enquanto dure" de Vinícius não era cinismo, porém constatação de que um amor pode se transformar em um afeto que foge às definições e permanece mesmo depois de uma separação. Desde que não se abafe essa possibilidade debaixo de camadas de rancor e desejo de vingança.

Hoje começamos a entender e admitir que relacionamentos mudam ou se desgastam, contratos afetivos se refazem, e a família, que não vai acabar, abre portas e janelas para novas maneiras de se relacionar mesmo depois que o casamento termina.

Tudo o que se viveu de bom ou ruim liga para sempre, se foi intenso ou prolongado. Nem divórcio nem morte apagam a presença do outro, que em qualquer dessas circunstâncias há de continuar lançando a sua sombra: boa ou negativa.

Será preciso tempo, descoberta e cultivo de outros interesses, abertura para novos afetos, para que essa ferida feche: e ela fecha, não deixando necessariamente cicatrizes inflamadas. Por outro lado, nada cresce bem no terreno de uma relação ruim. Viver lado a lado em silêncios ressentidos, críticas pronunciadas ou abafadas, isolamento e indiferença pode ser uma condenação.

Velhos casais não são sempre amigos.  
Jovens casais não são sempre amantes.  
Relacionamentos podem ser mortais.

O que mais identifica um par é o clima que circula entre eles além de palavras e gestos; uma química de pele e emoção, mel ou veneno, emoções que, se forem positivas, vão nos abrir para vivências.

O primeiro toque sobre uma criança ao nascer vai definir parte de seu destino: é a atmosfera de amor ou de hostilidade e frieza, que reina entre seus pais. Nascedo, caímos nessas marés sombrias ou positivas. Se forem positivas, vão nos abrir para vivências. O primeiro toque sobre uma criança ao nascer vai definir parte de seu destino: é a atmosfera de amor ou de hostilidade e frieza, que reina entre seus pais. Nascedo, caímos, nessas marés sombrias ou positivas. Se

forem menos saudáveis, cegamos ao mundo como quem naufraga. Serão preciso muito esforço pessoal e afetos bons para nos salvar.

Laços negativos podem unir mais que os do amor. E matam. Toma-se impossível viver, respirar, sem o inimigo de dentro da casa: mulheres dominadoras, maridos grosseiros, filhos assustados e revoltados, uma violência que não precisa ser de gritos e golpes, mas a violência inominável da indiferença. Ama-se uma rede que prende e lentamente sufoca toda a alegria.

Onde quer que morem essas famílias, sobre a porta de entrada pode-se ler a sentença que vai recair também sobre os mais inocentes:

"Aqui revogou-se a esperança".

*Disponível no livro "Pensar é transgredir" de Lya Luft, pág. 145.*

- Após a leitura do texto anterior, será apresentado a outra crônica de Lya Luft "Subir pelo lado que desce"

**Texto 2 -**

**SUBIR PELO LADO QUE DESCE**

"Viver é subir uma escada rolante pelo lado que desce".

Ouvindo esta frase, imaginei qualquer pessoa nessa acrobacia que as crianças fazem ou tentam fazer: escalar aqueles degraus que nos puxam inexoravelmente para baixo. Perigo, loucura, inocência, ou uma boa metáfora do que fazemos diariamente?

Poucas vezes me deram um símbolo tão adequado para a vida, sobretudo naqueles períodos difíceis em que até pensar em sair da cama dá vontade de desistir. Tudo o que queríamos era tapar a cabeça e dormir, sem pensarmos em nada, fingindo que não estamos nem aí...

Porque Tantos, isto é, a voz do poço e da morte, nos convoca a cada minuto para que, enfim, nos entreguemos e acomodemos. Só que acomodar-se é abrir a porta a tudo aquilo que nos faz cúmplices do negativo. Descansaremos, sim, mas tomando-nos filhos do tédio e amantes da pusilanimidade, personagens do teatro daqueles que constantemente desperdiçam os seus próprios talentos e dificultam a vida dos outros.

E o desperdício da nossa vida, talentos e oportunidades é o único débito que no final não se poderá saldar: estaremos no arquivo-morto.

Não que não tenhamos vontade ou motivos para desistir: corrupção, violência, drogas, doença, problemas no emprego, dramas na família, buracos na alma, solidão no casamento a que também nos acomodamos... tudo isso nos sufoca. Sobretudo, se pertencermos ao grupo cujo lema é: Pensar, nem pensar... e a vida que se lixe.

A escada rolante chama-nos para o fundo: não dou mais um passo, não luto, não me sacrifico mais. Para quê mudar, se a maior parte das pessoas nem pensa nisso e vive da mesma maneira, e da mesma maneira vai morrer?

Não vive (nem morrerá) da mesma maneira. Porque só nessa batalha consigo mesmo, percebendo engodos e superando barreiras, podemos também saborear a vida. Que até nos surpreende quando não se esperava, oferecendo-nos novos caminhos e novos desafios.

Mesmo que pareça quase uma condenação, a ideia de que viver é subir uma escada rolante pelo lado que desce é que nos permite sentir que afinal não somos assim tão insignificantes e tão incapazes.

Então, vamos à escada rolante: aqui e ali até conseguimos saltar degraus de dois em dois, como quando éramos crianças e muito mais livres, mais ousados e mais interessantes.

E porque não? Na pior das hipóteses, caímos, magoamo-nos por dentro e por fora, e podemos ainda uma vez... recomeçar.

*Disponível no livro "Pensar é transgredir" de Lya Luft, pág. 141.*

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Fotografia 8- Folha do pensar e/ou cartão âncora para inferência

A FOLHA DO PENSAR E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA TEXTO 1				
ALUNO	PALAVRA	SIGNIFICADO INFERIDO	DICAS DO TEXTO	FRASE DO TEXTO
A	Amor	Amar	Crescimento e libertação	"Amor não deveria ser prisão ou dever, mas crescimento e libertação".
B	Amor	Sentimento	Libertação	"Amor não deveria ser prisão ou dever, mas crescimento e libertação".
C	Relacionamento	Relacionar-se, interação	Se constroem	"Relacionamentos se constroem ao longo dos anos de sua duração...".
D	Intenso	Intensidade	Intensidade	"Tudo o que se viveu de bom ou ruim liga para sempre, se foi intenso ou prolongado".
E	Clima	Estação ou sentimento	Sentimento	"O que mais identifica um par é o clima que circula entre eles além das palavras e gestos."
F	Possibilidade	Algo possível	Pode acontecer	"Desde de que não se abate essa possibilidade debaixo das camadas de rancor e de desejo de vingança".

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

A FOLHA DO PENSAR E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA				
TEXTO 2				
ALUNO	PALAVRA	SIGNIFICADO INFERIDO	DICAS DO TEXTO	FRASE DO TEXTO
A	Subir	Se elevar a cima	Subir uma escada	"Viver é subir uma escada pelo lado que desce".
B	Mudar	Mudança	Se amar	"Para quê mudar, se a maior parte das pessoas nem pensa nisso e vive da mesma maneira, e da mesma maneira vai morrer?"
C	Vontade	Querer algo	Vontade de algo	"Não que não tenhamos vontade ou motivos para desistir..."
D	Hipóteses	Suposição	Suposição	"Na pior das hipóteses, caímos, magoamo-nos por dentro e por fora..."
E	Passo	Andar	Andar	"Não dou mais um passo".
F	Fingimento	Inventar algo	Fingir algo	"Tudo o que queríamos era tapar a cabeça e dormir, sem pensamentos em nada, fingindo que não estamos nem aí..."

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Após o preenchimento da folha do pensar e diálogo sobre as palavras escolhidas pelos alunos para a realização da inferência, foi entregue o quadro recapitulativo para a inferência relacionada ao título dos textos. Para tanto, as respostas dos alunos foram,

Professor: O que foi possível inferir do título da crônica "Revogue-se"?

Aluno A: Que devemos abrir mão de alguma coisa.

Aluno B: Que falaria sobre o fim de algo.

Aluno C: Que está falando de libertação e evolução.

Aluno D: Que devemos aprender com nossos erros, nos restaurar com base nele.

Aluno E: Entendo que falará sobre anulação.

Aluno F: Entendo por cancelamento de algo.

Professor: Muito bem, e em relação à crônica 2 "Subir pelo lado que desce", o que foi possível inferir do título?

Aluno A: Uma tentativa de realizar algo.

Aluno B: Que abordaria um momento de dificuldade.

Aluno C: Que devemos aproveitar o máximo da vida.

Aluno D: Que viver emplaca decisões importantes.

Aluno E: Seria viver e subir e se transformar.  
Aluno F: Seria uma transformação.

Com as respostas desse quadrinho, após alguns questionamentos e diálogos com os alunos, eles relataram que sentiram dificuldade de inferir o título da crônica 1 “Revogue-se” por não saber o significado da palavra. Diante disso, a pesquisadora explicou o sentido da palavra e perguntou aos alunos se o sentido dela era o que estava presente no texto. E as respostas de alguns alunos foram:

Aluno A: Bom, para mim o título e o significado da palavra se relacionam, pois, revogar pode ser anular algo, e no texto a autora deixa a mensagem de que nós não devemos nos anular e sempre nos transformar mediante ao que aconteça.

Aluno C: Eu concordo com a fala da colega, e acho também que revogue-se no texto está bem relacionando ao sentimento de resiliência, que é a capacidade de se adequar ao cotidiano.

Aluno F: Revogar no texto e em seu significado natural se assemelham ao ponto de dizer que não se anule, não deixe de agir, se transforme sempre que for preciso.

Assim, foi possível que os alunos depreendessem um significado maior do texto e também das relações e interpretações que foram feitas. Dando seguimento a oficina, foi disposto aos alunos “A folha do pensar para a inferência”, em que as respostas foram:

Fotografia 10- Folha do pensar para inferência

<b>A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA</b>			
<b>TEXTO 1</b>			
<b>ALUNO</b>	<b>Anote aqui suas inferências</b>	<b>Inferência confirmada</b>	<b>Inferência NÃO confirmada</b>
<b>A</b>	Abrir mão de situações	X	
<b>B</b>	Lidar com as fases da vida	X	
<b>C</b>	Libertação e transformação	X	
<b>D</b>	Ação, libertação e transformação	x	
<b>E</b>	Transformação	X	
<b>F</b>	Transformação	X	
<b>A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA</b>			
<b>TEXTO 2</b>			
<b>ALUNO</b>	<b>Anote aqui suas inferências</b>	<b>Inferência confirmada</b>	<b>Inferência NÃO confirmada</b>
<b>A</b>	Tentativa de corrigir algo	X	
<b>B</b>	Enfrentar as dificuldades	X	
<b>C</b>	Aproveitar a vida	X	
<b>D</b>	Enfrentar o que acontecer	X	
<b>E</b>	Transformação	X	
<b>F</b>	Transformação	X	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Com o intuito de aguçar ainda mais a interpretação e colocações dos alunos, foi entregue o Quadro inferências e comparações das crônicas lidas, as respostas dos alunos foram:

Fotografia 11- Inferências e comparações das crônicas

INFERÊNCIAS E COMPARAÇÃO DAS CRÔNICAS		
SOBRE AS CRÔNICAS LIDAS ESCREVA:	SIM	NAO
<b>Há pontos que se assemelham?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X X	
<b>Há pontos que de diferenciam?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X X	
<b>Você acha que uma crônica contribui para o entendimento da outra?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X X	
<b>Você acha que as inferências feitas para cada crônica se relacionam?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X X	
<b>As inferências feitas foram importantes para o entendimento das crônicas?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	X X X X X X	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Esse quadro propôs um momento de grande interação com os aspectos dos dois textos em que os alunos expuseram o que pensavam e o que entenderam, após a leitura e realização das atividades anteriores. Em diálogo com a professora eles afirmaram que:

Professor: O que vocês acharam dos dois textos desta oficina?

Aluno A: O que eu mais gostei foi que embora sejam textos diferentes, eles se relacionam muito, é como se um complementasse o outro com aspectos diferentes.

Alunos B: Eu gostei que a forma como a autora descreveu os fatos, desde as primeiras palavras ela já proporciona uma grande reflexão, é quase impossível ler e não refletir sobre o que está sendo escrito.

Aluno C: Eu penso que os três textos lidos até o momento são de grande importância para a sociedade, eles trazem grandes reflexões.

Aluno D: Eu gostei muito da relação e diferença que ambos textos apresentam.

Aluno E: Acho que as particularidades e semelhanças deles são incríveis.

Aluno F: Gostei muito da forma como a autora produziu os textos.

Assim, após os diálogos sobre as crônicas lidas a pesquisadora encerrou a oficina com o quadro para avaliar a opinião dos alunos sobre os textos lidos.



Fotografia 12- Quadro para avaliar a opinião dos alunos sobre as crônicas lidas

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE AS CRÔNICAS LIDAS			
QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
<b>Você gostou do tema desta crônica?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		
<b>Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		Faz muita relação com a sociedade.
<b>Você gostou da linguagem abordada na crônica?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

### • Oficina 3- Estratégia Visualização e Estratégia de Sumarização

Para Souza *et al.* (2010, p. 85) trabalhar a visualização é “sobretudo, inferir significados, por isso visualização é uma forma de inferência, justificando a razão dessas estratégias serem abordadas tão proximamente”. Quando os sujeitos visualizam um texto, eles estão criando imagens em suas mentes, o que ajudará na elaboração de significados e na interpretação textual.

A estratégia de sumarização segundo Souza *et al.* (2010, p. 93) “é aprender a determinar a importância, é buscar a essência do texto”. Ambas estratégias se relacionam e por isso foram trabalhadas de forma a complementar os processos de compreensão textual dos alunos.

Dando continuidade, a oficina deu-se início com o seguinte questionamento:

Professor: Vocês sabem o que significa a estratégia de leitura de visualização e de sumarização?

Aluno A: A estratégia de visualização para mim é visualizar o texto de diversas formas, já a estratégia de sumarização eu não sei dizer.

Aluno B: Visualização para mim é quando imagino o que vai acontecer e sumarização eu não sei o que significa.

Aluno C: Eu não sei dizer o que é sumarização, mas acredito que visualização seja visualizar algo ou algumas partes do texto.

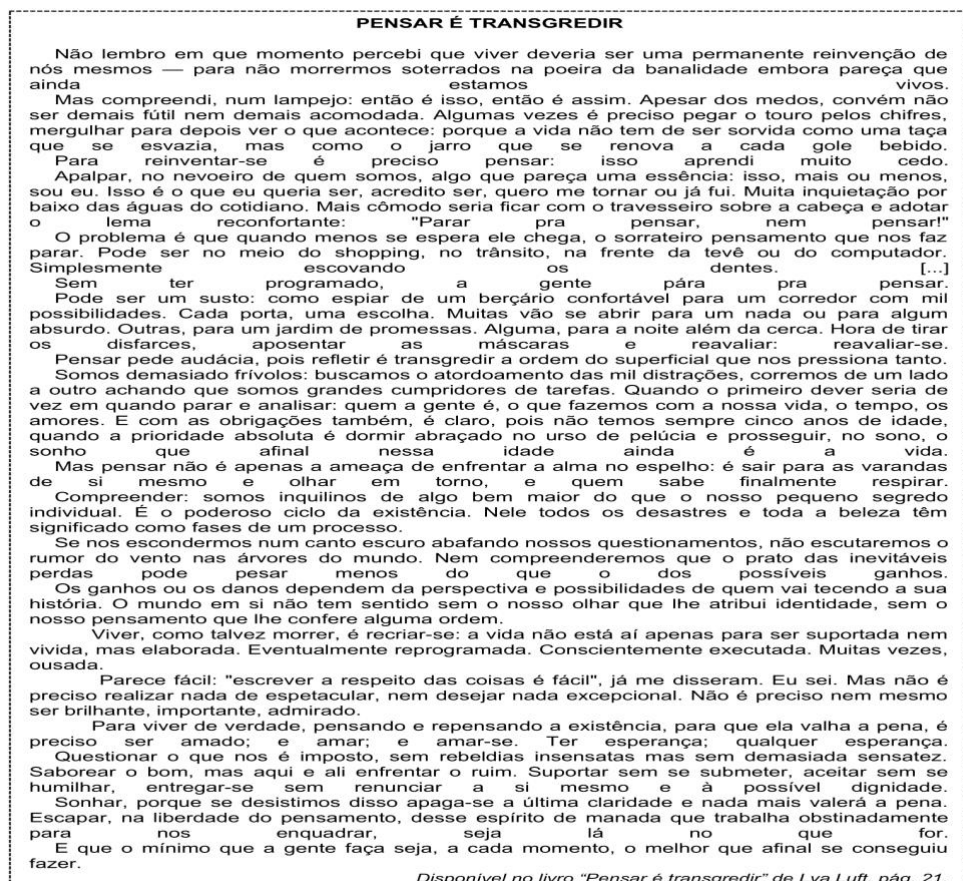
Aluno D: Acho é uma maneira de visualizar uma parte do texto.

Aluno E: Visualizar rapidamente sobre o que o texto quer dizer, focando nos principais pontos.

Aluno F: Uma maneira eficiente de enxergar sobre o que o texto abordará.

Após a fala dos alunos a pesquisadora explicou o que é a estratégia de visualização e sumarização de acordo com os aportes de Souza *et al.* (2010) e entregou a crônica desta oficina para leitura.

### Fotografia 13 - Crônica "Pensar é transgredir" de Lya Luft



Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Antes da leitura do texto, foi entregue aos alunos a folha para visualização para que eles escrevessem o que eles visualizam somente com a leitura do título da crônica. Em resposta e diálogo com o quadro, os alunos escreveram que:

Aluno A: Acredito que o texto venha falar de mudança, que pensar proporciona alguma mudança.

Aluno B: Penso que o texto irá falar de um passado e de mudanças.

Aluno C: Eu visualizei ao ler o título que pensar é liberdade, é sonhar.

Aluno D: Que pensar, refletir e ser transparente antes de qualquer atitude é importante.

Aluno E: Que pensar é evoluir.

Aluno F: Pensar e evoluir de uma forma diferente.

Após o preenchimento do quadro, foi entregue o “Quadro âncora para a visualização” para que os alunos marcassem os termos e sentidos que utilizam para fazer inferências e visualização do texto.

Fotografia 14 – Quadro âncora para a visualização

QUADRO ANCORA PARA A VISUALIZAÇÃO				
EU VISUALIZO A FIM DE:	ALUNO	SIM	NAO	OBSERVAÇÃO
Fazer previsões e inferências	TODOS OS ALUNOS	X		
Esclarecer algum aspecto do texto	A B C D E F	X X X X X X		Às vezes
Lembrar	TODOS OS ALUNOS	X		
<b>EU VISUALIZO:</b>				
Personagens, pessoas, criaturas	A B C D E F	X X X X X X		Às vezes
Ilustrações ou características do texto	TODOS OS ALUNOS	X		
Eventos e/ou fatos	TODOS OS ALUNOS	X		
Espaço e/ou lugar	A B C D E F	X X X X X X		Às vezes Às vezes
<b>EU VISUALIZO, USANDO:</b>				
Meus sentidos (olfato, audição, paladar ou sentimentos)	TODOS OS ALUNOS	X		
Minha reação física (calor, frio, com sede, estômago doendo etc.)	A B C D E F	X X X X X X	X	
Uma reação emocional (alegria, tristeza, ânimo, solidão etc.)	TODOS OS ALUNOS	X		

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Após a leitura da crônica algumas estratégias de visualização e inferências foram respondidas, ao final foi utilizada a folha de apoio para a visualização. Para a resposta, houve o seguinte diálogo:

Professor: O que vocês visualizaram ao terminar a leitura da crônica?

Aluno A: Que pensar vai além, é evolução, é necessário.  
 Aluno B: O texto aborda vários assuntos que se relacionam e fazem dele bem complexo e atual.  
 Aluno C: Que devemos insistir nos nossos sonhos.  
 Aluno D: Que todos os momentos, não importa qual seja, são importantes.  
 Aluno E: Que o pensamento é evolução.  
 Aluno F: Que pensar é o melhor fundamento para o ser humano.

Com a explanação desse quadro, a estratégia de visualização finalizou e foi de suma importância para que os alunos analisassem como fazem suas visualizações textuais, eles afirmaram ainda que utilizaram vários aspectos do quadro anterior para ajudar na compressão do texto. Para isso, deu-se seguimento a estratégia de sumarização com a utilização do formulário de conhecimento prévio e o quadro de síntese para a sumarização.

Em resposta ao formulário de conhecimento prévio o aluno A respondeu que “acho que o texto vai falar de mudanças”, já o aluno B disse que “acho que o texto vai falar de algo no passado” e o aluno C “acho que o texto vai dizer sobre algo relacionando a transformação”. As respostas do formulário e do quadro se relacionam e são importantes para o processo de sumarização.

Fotografia 15 – Quadro de síntese para a sumarização

QUADRO DE SINTESE PARA A SUMARIZAÇÃO		
ALUNO		
APÓS A LEITURA DA CRÔNICA, RESPONDA:	SIM	NÃO
As informações que eu fiz antes da leitura se confirmaram?		
ALUNO A		X
ALUNO B		X
ALUNO C	X	
ALUNO D	X	
ALUNO E	X	
ALUNO F	X	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

É crucial que os alunos compreendam o que é importante no texto. De acordo com Souza *et al.* (2010) a folha do pensar possibilita esse direcionamento, dessa forma seguem as respostas de alguns alunos:

Fotografia 16 – Folha do pensar para a Sumarização

FOLHA DO PENSAR PARA A SUMARIZAÇÃO	
ALUNO	
TÍTULO DO TEXTO	
1. Escreva algo que aprendeu sobre o assunto e que acha importante lembrar. <b>ALUNO A:</b> Que pensar pode provocar mudanças. <b>ALUNO B:</b> Que você deve se conhecer para evoluir. <b>ALUNO C:</b> Nunca pare de sonhar e não desista.	
2. Desenhe, no texto, uma linha embaixo da informação que acha importante e transcreva a seguir essa informação. <b>ALUNO A:</b> “O problema é que quando menos se espera ele chega, o sorratoiro pensamento que nos faz parar”. <b>ALUNO B:</b> “Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo olhar em torno e quem sabe finalmente respirar”. <b>ALUNO C:</b> “Viver como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí para ser suportada nem vivida, mas elaborada”.	
3. Escreva o que acha que a autora mais queria que aprendesse e lembrasse com a leitura. <b>ALUNO A:</b> Pensar vai muito mais além que “só pensar”, é evolução. <b>ALUNO B:</b> Que tudo que enfrentamos faz parte da vida. <b>ALUNO C:</b> Aproveite a vida no máximo que puder e nunca desista daquilo que deseja alcançar.	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Para a finalização desta oficina os alunos destacaram suas opiniões sobre a crônica lida no quadro para avaliar a opinião.

Fotografia 17 – Quadro para avaliar a opinião dos alunos

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA			
QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
<b>Você gostou do tema desta crônica?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		Achei muito legal essa crônica.
<b>Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		
<b>Você gostou da linguagem abordada na crônica?</b> ALUNO A ALUNO B ALUNO C ALUNO D ALUNO E ALUNO F	 X X X X X X		

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

● **Oficina 4- Estratégia Síntese e produção textual**

Para iniciar a última oficina de estratégias de leitura a pesquisadora começou retomando as estratégias anteriores e ouvindo as opiniões dos alunos sobre as estratégias.

Professor: O que vocês mais têm gostado nas estratégias de leitura até aqui?

Aluno A: Eu tenho gostado da forma como a estratégia contribuiu para o entendimento e reflexão do texto.

Aluno B: Eu achei muito dinâmico e fundamental do texto e as estratégias.

Aluno C: Acho que a estratégia só tem a somar e contribuir no entendimento do texto.

Aluno D: Com as estratégias eu tenho conseguido compreender o texto de uma forma mais completa.

Aluno E: Acho que as estratégias têm ajudado muito na forma como eu leio e interpreto um texto. Tenho conseguido fazer grandes relações com a realidade.

Aluno F: Eu tenho gostado muito das oficinas e das estratégias. Com elas tenho entendido melhor os textos, pois me faz pensar e refletir sobre o que eu li de forma dinâmica...

Para tanto, foi entregue a crônica “Quem ama, cuida” de Lya Luft para que seja realizada a leitura do texto.

#### Fotografia 18 – Crônica “Quem ama, cuida” de Lya Luft para leitura

**QUEM AMA, CUIDA**

Somos uma geração perplexa, somos uma geração insegura, somos uma geração aflita — mas, como tudo tem seu lado bom, somos uma geração questionadora.

O que existe por aí não nos satisfaz. Sofremos com a falta de uma espinha dorsal mais firme que nos sustente, com a desmoralização generalizada que contamina velhos e jovens, com uma baixa auto-estima e descaço que, penso eu, transpareceram em nossa equipe de futebol na Copa do Mundo.

Algum remédio deve ser buscado na realidade, sem desprezar a força da imaginação e a raiz das tradições — até no trato com as crianças.

Uma duradoura influência em minha vida, meu trabalho e arte, foram os contos de fadas: antiquíssimas histórias populares revistas e divulgadas por Andersen e pelos Irmãos Grimm, para povoar e enriquecer alma de milhões de crianças — e adultos.

Esses relatos, plenos de fantasia, falam de realidades e mitos arcaicos que transcendem linguagem, raça e geografia, e nos revelam.

Nessa literatura infantil reúnem-se dois elementos que me apaixonam: o belo e o sinistro. Ela abre, através da imaginação, olhos e medos para a vida real, tecida de momentos bons e ameaças sinistras, experiências divertidas e outras dolorosas — também na infância.

Na realidade, nem sempre os fortes vencem e os frágeis são anulados: a força da inteligência de pessoas, grupos, ou povos ditos “fracos”, inúmeras vezes derrota a brutalidade dos “fortes” menos iluminados. Porém o mal existe, a perversão existe, atualmente a impunidade reina neste país nosso, confundindo critérios que antes nos orientavam. Cabe à família, à escola, e a qualquer pessoa bem intencionada, reinstaurar alguns fundamentos de vida e instaurar novos.

Não vejo isso em certa — não generalizada — tendência para uma educação imbecilizante de nossas crianças, segundo a qual só se deve aprender brincando, a escola passou a ser quase um pátio tumultuado, e a falta de respeito reproduz o que acontece tanto em casa quanto em alguns altos escalões do país.

Essa mesma corrente de pensamento quer mutilar histórias infantis arcaicas como a do Chapeuzinho Vermelho: agora o Lobo acaba amigo da Vovó... e nada de devorar a velha, nada de abrir a barriga da fera e retirá-la outra vez. Tudo numa boa, todos na mais santa paz, tudo de brincadeira — como não é assim a vida.

Modificam-se textos de cantigas como “Atirei o pau no gato”, transformando-a em um ridículo “Não atire o pau no gato” e outras bobajadas, porque o gato é bonzinho e nós devemos ser idem, no mais detestável politicamente correto que já vi.

O mundo não é assim. Coisas más e assustadoras acontecem, por isso nossas crianças e jovens devem ser preparados para a realidade. Não com pessimismo ou cinismo, mas com a força de um otimismo lúcido.

Medo faz parte de existir, e de pensar. Não precisa ser terror da violência doméstica, física ou verbal, ou da violência nas ruas — mas o medo natural e saudável que nos faz cautelosos, pois nem todo mundo é bonzinho, adultos e mesmo crianças podem ser maus, nem todos os líderes são modelos de dignidade. Uma dose de realismo no trato com crianças ajudará a lhes dar o necessário discernimento, habilidade para perceber o positivo e o negativo, e escolher melhor.

Temos muitos adolescentes infantilizados pelo excesso de proteção paterna ou pela sua omissão, na gravíssima crise de autoridade que nos assola; temos jovens adultos incapazes porque quase nada lhes foi exigido, nem na escola, nem em casa. Talvez tenha lhes faltado a essencial atenção e interesse dos pais, na onda de “tudo numa boa”.

Dar a volta por cima significará mudar algumas posturas e opções, exigir mais de nós mesmos e de nossos filhos, de professores e alunos, dos governos, das instituições. Ou vamos transformar as novas gerações em fracotes despreparados, vítimas fáceis das armadilhas que espreitam de todos os lados, no meio do honrado e do amoroso — que também existem e precisam se multiplicar.

Não prego desconfiança básica, mas uma perspectiva menos alienada: duendes de pesadelo aparecem em nosso cotidiano. Nem todos os amigos, vizinhos, parentes, professores ou autoridades nos amam e nos protegem. Nem todos são boas pessoas, nem todos são preparados para sua função, nem todos são saudáveis.

Para construir de forma mais positiva nossa vida, é preciso, repito, dispor da melhor das armas, que temos de conquistar sozinhos, duramente, quando não a recebemos em casa nem na escola: *discernimento*. Capacidade de analisar, argumentar, e escolher para nosso bem — o que nem sempre significa comodidade ou sucesso fácil.

*Quem ama, cuida*: de si mesmo, da família, da comunidade, do país — pode ser difícil, mas é de uma assustadora simplicidade, e não vejo outro caminho.

*Disponível no livro “Em outras palavras” de Lya Luft, pág. 205.*

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Após a leitura da crônica foi entregue aos alunos o formulário para a síntese para que eles pudessem descrever o que consideram interessante e importante no

texto. Segundo Souza *et al.* (2010, p. 104) “o docente deve estimular seus leitores a parar e pensar sobre o que leram, pois, parar e pensar ativamente sobre a informação ajuda o leitor a manter-se no texto e a monitorar o próprio entendimento”. Após a resolução do formulário, as respostas encontradas são:

Fotografia 19– Formulário para a Síntese

FORMULÁRIO PARA A SÍNTESE	
TÍTULO DA CRÔNICA	
NOME	
O QUE É INTERESSANTE	O QUE É IMPORTANTE
<p><b>Aluno A:</b> O mundo não é sempre bom, coisas más, assustadoras acontecem, por isso nossas crianças e jovens devem estar preparados para a realidade.</p> <p><b>Aluno B:</b> Muitos desenhos “romantizam” a vida como se ela acontecesse tal qual é transcrita na televisão. Muitos desenhos não mostram a vida real.</p> <p><b>Aluno C:</b> O texto aborda que é importante questionar as coisas e não aceitar tudo sem racionalizar.</p> <p><b>Aluno D:</b> O modo como devemos cuidar de nós mesmos, o quanto é importante o respeito ao próximo.</p> <p><b>Aluno E:</b> Mesmo nós sendo uma geração meio perplexa, somos questionadores e fortes.</p> <p><b>Aluno F:</b> Que mesmo suma geração sendo perplexa, somos inseguros e aflitos.</p>	<p><b>Aluno A:</b> Temos muitos adolescentes infantilizados pelo excesso de proteção paterna.</p> <p><b>Aluno B:</b> Hoje em dia muitos pais infantilizam seus filhos, não mostrando a vida real.</p> <p><b>Aluno C:</b> Para mim, o que eu achei muito importante sobre o tema da crônica é amar as coisas e pessoas. O amor que se dá e que se recebe.</p> <p><b>Aluno D:</b> O discernimento, a capacidade que devemos ter de argumentar sobre o que queremos, sem que isso interfira na modalidade de vida.</p> <p><b>Aluno E:</b> Nem todas as pessoas são confiáveis, as pessoas erram e devemos, primeiramente, cuidar de nós.</p> <p><b>Aluno F:</b> O importante é que mesmo nós sendo questionadores devemos lutar e fazer o certo, proteger aqueles que amamos.</p>

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Em seguimento a oficina, foi proposto aos alunos que respondessem o quadro a seguir.

Fotografia 20 – Quadro de reconto para a síntese

QUADRO DE RECONTO PARA SINTESE	
NOME	
<b>LISTA DE PALAVRAS-CHAVE DA NARRATIVA</b> ALUNO A: Geração, realidade, questionamento; ALUNO B: Relatos, realidade, família; ALUNO C: Amar, questionar, perspectiva; ALUNO D: Discernimento, comodidade; ALUNO E: Amor, cuidado; ALUNO F: Cuidado, amor.	
<b>REGISTROS DE BREVES PASSAGENS DA HISTORIA QUE NORTEIAM A ESTRUTURA DA NARRATIVA</b> ALUNO A e C: "O mundo não é assim. Coisas más e assustadoras acontecem, por isso nossas crianças e jovens devem ser preparados para a realidade". ALUNO B, E e F: "Somos uma geração perplexa, somos uma geração insegura, somos uma geração aflita – mas, como tudo te seu lado bom, como uma geração questionadora". ALUNO C: "Não prego desconfiança básica, mas uma perspectiva menos alienada".	
<b>RECONTO DA HISTORIA (atividade oral)</b> Os alunos apresentaram o relato oralmente.	
<b>RESUMO</b> ALUNO A: O mundo não tem somente coisas boas, por isso nós devemos estar preparados para encarar isso desde sempre. ALUNO B: A crônica fala de assuntos que estão acontecendo na nossa geração. ALUNO C: O texto fala que é importante amar e questionar as coisas quando necessário. ALUNO D: O texto aborda uma questão social de grande relevância. ALUNO E: Saber o que é o amor, seus impactos e como devemos agir mediante ao mundo e sua evolução é um dos pontos do texto. ALUNO F: Por mais que coisas ruins aconteçam não podemos deixar de viver e de amar.	
<b>OPINIAO PESSOAL</b> ALUNO A: O texto relatou muito sobre questões a sociedade que me fez refletir e perceber que muitas vezes eu acabo me vitimizando demais. ALUNO B: O texto não fala apenas de amor de relacionamento, mas também que outras pessoas podem cuidar de você. ALUNO C: Acho que foi um texto bem elaborado e relevante para os dias de hoje, pois a forma como aborda o conteúdo central é atual e reflexivo. ALUNO D: É um texto muito interessante pelo motivo a nos abrir os olhos para as questões sociais. ALUNO E: Um texto muito bom e que relata, como nas outras crônicas, o que está acontecendo na sociedade. ALUNO F: Que nem tudo é como vemos ou achamos, todos tem sua vida, suas escolhas.	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Dessa maneira, os alunos perceberam que as informações mais importantes do texto sejam elas sintetizadas ou as informações que julgaram pertinentes estão em congruência com o que o autor aborda. Expondo assim, relações diretas com o texto e com a realidade.

Assim a oficina de estratégia de leitura entra em seu fim, após o preenchimento do quadro para avaliar a opinião dos alunos sobre a crônica lida.



Fotografia 21 – Quadro para avaliar a opinião dos alunos sobre a crônica lida

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIAO DOS ALUNOS SOBRE A CRONICA LIDA			
QUESTIONAMENTO	SIM	NAO	OBSERVAÇÃO
<b>Você gostou do tema desta crônica?</b>			
ALUNO A	X		
ALUNO B	X		
ALUNO C	X		
ALUNO D	X		
ALUNO E	X		
ALUNO F	X		
<b>Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade?</b>			
ALUNO A	X		
ALUNO B	X		
ALUNO C	X		
ALUNO D	X		
ALUNO E	X		
ALUNO F	X		
<b>Você gostou da linguagem abordada na crônica?</b>			
ALUNO A	X		
ALUNO B	X		
ALUNO C	X		
ALUNO D	X		
ALUNO E	X		
ALUNO F	X		

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Após a finalização da oficina de leitura deu-se início a produção textual, porém mais que reunir palavras no papel para produzir um texto é preciso ir além da escolha do tema. Assim como destaca Lopez (2016), para produzir um texto é necessário que se tenha intencionalidade, objetivos e conhecimento prévio na escrita. Desse modo, o texto conseguirá atingir os objetivos que foram traçados no planejamento.

Por isso, é necessário que no ato da escrita faça a escolha do tema, que organize as ideias sobre o que se sabe do tema, o quer comunicar, a quem vai estar direcionado e como irá produzir a escrita. Segundo Lopez (2016, p. 192) após determinar estes aspectos e “responder essas questões vai determinar o tipo de vocabulário que vamos utilizar, o grau de complexidade de ideias que vamos expressar e a escolha da estrutura textual”.

Para tanto foi entregue o quadro a seguir para que os alunos planejassem a escrita.

Fotografia 22 – Proposta para a produção textual

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
ALUNO	
Com base nas oficinas anteriores, sua tarefa é produzir uma crônica, mas antes da escrita, preencha o quadro a seguir com as ideias que deseja abordar em seu texto.	
TEMA	
PÚBLICO- ALVO	
PRINCIPAIS IDEIAS SOBRE O TEMA ESCOLHIDO	
COLOCAR, EM ORDEM DE HIERARQUIA, AS IDEIAS SOBRE O ASSUNTO	
REPRESENTAÇÃO DAS IDEIAS (o que deseja usar)	
COMPARAÇÕES OU CONTRASTES	
LEITURAS QUE FARA PARA A ESCRITA	
FINALIDADE DO TEXTO	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Esse foi um momento indispensável para a pesquisa uma vez que ao propor a redação alguns alunos relataram que não sabiam o que escrever, como escrever, como iniciar o texto e dar seguimento a ele, bem como organizar as ideias na produção textual. Dessa forma, a pesquisadora apresentou o quadro para que o aluno fizesse seu planejamento e conseguisse expor para a escrita o que realizou no planejamento anterior.

Para análise, foi disposta a resposta do preenchimento do quadro do aluno A.

Fotografia 23 – Proposta para a produção textual

<b>PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL</b>	
<b>ALUNO</b>	
Com base nas oficinas anteriores, sua tarefa é produzir uma crônica, mas antes da escrita, preencha o quadro a seguir com as ideias que deseja abordar em seu texto.	
TEMA	<b>Respeito</b>
PÚBLICO- ALVO	<b>Todos</b>
PRINCIPAIS IDEIAS SOBRE O TEMA ESCOLHIDO	<b>Respeito próprio Respeito com o outro</b>
COLOCAR, EM ORDEM DE HIERARQUIA, AS IDEIAS SOBRE O ASSUNTO	<b>1º respeito próprio 2º respeito com o outro</b>
REPRESENTAÇÃO DAS IDEIAS (o que deseja usar)	<b>Referências da realidade</b>
COMPARAÇÕES OU CONTRASTES	<b>Comparações e contrastes com a realidade.</b>
LEITURAS QUE FARÁ PARA A ESCRITA	<b>Usarei as crônicas lidas e também alguns textos de pesquisa</b>
FINALIDADE DO TEXTO	<b>Conscientizar sobre a importância de respeitar a si a ao próximo</b>

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2020).

Após o preenchimento do quadro os alunos, foi disposto aos alunos que usassem a folha própria para a escrita da produção textual. Momento em que a pesquisadora orientou que os alunos fizessem as pesquisas que julgassem necessárias. Após o momento da escrita, a produção textual do aluno A foi clara e objetiva,

Indo além. Respeitar o próximo, acolher seus pensamentos mesmo que sejam pensamentos distintos dos seus, respeitar o próximo é o mínimo que podemos fazer para colaborar com a convivência mundial. Em um mundo tão controverso, aonde cada pessoa tem sua religião, hábito, vestimentas, modos e pensamentos que muitas das vezes são motivo de briga se não houver o respeito. E por fim, o respeito a si mesmo, respeite o seu tempo, sua diferença, suas mudanças, respeite quem você é. Quando praticamos o respeito ao próximo e o respeito a nós, podemos ir aís longe.

Já o aluno D, também apresentou reflexões em sua escrita,

Fidelidade. Uma palavra tão “simples”, mas com um enorme significado. Se comprometer com alguém, tanto em um casamento ou amizade requer respeito, zelo e lealdade, esses princípios são fundamentais para se ter uma boa convivência. Contudo, não menos importante, ame-se, respeite-se e,

acima de tudo, cuide-se. Seja fiel a você mesmo, e não somente com o próximo.

Em assonância, o aluno B foi objetivo ao produzir o texto,

Mesmo que todas diferenças de opinião que uma pessoa tem com a outra, todos relacionamentos em geral permanecem, essa é uma das maiores dificuldades de compreensão, você ter uma opinião completamente diferente de outra pessoa não significa que você é superior a ela e sim que vocês pensam de maneiras distintas.

Este foi um momento de grande interação e planejamento dos alunos. Eles conseguiram transpor para o papel o que pensavam, visto que o planejamento inicial contribuiu para esta ação. Esse é um processo que é de grande valia, como afirma Lopez (2016), na produção textual.

#### ● Oficina 5- Estratégia Reescrita

O processo de reescrita é tão importante quando o processo de escrita, haja vista que é nesse momento que o aluno conseguirá ler seu texto, voltar ao planejamento inicial e observar o que ele atendeu ou não, e também analisar aspectos que podem ser alterados, retirados ou completados.

De acordo com Lopez (2016), é importante que na produção textual o aluno,

seja capaz de revisar e autorregular seu próprio processo de compreensão/elaboração, que seja capaz de utilizar estratégias destinadas a prevenir possíveis falhas de compreensão. Um bom leitor/escritor precisa revisar constantemente se o que está lendo ou escrevendo tem sentido e tratar de esclarecer pontos obscuros (LOPEZ, 2016, p. 43).

Em consonância e considerando a relevância do momento da reescrita e da leitura de seu texto, foi proposto aos alunos que lessem seu texto e destacassem os pontos que julgassem necessários para possíveis alterações e/ou complementações.

Após o momento da leitura, foi entregue a crônica “Nossas muitas fomes”, de Lya Luft, para que os alunos lessem. O intuito da leitura antes do processo de reescrita é para auxiliar nesse processo a fim de ajudar nas perspectivas vistas por eles que precisam de melhoria. O texto é uma base e funciona como um suporte de interpretação para a produção textual. De acordo com Lopez (2016),

O processo de compreensão não termina com a análise semântica do texto, mas continua com a construção, pelo sujeito, de uma representação mental de objetivos do mundo ao qual o texto evoca, uma representação mental do que o texto descreve (LOPEZ, 2016, p. 13).

Dessa forma, a crônica de Lya Luft ajudaria no processo de construção e na comparação do que estava escrito com a realidade, contribuindo assim para o auxílio na formação do perfil leitor e escritor e sua intencionalidade na escrita.

Após a leitura da crônica a professora pesquisadora, estabeleceu um diálogo com os alunos.

Professor: O que vocês acharam da crônica “Nossas muitas fomes”?

Aluno A: Eu achei um texto bem legal, porque aborda sobre as necessidades que o ser humano tem.

Aluno D: Achei um texto bem interessante, e assim como as outras crônicas apresentam uma leitura fácil e de alta relação com a realidade.

Professor: Vocês acham que a leitura do texto contribuiu para o processo de reescrita do texto?

Aluno B: Sim, eu achei que sim, mesmo que o tema da crônica não tenha se aproximado do tema do meu texto, eu achei bem legal, pois é um tema do cotidiano e me fez pensar sobre como posso dizer algumas coisas que eu tinha escrito.

Aluno C: Acho que a leitura foi produtiva, pois me ajudou a refletir na forma como posso dizer algumas coisas no meu texto.

Aluno E: Eu adorei, é um texto muito atual, com total características da sociedade e ainda consigo refletir sobre a minha escrita.

Aluno F: Eu penso que assim como as outras crônicas, está também contribuiu muito para a minha escrita, pude perceber que eu posso dizer o que eu acredito sem parecer que sou eu que estou escrevendo, pois há diversas formas de se escrever sobre uma mesma coisa.

Após a finalização do diálogo, houve outro momento para que cada aluno lesse seu texto novamente e pudesse fazer a reescrita na folha própria para esta produção.

Dessa forma, foi possível destacar que os alunos conseguiram visualizar os pontos que precisam de melhoria no tema, bem como na estruturação do texto. Para tanto, segue a reescrita da aluna D,

Fidelidade. Relacionamento é quando duas ou mais pessoas criam uma relação de convívio. Esse convívio pode ser amigável ou não. As pessoas, em sua maioria, gostam de um bom convívio social e de se relacionar, no entanto, por vezes lhe faltam fidelidade. Uma palavra tão “simples” com um enorme significado. Quando a gente se compromete com alguém, seja no casamento ou numa amizade, isso exige de você, ou deveria exigir, respeito, zelo e lealdade. Esses princípios fundamentais para se ter uma boa convivência. Relações são desfeitas por mínimas coisas, laços são rompidos por um orgulho que cega a alma e a gente só precisa sentir e se amar. Por isso, se respeite como ninguém, cuide-se como sua mãe o faria e acima de tudo seja fiel a você mesmo sem perder os detalhes de uma boa relação.

Com a finalização das oficinas, a pesquisadora mediadora perguntou aos alunos o que acharam das oficinas com as crônicas de Lya Luft, e as respostas dos alunos foram,

Professor: O que vocês acharam das oficinas?

Aluno A: Eu gostei muito, as crônicas abordam temas que condizem com a nossa realidade e que muitas vezes deixamos passar despercebido, temas que a meu ver, deveríamos e devemos nos aprofundar cada vez mais.

Aluno B: Gostei Bastante dos assuntos falados nas crônicas, são coisas do nosso cotidiano que geralmente nem reparamos e ver isso de uma perspectiva diferente foi bem interessante.

Aluno C: Eu gostei muita da forma como a autora escreve e diz as coisas, ela pega os detalhes que a gente não se atenta e faz deles uma grande produção que nos faz refletir.

Aluno D: Adorei a forma como a autora expõe suas ideias e o que observa do cotidiano na escrita, são textos bem reflexivos e atuais.

Aluno E: Eu realmente amei, adoro escrever e pude perceber alguns pontos que sempre aparecem nas diferentes crônicas dela, ela conta de uma criticidade de forma única e que nos prende a atenção desde as primeiras palavras e nos faz refletir junto a ela.

Aluno F: Acho que as crônicas dizem um pouco de tudo, foram seis leituras, mas muito mais do que somente seis assuntos, para mim foi um turbilhão de reflexão.

Esse foi um momento de grande interação, pois os alunos descreveram suas opiniões sobre as oficinas. Como já dizia a própria autora Lya Luft (2004, s/p), seu objetivo com a escrita é “por isso escrevo e escreverei: para instigar o meu leitor imaginário – substituto dos amigos imaginários da infância? – a buscar em si e compartilhar comigo tantas inquietações quanto ao que estamos fazendo com o tempo que nos é dado”.

Assim finalizaram-se os trabalhos e a pesquisadora encerrou agradecendo a participação de todos.

## 4.2 O E-BOOK DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA E DE ESCRITA COM O GÊNERO CRÔNICA

Após a aplicação das oficinas de leitura e de escrita e da análise dos dados destacados, a pesquisadora viu a necessidade de criar um material – e-book – que pudesse servir como um aporte para o docente de Língua Portuguesa em seu fazer de sala de aula.

É válido afirmar que um dos maiores objetivos e desafios do professor de Língua Portuguesa é formar alunos leitores e escritores de forma crítica e autônoma.

Com isso, as estratégias de leitura e de escrita, ao serem aplicadas em sala de aula, podem subsidiar o trabalho do docente.

Solé (1998) afirma que a leitura é um processo de interação que acontece entre o texto e o leitor, e essa interação e aproximação devem acontecer, podendo ser mediadas por meio das estratégias de leitura e de escrita. E complementa afirmando que,

A interpretação que nós, leitores, realizamos dos textos que lemos depende em grande parte do objetivo de nossa leitura. Isto é, ainda que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informação distinta do mesmo (SOLÉ, 1998, p. 22).

Sobretudo, Souza *et al.* (2010) declara que as estratégias de leitura são meios e não o fim, e através dessa metodologia que se chega ao outro com objetividade e intencionalidade.

Por isso, o e-book tem por objetivo apresentar as estratégias de leitura, bem como demonstrar como podem ser aplicadas. Todo o material disposto tem o objetivo de aproximar o aluno do texto de forma a realizar reflexões e ativar os mecanismos da sua interpretação.

Ao se abordar a escrita, o e-book vem complementar e propor estratégias que ensinem os discentes a planejarem a sua escrita e darem instrumentos de escrita que vão além da delimitação do tema. Segundo Lopez (2016), a escrita vem consolidar os processos e práticas da leitura bem como ampliar as percepções e visão do aluno. É a complementação de um trabalho que se iniciou com a inserção da prática da leitura.

Com isso, o e-book produzido é de grande valia para subsidiar os processos da prática da leitura e da escrita em sala de aula, bem como a contribuição em âmbito social e cultural que se tem ao entrar em contato com o material e adaptá-lo, quando necessário. Ele foi desenvolvido com o intuito de contribuir com os trabalhos relacionados à leitura e à escrita, que o professor de Língua Portuguesa realiza. O material disposto no e-book conta com as oficinas que a pesquisadora aplicou, em sua dissertação de mestrado, sobre as estratégias de leitura e escrita com as crônicas de Lya Luft.

Diante de todo exposto até aqui, caso o professor queira realizar alterações, seja no gênero a ser trabalhado e/ou a série, saiba que terá total liberdade, pois o e-book é uma sugestão que tende a contribuir no seu fazer diário. Visto que, não se

pode negar que nenhuma turma ou aluno é igual ou aprende da mesma maneira, por isso o docente terá total liberdade para realizar quaisquer modificações e adaptações que julgar necessárias. O objetivo da pesquisadora é produzir um material que sirva de suporte e que venha complementar e diminuir as dificuldades encontradas em sala de aula.

Ao todo serão dispostas cinco oficinas de leitura sugeridas por Souza *et al.* (2010): Conexão, Inferência; Visualização, Sumarização e Síntese. Bem como, também uma oficina de produção textual e produção de reescrita textual sugerido pelas estratégias de escrita de Lopez (2016).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



A dissertação em estudo se baseou acerca das inquietações da pesquisadora no seu fazer como professora. Em sua trajetória educacional e profissional se deparou com inúmeras dificuldades e realizações, e através de seu contato com a leitura e a escrita e com a publicação do seu primeiro livro digital - e-book, de crônicas, ela viu o interesse de se trabalhar as estratégias de leitura e de escrita com as crônicas de Lya Luft.

O gênero textual crônica foi escolhido por estar dentro do currículo escolar do 9º ano, por outro lado a turma foi escolhida uma vez que, a pesquisadora sentiu a necessidade de investigar como os adolescentes estão saindo do ensino fundamental II para ingressar no ensino médio.

O município a qual a pesquisadora reside e trabalha faz inúmeros simulados com as disciplinas dirigentes para verificar o nível de proficiência de cada turma. Mediante a esses dados de Língua Portuguesa – destacados no anexo C, a pesquisadora se propôs a estudar como as estratégias de leitura e de escrita juntamente com as crônicas de Lya Luft podem contribuir para o desenvolvimento do aluno leitor e escritor crítico e autônomo. Para isso, a pesquisadora aplicou oficinas de leitura e de escrita baseadas nas teorias de Souza *et al.* (2010), Solé (1998) e Lopez (2016).

Por conseguinte, elas foram dispostas na modalidade on-line mediante a vídeo chamada pelo WhatsApp, pois devido a pandemia que se instaurou no mundo – COVID-19, foi de extrema importância que as pessoas fizessem o isolamento social a fim de diminuir os casos de infectados. Por isso, as aulas remotas se tornaram a nova realidade a qual o professor e os discentes tiveram que se adaptar rapidamente. Dessa forma, a pesquisa se deu com o intuito de agregar e trazer resultados positivos para a educação do município dos alunos de forma geral, sendo altamente produtiva e significativa.

Mediante a pesquisa, é possível realizar um trabalho com os alunos de forma organizada, estruturada e com objetividades por meio das estratégias de leitura e de escrita. Essa ação auxilia na formação de alunos leitores e escritores de forma ativa, crítica, reflexiva e autônoma. Pois uma escrita com intencionalidade e objetividade são pontos diferenciais na formação do discente e sua interação com a sociedade.

Para tal pesquisa, alguns autores deram a fundamentação teórica necessária para o desenvolvimento da dissertação em seu modo de leitura, análise e escrita, como também no momento da prática que seria na aplicação das oficinas com os

alunos. Tais autores são Bakhtin (1979; 2005), Cândido (1992), Carletti (2011), Dutra (2011), Freire (1989), Maingueneau (2004, 2008), Solé (1998), Lopez (2016), Souza *et al.* (2010), Sá (1985), entre outros. Eles abordam a importância da leitura, como formar um perfil leitor e escritor, como os mecanismos presentes no discurso contribuem para a formação de um leitor e escritor crítico e como as estratégias de leitura e de escrita contribuem para a consolidação desta ação.

Com o intuito de fazer uma abordagem de alguns trabalhos relacionados ao tema supracitado, a pesquisa realizou uma revisão de literatura que consiste em abordar alguns temas semelhantes ao da pesquisadora. Esses trabalhos foram de suma importância para o início e o desenvolvimento da pesquisa. Assim como, também realizou uma passagem histórica da leitura e da escrita destacando os principais pontos sobre a evolução e conquista nos períodos de evolução.

Ao longo da dissertação a pesquisadora abordou um pouco sobre a leitura e a escrita, bem como sobre o gênero crônica e algumas estratégias do discurso que tendem a aproximar o leitor do texto de forma ativa, e que causará profundas reflexões e inquietações, podendo assim criar um perfil autônomo, crítico e reflexivo.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e se pautou na pesquisa-ação em que houve participação e envolvimento da pesquisadora mediadora com a pesquisa o que gradualmente contribuiu para as etapas do projeto. Ao longo dos períodos, a pesquisadora enfrentou algumas dificuldades que foram revistas e replanejadas com o propósito de atingir os objetivos supracitados.

Por conseguinte, revalidou-se que o docente subsidiado de estratégias e de planejamentos de ação consegue despertar nos alunos através da leitura e também da escrita perspectivas de um mundo que, muitas vezes, eles não tinham conhecimento ou parado para pensar sobre. O docente consegue além da motivação estimular a leitura e a escrita de forma a tornar o olhar do discente mais crítico e reflexivo mediado ao que está lendo e/ou escrevendo.

Para tal, o plano de ação desta pesquisa se pautou na elaboração e aplicação das cinco oficinas de leitura e escrita por intermédio das crônicas de Lya Luft. Por escolhas dos alunos participantes da pesquisa, as oficinas foram aplicadas em um único dia, no período matutino com três oficinas e o período vespertino com duas oficinas. A pesquisadora fez uma pausa para o almoço e descanso dos alunos de três horas.

Vale ressaltar que as oficinas ocorreram via modalidade on-line e chamada de vídeo do WhatsApp com seis alunos do 9º ano residentes em um município do Sul do estado do Espírito Santo. Elas ocorreram na modalidade remota, uma vez que o isolamento social se instaurou devido a pandemia da COVID-19. Para a efetivação da pesquisa e do trabalho em questão, a pesquisadora elaborou e montou apostilas com o passo a passo das oficinas, para otimizar e estimular a aproximação e o contato do aluno com o texto. As apostilas foram entregues na casa dos alunos, atendendo todas as observações e protocolos de saúde e segurança emitidos pela Organização Mundial da Saúde.

À vista disso, o plano de ação do trabalho se pautou na aplicação das oficinas de leitura e de escrita baseadas e fundamentadas pelas estratégias de Souza *et al.* (2010), Solé (1998) e Lopez (2016). Para tal produção e aplicação foram escolhidas as crônicas de Lya Luft “Prioridades”, “Revogue-se”, “Subir pelo lado que desce”, “Pensar é transgredir”, “Quem ama, cuida” e “Nossas muitas fomes”.

Na aplicação das oficinas foi perceptível que os alunos ao lerem cada texto, mesmo virtualmente, se entusiasmavam com cada leitura e traziam reflexões importantes que contribuíam para a construção do perfil leitor crítico e autônomo. No decorrer das oficinas foi notória a evolução dos alunos nas habilidades e na compreensão das estratégias. A mediação da pesquisadora foi importante para estimular essa evolução na compreensão e construção das estratégias e habilidades.

É importante dizer que o engajamento com as crônicas de Lya Luft foi essencial para este processo. Com os posicionamentos dos alunos ficou depreendido que a autora teve uma intencionalidade clara em cada texto, seus objetivos estavam traçados e eram perceptíveis, bem como a linguagem e a formação do discurso, a forma como aborda os conteúdos, os vocabulários, as repetições, as transposições entre fatos reais e imaginários e outros aspectos que conseguiram aproximar o leitor do texto. Os alunos percebiam isso, eles se viam no texto e conseguiam estabelecer as relações com a sociedade. A forma como a autora organiza as palavras no texto fizeram com que os alunos refletissem sobre questões que, muitas vezes, passam despercebidas, mas que ela conseguiu trazer em destaque com sua escrita e sua objetividade.

Nas oficinas de produção textual, ficou notório que os alunos ainda sentem dificuldade de colocar de transcrever o que pensam, planejar o que querem falar. Quando eles eram questionados em diálogos sobre a leitura das crônicas os alunos

conseguiam transpassar grandes e inúmeras reflexões, porém no momento da escrita eles sentiam certa dificuldade.

No entanto, com o auxílio da folha de planejamento em suas colocações e nas observações eles afirmaram que foi algo diferente, que não estava no cotidiano deles e que possibilitava visualizar e planejar o que eles pretendiam escrever. Dessa forma, é importante considerar que esse processo foi importante, uma vez que o planejamento da escrita é fundamental para a formação do escritor crítico e autônomo.

Após esse planejamento foi possível diagnosticar que a escrita dos alunos teve uma intencionalidade e objetivos que foram previstos antes do processo de escrita. Esta etapa da produção textual é algo que demanda tempo e dedicação e por isso que incentivar aos alunos é *sine qua non* para a formação do sujeito. Por esse motivo que o processo de reescrita contribui para essa consolidação, uma vez que é na reescrita que o sujeito terá a criticidade voltada para o seu texto e assim conseguirá destacar os fatos que precisam ser alterados ou modificados. Foi o que aconteceu com os alunos durante aplicação das oficinas de produção textual e reescrita.

Após a finalização das últimas oficinas, os alunos disseram, ao serem questionados sobre as oficinas, que, frequentemente, eles liam um texto sem realmente tentar compreendê-lo, mas que com as estratégias de leitura e os questionamentos que eram feitos, eles conseguiram compreender e relacionar o que liam com a realidade de forma natural. E completaram afirmando que as crônicas contribuíram para essa interpretação, uma vez que são textos que abordam temas da realidade por perceptivas que antes eles não se atentavam.

Portanto, notou-se que por meio da leitura das crônicas Lya Luft, juntamente, com as estratégias de leitura e de escrita conseguiu chegar ao aluno e este se aproximou do texto lido, dando a ele criticidade e autonomia na compreensão do texto, bem como ampliação do vocabulário, na comunicação oral e na produção textual.

A pesquisa foi basilar para a pesquisadora, assim como para os sujeitos da pesquisa, uma vez que salientou na compreensão dos conteúdos. É importante ressaltar que a mediação também foi de extrema importância, pois a pesquisadora sempre estabelecia momentos de diálogo com os alunos, tirava as dúvidas quando necessário, e assim explorava o potencial máximo de cada aluno.

Essa pesquisa foi motivada por uma pergunta problema situação problema: “como a formação do discurso presente nas crônicas de Lya Luft pode contribuir para

o desenvolvimento leitor e escritor crítico nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental II”?

Ao estudar a teoria e as fundamentações de diversos autores, destaca-se a hipótese de que por meio das estratégias da leitura e da escrita e com a contemplação do gênero crônica de Lya Luft, espera-se que os discentes consigam se aproximar do texto lido e se verem nas realidades e contexto propostos nos textos, e assim, tornar-se-ão leitores e escritos ativos, críticos, reflexivos e autônomos. Com isso, através da pesquisa e da aplicação das oficinas de leitura e escrita, chegou-se a confirmação da hipótese, pois os sujeitos da pesquisa conseguiram estipular essa relação com o texto e ao produzir a escrita conseguiram ter uma intencionalidade e objetividade particular.

Diante dos resultados obtidos, viu-se a necessidade de produzir um e-book com sugestões de oficinas baseadas nas estratégias de leitura e escrita para os professores de Língua Portuguesa. Esse e-book contará com as oficinas aplicadas e com direcionamentos para os professores. Elas poderão ser adaptadas e revistas sempre que o professor julgar necessário, seja mediante ao gênero e a série escolhida. Esse material tende a ajudar na práxis pedagógica mediante a formação do aluno leitor e escritor.

Com essa pesquisa foi possível perceber que o caminho é ainda longo, o percurso é por vezes difícil e desafiador, mas que com estratégias de leitura e de escrita, motivação e mediação do docente é possível sim criar um perfil leitor e escritor crítico e autônomo. O gênero escolhido para este trabalho foi a crônica de Lya Luft, não obstante o professor que tiver acesso ao e-book conseguirá adaptar para qualquer realidade e ainda fazer um trabalho que pode resultar em um ensino que tem em sua maioria, intencionalidade e objetividade com os alunos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Galardo Peçanha de. Desenvolvimento da escrita: 100 propostas práticas para o trabalho com crianças de seis anos. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

ALMEIDA, Marialda de Jesus. Memória e persuasão nas crônicas de Lya Luft escritas para a revista *Veja*. **Revista Temática**, n. 9, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/36150/18409>. Acesso em: 20 set. 2019.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de V.G.Yebra. Madrid: Gredos, 1998.

ARISTÓTELES. **Segundos Analíticos**, livro I. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, col. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n. 7, 2004.

ARRUDA, Luciana Martins; AOKI, Raquel Lima de Abreu. Linguagem e persuasão: o jogo argumentativo presente no gênero textual crônica. **Revista Travessias**, v. 3, n. 2, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3393/2679>. Acesso em: 15 set. 2019.

BAKHTIN, Mikhail (1979). **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BELLENGER, Lionel. **A persuasão e suas técnicas**. Tradução: Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular. Portal vinculado ao Conselho Nacional dos Secretários de Educação e ao Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos)**. Brasília: MEC/Semtec. 1998.

BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita /Ação Educativa**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

BRAYNER, Sônia. “**Machado de Assis: um cronista de quatro décadas**”. In: A crônica; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

CAL, Ernesto Guerra da. **Língua e estilo de Eça de Queiroz**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

CALKINS, Lucy McCormick. *A Arte de Ensinar a Escrever - O desenvolvimento do discurso escrito* – Trad. Deise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CÂNDIDO, Antônio. *A vida ao rés-do-chão*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas (SP), Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. ES, 2007; Disponível em: <http://www.univen.edu.br/revista>. Acesso em: 10 jun. de 2020.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmica e vivência da ação**. São Paulo: Paulus, 2002.

CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CITELLI, Adilson. **A linguagem e Persuasão**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998.

COELHO, Adriana Lopes Rodrigues. **Os modos de organização do discurso e a leitura guiada por emoções**. In: Lúcia Helena Martins Gouvêa (Org). *Argumentação pela emoção: um caminho para persuadir*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)**. In: SCHNEUWLY, B. E DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: mercado de letras, 2004.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística (dizer e não dizer)**. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

DUTRA, Vânia L. R. **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011. Disponível em: [www.abralin.org](http://www.abralin.org). Acesso em: 15 jun. 2019.

FIORIN, José Luíz. **Tendências da análise do discurso**. *Estudo linguísticos*, v. 19, 1990.

FONSECA, R. S. A construção de sentidos no texto escrito: um estudo das estratégias textual-discursivas na crônica de Lya Luft. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 42, p. 109-131, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Soberania e disciplina**. In: **Microfísica do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. 8ª. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em Prosa Moderna**. 17a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GERALDI, Wanderley. **Portos de passagens**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade**. Nova Escola, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria & prática. 11.ed. Campinas, São Paulo; Pontes, 2007.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura** - 8ª Ed. – Campinas, SP: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LIMA, Rafaella Meliza Andrade de. A estilística nos textos emotivos, expressivos e subjetivos – o eu-lírico em foco: análise de “para que a existência valha a pena...” de Lya Luft. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Master/Downloads/7444-Texto%20do%20artigo-37291-1-10-20171031.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

LOPEZ, Nuria Carriedo; TAPIA, Jesus Alonso. **Como ensinar a compreender um texto?** Um programa de estratégias para treinar a compreensão leitora. Petrópolis, Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2016.

LUFT, Lya. **Em outras palavras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.



LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Análise de texto de Comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 135-156.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MESQUITA, Roberto Melo; MARTOS, Cloder Rivas. **Português: linguagem & participação**. São Paulo: Saraiva, 2ª ed. 1999.

MICHELETTI, Gullar. **Repetição e significado poético (o desdobramento como fator constitutivo na poesia de F. Gullar)**. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2007.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RAMOS, Jânia Martins. **Hipótese para uma taxonomia das repetições no estilo falado**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 1983.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. v.19.

Relatório SAEB/ANA 2016: panorama do Brasil e dos estados. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Ateliê de crônicas & portfólio**. Leitura (UFAL), v. 42, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

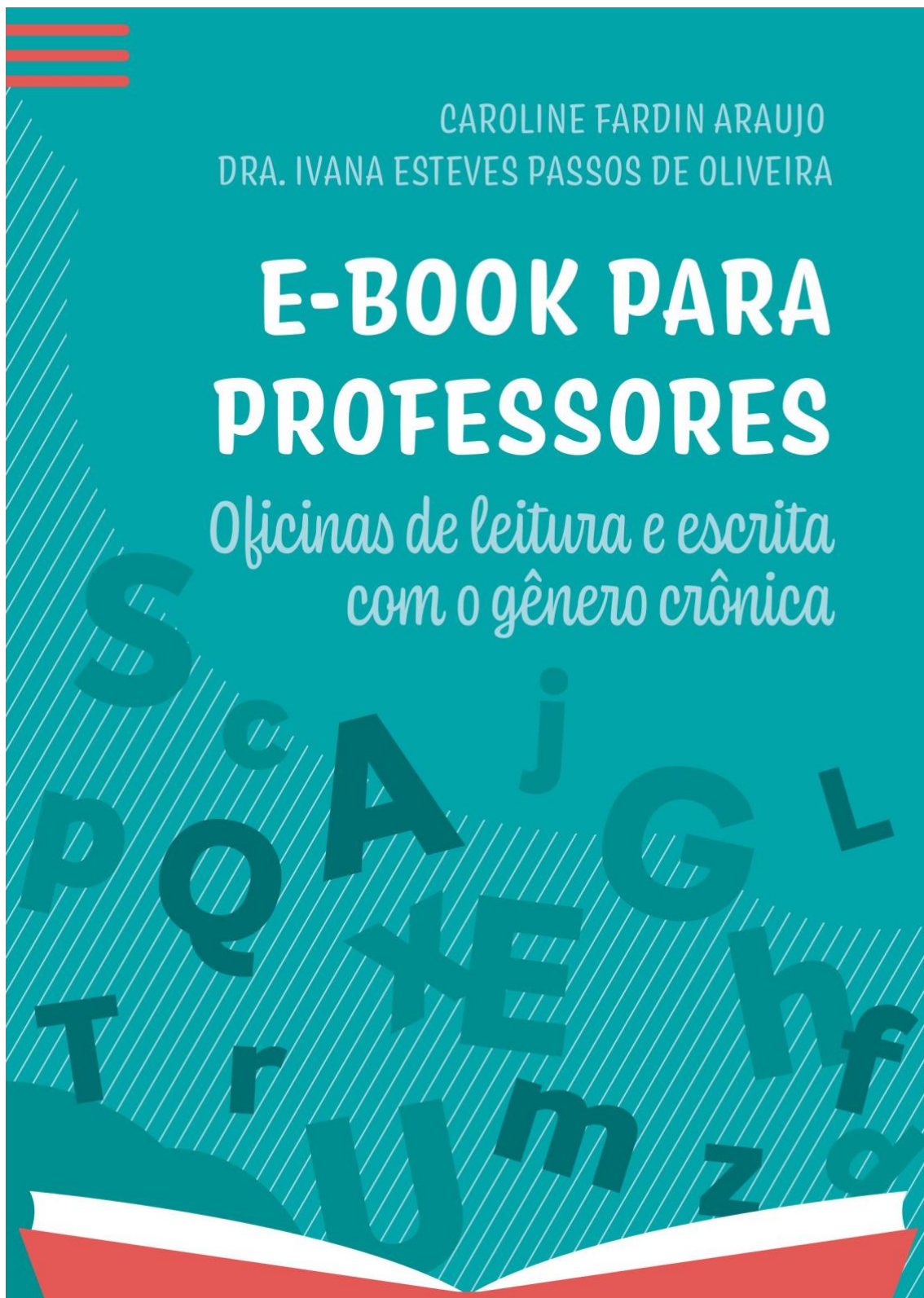
SOUKI, Jacqueline Diniz Oliveira. **A tradição e a novidade no ensino de produção textual: a contribuição da pedagogia retórica**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Master/Downloads/1320d.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

SOUZA *et al*, Renata Junqueira de. **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

SOUZA *et al*, Renata Junqueira de. **Narrativas infantis**: a leitura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004.

**APÊNDICE A – E-BOOK PARA PROFESSORES: OFICINAS DE LEITURA E DE ESCRITA COM O GÊNERO CRÔNICA**



CAROLINE FARDIN ARAUJO  
DRA. IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA

# E-BOOK PARA PROFESSORES

*Oficinas de leitura e escrita  
com o gênero crônica*

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing  
Vitória  
2020

E-book para professores: oficinas de leitura e escrita com o gênero crônica  
© 2020, Caroline Fardin Araujo e Ivana Esteves Passos de Oliveira

**Orientadora:** Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

**Aprovado pelo conselho:** Luana Frigulha Guisso e Vanildo Stieg

**Projeto gráfico e editoração:** Diálogo Comunicação e Marketing

**Edição:** Ivana Esteves Passos de Oliveira

**Capa e diagramação:** Ilvan Filho

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663e	Araujo, Caroline Fardin. - E-book para professores: oficinas de leitura e escrita com o gênero crônica / Caroline Fardin Araujo. - Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2020. - 57 p. ; 21 cm. 978-65-990038-6-8 1. Leitura - Oficina. 2. Escrita - Oficina. 3. Crônicas. I. Título.  CDD – 372.4
-------	--

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

## SUMÁRIO

Apresentação .....	05
Estratégias de leitura e escrita em sala de aula .....	06
Oficina 1: Estratégia conexão .....	15
Texto “Prioridades” .....	16
Oficina 2: Estratégia inferência .....	22
Texto 1 “Revogue-se” .....	24
Texto 2 “Subir pelo lado que desce” .....	28
Oficina 3: Estratégia visualização e estratégia sumarização .....	34
Texto “Pensar é transgredir” .....	35
Oficina 4: Estratégia síntese e produção textual .....	43
Texto “Quem ama, cuida” .....	44
Oficina 5: Estratégia reescrita .....	52
Texto “Nossas muitas fomes...” .....	53
Referências .....	57

## APRESENTAÇÃO

**E**ste e-book foi desenvolvido com o intuito de contribuir com os trabalhos, relacionados a leitura e a escrita, que o professor de língua portuguesa realiza. O material disposto neste e-book conta com as oficinas que a pesquisadora aplicou, em sua dissertação de mestrado, sobre as estratégias de leitura e escrita com as crônicas de Lya Luft.

Caro professor (a), caso queira realizar alterações, seja no gênero a ser trabalhado e/ou a série, saiba que terá total liberdade. Esse e-book é uma sugestão que tende a contribuir no seu fazer diário. Não se pode negar que nenhuma turma ou aluno é igual ou aprende da mesma maneira, por isso fique à vontade para realizar quaisquer modificações e adaptações que julgar necessário. O objetivo da pesquisadora é produzir um material que sirva de suporte e que venha complementar e diminuir as dificuldades encontradas em sala de aula.

Ao todo serão dispostas 5 cinco oficinas de leitura sugeridas por Souza et al (2010): Conexão, Inferência; Visualização, Sumarização e Síntese. Bem como, também uma oficina de produção textual e produção de reescrita textual sugerido pelas estratégias de escrita de Lopez (2016).

## ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA

Com o passar dos anos a leitura e a escrita vem sendo discutida na educação cada vez mais. O desejo de formar leitores e escritores críticos é uma das tarefas do docente que inicia no primeiro contato com o aluno ao ambiente escolar. Desde as series finais até o Ensino Médio um dos objetivos do professor de língua portuguesa, majoritariamente, é que seu aluno saiba ler além da decodificação de palavras, consiga entender de forma ampla e autônoma e escrever com objetividade e intencionalidade.

Por intermédio desse exposto, o e-book busca por meio de estratégias de leitura e escrita e com o intermédio do gênero crônica, que poderá ser alterado e modificado de acordo com a realidade de professor e de sua turma, subsidiar condições do docente trabalhar a leitura e a escrita de forma ampla, reflexiva, crítica e autônoma. E para que o ato de ler e escrever aconteça de forma proficiente, é importante que o fazer do docente seja objetivado para tal percurso. Para isso, Davis apud Souza (2010), afirma que,

Os leitores proficientes envolvem-se na leitura porque desenvolveram muito bem habilidades e estratégias que lhes permitem atingir um alto nível de compreensão. O ensino das estratégias de compreensão ajuda os alunos a refletirem sobre o que leram e os instrumentaliza para um mergulho mais profundo no texto. Eles passam a conversar com o texto conforme empregam seu repertório de estratégias. Aulas que efetivamente ajudam a desenvolver as estratégias promovem oportunidades para a prática da reflexão sob a orientação do professor, despertando nos alunos comportamentos deseja-



dos como a prática independente. Os alunos que internalizam as estratégias de compreensão tornam-se capazes de transferir seu conhecimento para gêneros diferentes e textos mais complexos. Quando os leitores utilizam as estratégias de compreensão, eles constroem o sentido do que leem e tornam-se participante ativos do processo de leitura. (DAVIS apud SOUZA, 2010, p. 11)

Considerar o aluno como participante ativo do processo de leitura e consequente, da escrita, é ponderar que por meio da compreensão textual e com as estratégias aplicadas, será possível formar um sujeito independente que age de forma ativa no processo de leitura e escrita e que consegue agir de forma reflexiva, crítica e autônoma.

A autenticidade merece destaque nesse processo, uma vez que para ser autêntico precisa de uma veracidade e que ao mesmo tempo está pronto a mudar de direção sem “grandes perdas”, se assim for exposto. Nesse âmbito, ser autêntico na leitura e na escrita é a certeza de que mesmo um texto te evocando a continuar lendo /escrevendo ou não, não haverá perdas, pois, a formação de perfil do leitor e escritor já foi criada adequadamente.

Quando se é um leitor e escritor independente e autônomo, e por vezes, perde o foco por esta ação, facilmente sabe como e o que fazer para superar. Nem todos os textos agradaram, nem sempre a escrita será bem-vinda, mas saber como superar isso, é um exemplo também da prática da autenticidade leitora e escritora.

Por isso, que ao se trabalhar na sala de aula, a leitura deve ser e acontece de forma branda e contraditória. Souza (2004) explica que,

É imprescindível que na formação da criança, e do leitor, haja sempre espaço para que o contraditório e a ambiguidade apareçam. Não, naturalmente, como lições – se houvesse explicações para o contraditório, ele simplesmente não existiria -, mas, sim, por meio do diálogo, da meditação, de discussões, especulações e troca de opiniões. (SOUZA, 2004, p. 44)

Já na escrita o processo de produção textual deve ocorrer de acordo com Lopez (2016) quando,

Utilizamos como uma estratégia de apoio que, mesmo sem afetar o processo de compreensão, serve para consolidar o processo de aprendizagem das diferentes estruturas textuais. Quando os sujeitos precisam produzir um texto, utilizam diferentes estruturas de texto para expressar diferentes objetivos. Elaborar um texto contribui para a percepção de que se pode usar diferentes estruturas em função da sua intenção comunicativa. A consciência disso pode contribuir para que entenda, como leitor, a necessidade de utilizar a estrutura textual para identificar a informação mais importante que se pretende transmitir com o texto. (LOPEZ, 2016, p.19)

Tanto no processo de leitura, quando no processo de escrita, a participação do professor mediador é necessária. Vale ressaltar que a prática da leitura e da escrita, devem ocorrer de forma a aproximar o texto do leitor. Por isso, oficinas podem subsidiar esse fazer, já que o docente conseguirá por meio de estratégias, ampliar a visão do discente, bem como suas interpretações. É ainda na aplicabilidade das estratégias por meio de oficinas, que os docentes, conseguirão, por meio da leitura, intensificar a prática da escrita.

Com base nisso, é importante que o professor leve em consideração os aspectos que a BNCC (2018) aborda sobre os eixos de leitura e de escrita.

Esses eixos visam tornar o ensino mais ativo, autônomo e capaz de ir além da exposição de conteúdos. Para isso, sobre o eixo de leitura ela destaca,

- Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.
- Estabelecer/considerar os objetivos de leitura.
- Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.
- Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.
- Localizar/recuperar informação.
- Inferir ou deduzir informações implícitas.
- Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.
- Identificar ou selecionar, em função do contexto de ocorrência, a acepção mais adequada de um vocábulo ou expressão.
- Apreender os sentidos globais do texto.
- Reconhecer/inferir o tema.
- Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens.

- Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.
- Manejar de forma produtiva a não linearidade da leitura de hipertextos e o manuseio de várias janelas, tendo em vista os objetivos de leitura. (BNCC, p.70, 2018)

Em consonância a isso, a BNCC (2018) aborda no eixo na escrita práticas que se relacionam e perpassam em estratégias de produção, aspectos gramaticais, construção da textualidade, alimentação temática e diálogo entre textos, tais eixos são:

- Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multisssemiose e características da conectividade (uso de hipertextos e hiperlinks, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital).
- Analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo; ao leitor pretendido; ao veículo ou à mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico mais geral; ao gênero do discurso/campo de atividade em questão etc.
- Analisar aspectos sociodiscursivos, temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros propostos para a produção de textos, estabelecendo relações entre eles.
- Orquestrar as diferentes vozes nos textos pertencentes aos gêneros literários, fazendo uso adequado da “fala” do narrador, do discurso direto, indireto e indireto livre.
- Estabelecer relações de intertextualidade para explicitar, sustentar e qualificar posicionamentos, construir e referendar explicações e relatos, fazendo usos de citações e paráfrases, devidamente marcadas e para produzir paródias e estilizações.

- Selecionar informações e dados, argumentos e outras referências em fontes confiáveis impressas e digitais, organizando em roteiros ou outros formatos o material pesquisado, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum, quando for esse o caso) e contemple a sustentação das posições defendidas.
- Estabelecer relações entre as partes do texto, levando em conta a construção composicional e o estilo do gênero, evitando repetições e usando adequadamente elementos coesivos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática.
- Organizar e/ou hierarquizar informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico discursivas em jogo: causa/efeito; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.
- Usar recursos linguísticos e multissemióticos de forma articulada e adequada, tendo em vista o contexto de produção do texto, a construção composicional e o estilo do gênero e os efeitos de sentido pretendidos.
- Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão.
- Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/ campo de circulação, adequação à norma-padrão etc.
- Utilizar softwares de edição de texto, de imagem e de áudio para editar textos produzidos em várias mídias, explorando os recursos multimídias disponíveis. (BNCC, p.73, 2018)

Com base nisso, a metodologia deste e-book se permeará por meio da aplicação de oficinas de estratégias de leitura e de escrita que foram elaboradas pela pesquisadora. Em supra, para Souza et al (2010, p. 59) “As oficinas de leitura são momentos específicos em sala de aula em que o professor planeja o ensino de uma estratégia. Nessas oficinas, há uma ambientação intencionalmente planejadas”. E Solé (1988) complementa afirmando que as estratégias de leitura fazem parte de ferramentas para a formação e desenvolvimento de uma leitura proficiente.

A leitura será entendida como um processo de inteira interação entre o leitor e o texto. Como destaca Kleiman (2000) “para formar leitores devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 2000, p.15). Em completude a isto, de acordo com Solé (1998) para a concretização e desenvolvimento de uma leitura proficiente as estratégias de leitura são ferramentas necessárias e pertinentes. Com uma aplicação bem desenvolvida o aluno conseguira interpretar e compreender os textos lidos de forma autônoma, crítica e reflexiva concretizando o trabalho efetivo para a formação de um leitor independente. E complementa,

[...] para que um mau leitor deixe de sê-lo, é absolutamente necessário que possa assumir progressivamente o controle do seu próprio processo e entenda que pode utilizar muitos conhecimentos para construir uma interpretação plausível do que está lendo: estratégias de decodificação, naturalmente, mas também estratégias de compreensão: previsões, inferências, etc. as quais precisa compreender o texto. (SOLÉ, 1998, p.126)

A autora complementa afirmando que os procedimentos pelo qual as estratégias de leitura passam abrangem objetivos e planejamentos que

tendem a ser atingidos e conquistados. Ao longo desse processo, as estratégias são usadas a fim de analisar como os mecanismos de leitura, que o leitor irá desenvolver ao longo da aplicabilidade das estratégias, contribuem para a construção de sentido e conseqüentemente para a criação um perfil crítico, reflexivo e autônomo.

Para que as estratégias sejam aplicadas adequadamente é preciso que se crie situações que promovam o ensino significativo e conseqüentemente uma leitura de significados, ou seja, uma leitura que tenha e traga sentidos para o aluno. Outro fator importante é a vivência que o aluno deve presenciar ao estar em contato com a leitura e suas estratégias, ele precisa presenciar como o professor reage quando se depara com situações adversas ou dificuldades na leitura. Em consonância a isso, Solé (1998) ratifica que,

[...] para ensinar as estratégias que podem ser adotadas quando há lacunas na compreensão não se deve fazer muito mais do que o imprescindível para a compreensão do texto; mostrar aos alunos os objetivos da leitura, proporcionar e ativar os conhecimentos prévios, ensinar a inferir, a fazer conjecturas, a se arriscar e a buscar verificação para suas hipóteses; explicar o que podem fazer quando se deparar com problemas no texto. (SOLE, 1998, p. 130)

Outrossim, é por meio da prática e estabelecendo relações reais com a realidade que a leitura deve acontecer. Ao se direcionar aos aspectos que tornam a leitura ativa e crítica na formação do discente, não se deve negar a importância do professor e sua ação direcionada à formação de um perfil leitor. É o mesmo que ocorre com a escrita, que deve ser pla-

nejada e ter significados para os alunos. Por isso, para que ocorra uma produção de texto Lopez (2016) destaca que é preciso,

- 1) Ativar o conhecimento relativo ao tema que se vai escrever, tanto em relação ao conteúdo quanto à forma de estruturar as ideias e o público para quem está direcionado.
- 2) Ensinar a gerar ideias sobre um tema determinado.
- 3) Ensinar a hierarquizar as ideias que foram geradas.
- 4) Ensinar a representar essas ideias.
- 5) Ensinar a produzir o texto com estrutura de classificação ou de comparação-contraste, com a utilização dos indicadores.
- 6) Ensinar a revisar o escrito e a modificá-lo com base nos critérios de coerência e compreensão. (LOPEZ, 2016, p.152)

Sendo assim, as oficinas serão dispostas em cinco aplicações, que poderão ocorrer em um ou mais dias, de acordo com a necessidade e escolhas dos sujeitos envolvidos. Cada oficina terá o máximo 60 minutos para a sua aplicação.

Os modelos das oficinas serão expostos e descritos a seguir visando auxiliar e dar sugestões para os professores de língua portuguesa das séries variadas.



## **OFICINA 1**

### **ESTRATÉGIA CONEXÃO**

TEMA: Oficina de Leitura “Prioridades” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de conexão.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura e oralidade.

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Prioridades” de Lya Luft., do quadro representativo, da folha do pensar, da folha para a produção do cartaz, quadro para ativação do conhecimento prévio, quadro para avaliar a opinião dos alunos, lápis e borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é conhecimento prévio, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.
- Orientar que os alunos façam a leitura do texto e/ou ler com eles.
- Após a leitura, pedir que os alunos preencham os quadros a seguir.

## PRIORIDADES

Bem que a gente podia fazer uma reforma para valer, não essas dos políticos e dos papéis, mas alguma coisa pessoal. Vital.

A reforma das nossas prioridades. Cansei de ouvir todo mundo reclamando que não tem tempo nem para respirar, nada mais de conversas à mesa, nada mais de passeio tranquilo, muito menos de sossego em família. Amantes, namorados, casais, amigos, todo mundo corre abobadíssimo para cumprir mil tarefas: das quais certamente novecentos e noventa seriam dispensáveis se a gente examinasse direito.

Tempo é dinheiro, diziam os pragmáticos, e isso se tornou lei universal. A conta do banco, o colégio dos filhos, o plano de saúde (num país onde o INSS é meio suicídio andado), o restaurante e o bar, a roupa de grife e a bolsa, até a mochila escolar do momento, sem a qual, é claro, o filho não garante nem que consiga passar de ano. A lista é longa, segundo a preferência de cada um.

Fico imaginando que se a gente fizesse uma faxina em nossos compromissos e deveres, boa parte desapareceria ligeiro no ralo do bom senso, e desapareceria para todo sempre no nebuloso das nossas iniquidades mais banais. Sobrariam alguns compromissos, dos quais não há como fugir: provavelmente saúde, prestação do apartamento, escola (a pública estando como está) e alguns outros (poucos).

Comprar não é um dever, quando não se trata do indispensável ou do que faz bem. Comprar pode ser, e tem sido, em grande parte moda, mania, quase neurose. Andar com a roupa do momento pode ser burro e pobre: por que todas as meninas parecendo fantasiadas para desfilarem no mesmo

bloco? Por que todas com a mesma sandália só porque alguém na televisão...? Por que pais e mães se sacrificam para poderem dar aos meninos alguns absurdos caros, talvez ridículos?

Não quero que meus netos e netas andem muito diferentes de sua turma. Mas não desejaria que seus trabalhassem sem mais horas do que o necessário para lhes permitir algumas insanidades.

Não acho que os casais precisam ter apenas, para seu encontro, as poucas horas da noite, exaustos do dia intenso, da hora extra, quem sabe até do trabalho no fim de semana. Se for para sobreviver com dignidade, paciência: muitas vezes tem de ser, mas muitíssimas vezes não precisaria ser assim. Labutamos como animais para além do que seria humano, e para aquilo que nem é importante: para o fútil excessivo (um pouco de futilidade, sim, ou nos desumanizamos), para o mais do que tolo (um pouco de tolice, sim, ou viramos estátuas).

Uma hora a menos de trabalho extra por dia – não vou poder comprar aquele tênis importado caríssimo, o menino vai emburrar – pode significar uma hora de carinho, de convívio a mais.

Um fim de semana menos de trabalho extra – mas como vou dar aquela roupa caríssima, a menina vai se frustrar, e tem o cursinho de inglês, e o de nem lembro o quê...e a mulher quer aquelas férias naquele hotel caro, e chegou a hora de trocar o carro...- pode representar u encontro onde a gente vai enxergar de verdade o filho, o irmão, a amante, o marido, o amigo.

Ou a si mesmo, ficando quieto na rede, na praça, até na cama. De bobeira. Olhando a nuvem, o galho de flor pela janela, deitado na grama ou na areia

com a cara no sol, sentindo o mundo que somos gente, dentro de algo misterioso chamado vida. Reformulando nossos planos, tentando saber o que queremos para nós.

Muito do que gastamos (e nos desgastamos) nesse consumismo feroz podia ser negociado com a gente mesmo: uma hora de alegria em troca daquele sapato. Uma tarde de amor em troca da prestação do carro do ano; um fim de semana em família em lugar daquele trabalho extra que está me matando e ainda por cima detesto.

Não sei se sou otimista demais, ou fora da realidade. Mas, à medida que fui gostando mais do meu jeans, camiseta e mocassins, me agitando menos, querendo ter menos, fui ficando mais tranquila e mais divertida. Sapato e roupa simbolizam bem mais do que isso que são: representam uma escolha de vida, uma postura interior.

Nunca fui modelo de nada, graças a Deus. Mas amadurecer me obrigou a fazer muita faxina nos armários da alma e na bolsa também. Resistir a certas tentações é burrice; mas fugir de outras pode ser crescimento, e muito mais alegria.

Cada um que examine o baú de suas prioridades, e faça a arrumação que quiser ou puder.

Que seja para aliviar a vida, o coração e o pensamento – não para inventar de acumular ali mais alguns compromissos estéreis e mortais.

*Disponível no livro "Pensar é transgredir" de Lya Luft, pág.113*

### QUADRO REPRESENTATIVO DA CONEXÃO TEXTO-LEITOR

ALUNO:

Após a leitura da crônica “Prioridades” de Lya Luft, lembrei-me de que, um dia, eu também...

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

### FOLHA DO PENSAR SOBRE A CONEXÃO TEXTO-TEXTO

ALUNO:

Quando li a crônica “Prioridades” de Lya Luft, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Neste momento, os alunos preenchem o último quadro e posteriormente o professor transcreve para um cartaz as pontuações dos alunos.

### FOLHA PARA A PRODUÇÃO DO CARTAZ SOBRE A CONEXÃO TEXTO-MUNDO

ALUNO:

Quando li a crônica “Prioridades” de Lya Luft, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Após a leitura e respostas dos quadros anteriores, é destinado um tempo para que os alunos leiam o texto novamente e façam uma discussão. Posteriormente, eles respondem esse questionamento.

### QUADRO PARA A ATIVAÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO

ALUNO:

Quando li a crônica “Prioridades” de Lya Luft, pude perceber que a forma como os conceitos, o vocabulário e o tema são abordados, me fez pensar...

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Lopez (2016)*

Por fim, entregue o último quadro para que os alunos preencham a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem da crônica lida.

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA			
QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
Você gostou do tema desta crônica?			
Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade?			
Você gostou da linguagem abordada na crônica?			

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.*

## OFICINA 2

### ESTRATÉGIA INFERÊNCIA

TEMA: Oficina de Leitura “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de inferência.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura, oralidade e escrita.

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Revogue-se” e “Subir pelo lado que desce” de Lya Luft, quadro âncora, quadro recapitulativo e folha do pensar, inferências e comparação das crônicas, quadro para avaliar a opinião dos alunos, lápis e borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é inferência, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.
- Pedir que os alunos respondam esse quadro âncora a inferência antes de fazer a leitura da crônica.



QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA			
ALUNO:			
EU USO PARA PREVER:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
O título.			
Questões que podem ser respondidas.			
O que eu já sei sobre o assunto do texto.			
O que eu sei sobre o autor ou gênero.			
O que eu sei sobre a organização e a estrutura do texto.			
O que eu sei sobre a história.			

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Após o preenchimento do quadro, orientar que os alunos façam a leitura do texto e/ou ler com eles.

**Texto 1****REVOGUE-SE**

Relacionamentos se constroem ao longo dos anos de sua duração: os dois parceiros vão tramar consciente ou inconscientemente a teia que os vai envolver ou separar, o casulo onde vão abrigar ou sufocar seus filhos.

Amor não deveria ser prisão ou dever, mas crescimento e libertação. Porém se gostamos de alguma coisa ou de alguém, queremos que esteja sempre conosco. Perda e separação significam sofrimento, mas não o fim da vida nem o fim de todos os afetos.

Certa vez me entregaram um bilhete que dizia:

“Se você ama alguém, deixe-o livre.”

Poucas afirmações são tão difíceis de cumprir, poucas contêm tamanha sabedoria em relação aos amores, todos os amores: filhos, amigos, amantes. Amor é risco, viver é risco. Pois permitir, até querer que o outro cresça ao nosso lado, pode significar que crescerá afastando-se de nós.

Mas - essa é a força e a beleza do desafio de uma vida a dois - o outro, crescendo, pode-se abrir mais para nós, que participaremos dessa expansão. Instaura-se uma instigante parceria amorosa, na qual o tempo não servirá para desgaste, mas para construção. É um processo de refinamento da cumplicidade que brilha em algumas relações mesmo depois de muitos anos, muitas perdas, e muitos difíceis recomeços - desde que haja sobre o que reconstruir.

Em contrapartida, alguém muito torturado me disse certa vez:

“Se você conhece o clima na casa de meus pais, entenderia por que eu sou tão doente”.

Era realmente uma alma retorcida, novelo de mágoas. Sua confiança na vida fora solapada pelo que via em casa, sua crença nos afetos contaminada pelo que ali presenciava.

Muitas vezes a salvação está na separação, embora casais não se separam apenas por frieza ou desamor. Às vezes houve tamanha transformação no curso do tempo, que o mais digno, o mais libertador para todos, é uma separação com respeito e amizade.

Casais podem se separar com dignidade, apesar das dores iniciais, e com certeza nunca fizeram nada de melhor pelos seus filhos, embora esse conceito seja relativamente inovador.

Não acho um fracasso uma relação que dure dez, vinte anos e depois termine. O “que seja eterno enquanto dure” de Vinicius não era cinismo, porém constatação de que um amor pode se transformar em um afeto que foge às definições e permanece mesmo depois de uma separação. Desde que não se abafe essa possibilidade debaixo de camadas de rancor e desejo de vingança.

Hoje começamos a entender e admitir que relacionamentos mudam ou se desgastam, contratos afetivos se refazem, e a família, que não vai acabar, abre portas e janelas para novas maneiras de se relacionar mesmo

depois que o casamento termina.

Tudo o que se viveu de bom ou ruim liga para sempre, se foi intenso ou prolongado. Nem divórcio nem morte apagam a presença do outro, que em qualquer dessas circunstâncias há de continuar lançando a sua sombra: boa ou negativa.

Será preciso tempo, descoberta e cultivo de outros interesses, abertura para novos afetos, para que essa ferida feche: e ela fecha, não deixando necessariamente cicatrizes inflamadas. Por outro lado, nada cresce bem no terreno de uma relação ruim. Viver lado a lado em silêncios ressentidos, críticas pronunciadas ou abafadas, isolamento e indiferença pode ser uma condenação.

Velhos casais não são sempre amigos.

Jovens casais não são sempre amantes.

Relacionamentos podem ser mortais.

O que mais identifica um par é o clima que circula entre eles além de palavras e gestos; uma química de pele e emoção, mel ou veneno, emoções que, se forem positivas, vão nos abrir para vivências.

O primeiro toque sobre uma criança ao nascer vai definir parte de seu destino: é a atmosfera de amor ou de hostilidade e frieza, que reina entre seus pais. Nascer, caímos nessas marés sombrias ou positivas. Se forem positivas, vão nos abrir para vivências. O primeiro toque sobre uma criança ao nascer vai definir parte de seu destino: é a atmosfera de amor ou de hos-

tilidade e frieza, que reina entre seus pais. Nascendo, caímos, nessas mares sombrias ou positivas. Se forem menos saudáveis, cegamos ao mundo como quem naufraga. Serão precisos muito esforço pessoal e afetos bons para nos salvar.

Laços negativos podem unir mais que os do amor. E matam. Torna-se impossível viver, respirar, sem o inimigo de dentro da casa: mulheres dominadoras, maridos grosseiros, filhos assustados e revoltados, uma violência que não precisa ser de gritos e golpes, mas a violência inominável da indiferença. Arma-se uma rede que prende e lentamente sufoca toda a alegria.

Onde quer que morem essas famílias, sobre a porta de entrada pode-se ler a sentença que vai recair também sobre os mais inocentes:

“Aqui revogou-se a esperança”.

*Disponível no livro “Pensar é transgredir” de Lya Luft, pág.145.*

Após a leitura do texto anterior, apresente a outra crônica de Lya Luft “Subir pelo lado que desce”.

## Texto 2

### SUBIR PELO LADO QUE DESCE

“Viver é subir uma escada rolante pelo lado que desce”.

Ouvindo esta frase, imaginei qualquer pessoa nessa acrobacia que as crianças fazem ou tentam fazer: escalar aqueles degraus que nos puxam inexoravelmente para baixo. Perigo, loucura, inocência, ou uma boa metáfora do que fazemos diariamente?

Poucas vezes me deram um símbolo tão adequado para a vida, sobretudo naqueles períodos difíceis em que até pensar em sair da cama dá vontade de desistir. Tudo o que queríamos era tapar a cabeça e dormir, sem pensarmos em nada, fingindo que não estamos nem aí...

Porque tantos, isto é, a voz do poço e da morte, nos convoca a cada minuto para que, enfim, nos entreguemos e acomodemos. Só que acomodar-se é abrir a porta a tudo aquilo que nos faz cúmplices do negativo. Descansaremos, sim, mas tornando-nos filhos do tédio e amantes da pusilanimidade, personagens do teatro daqueles que constantemente desperdiçam os seus próprios talentos e dificultam a vida dos outros.

E o desperdício da nossa vida, talentos e oportunidades é o único débito que no final não se poderá saldar: estaremos no arquivo-morto.

Não que não tenhamos vontade ou motivos para desistir: corrupção, violência, drogas, doença, problemas no emprego, dramas na família, buracos na alma, solidão no casamento a que também nos acomodamos...

tudo isso nos sufoca. Sobretudo, se pertencermos ao grupo cujo lema é: Pensar, nem pensar... e a vida que se lixe.

A escada rolante chama-nos para o fundo: não dou mais um passo, não luto, não me sacrifico mais. Para quê mudar, se a maior parte das pessoas nem pensa nisso e vive da mesma maneira, e da mesma maneira vai morrer?

Não vive (nem morrerá) da mesma maneira. Porque só nessa batalha consigo mesmo, percebendo engodos e superando barreiras, podemos também saborear a vida. Que até nos surpreende quando não se esperava, oferecendo-nos novos caminhos e novos desafios.

Mesmo que pareça quase uma condenação, a ideia de que viver é subir uma escada rolante pelo lado que desce é que nos permite sentir que afinal não somos assim tão insignificantes e tão incapazes.

Então, vamos à escada rolante: aqui e ali até conseguimos saltar degraus de dois em dois, como quando éramos crianças e muito mais livres, mais ousados e mais interessantes.

E porque não? Na pior das hipóteses, caímos, magoamo-nos por dentro e por fora, e podemos ainda uma vez... recomeçar.

*Disponível no livro "Pensar é transgredir" de Lya Luft, pág.141.*

Após a leitura das crônicas, realize uma conversa sobre os textos e retorne a folha do pensar e/ou cartão âncora para inferência.

A FOLHA E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA TEXTO 1			
PALAVRA	SIGNIFICADO INFERIDO	DICAS DO TEXTO	FRASE DO TEXTO

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

A FOLHA E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA TEXTO 2			
PALAVRA	SIGNIFICADO INFERIDO	DICAS DO TEXTO	FRASE DO TEXTO

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*



Com a finalização deste preenchimento, entregue aos alunos o quadro recapitulativo para a inferência.

QUADRO RECAPITULATIVO PARA A INFERÊNCIA TEXTO 1	
CITAÇÃO OU GRAVURA DO TEXTO	INFERÊNCIA
O que foi possível inferir do título da crônica?	

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

QUADRO RECAPITULATIVO PARA A INFERÊNCIA TEXTO 2	
CITAÇÃO OU GRAVURA DO TEXTO	INFERÊNCIA
O que foi possível inferir do título da crônica?	

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Após o preenchimento, entregue a folha do pensar para inferência que poderá ou não confirmar as anotações feitas pelos alunos.

A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA TEXTO 1		
Anote aqui suas inferências	Inferência confirmada	Inferência NÃO confirmada

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA TEXTO 2		
Anote aqui suas inferências	Inferência confirmada	Inferência NÃO confirmada

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Após a análise dos alunos sobre as inferências que foram ou não confirmadas, fazer uma conversa com eles sobre os dois textos e posteriormente, entregar o quadro de semelhanças e diferenças para o preenchimento.

INFERÊNCIAS E COMPARAÇÃO DAS CRÔNICAS		
SOBRE AS CRÔNICAS LIDAS ESCREVA:	SIM	NÃO
Há pontos que se assemelham?		
Há pontos que de diferenciam?		
Você acha que uma crônica contribui para o entendimento da outra?		
Você acha que as inferências feitas para cada crônica se relacionam?		
As inferências feitas foram importantes para o entendimento das crônicas?		

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.

Por fim, entregar o último quadro para os alunos preencherem a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem das crônicas lidas.

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA			
QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
Você gostou do tema destas crônicas?			
Você achou que o contexto das crônicas faz sentido com a realidade?			
Você gostou da linguagem abordada nas crônicas?			

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.

### OFICINA 3

## ESTRATÉGIA VISUALIZAÇÃO E ESTRATÉGIA SUMARIZAÇÃO

TEMA: Oficina de Leitura “Pensar é transgredir” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de leitura visualização e a estratégia de leitura sumarização.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura e Oralidade

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Pensar é transgredir” de Lya Luft, quadro âncora para a visualização e folha de apoio para visualização, quadro de conhecimento prévio, formulário de conhecimento prévio, quadro de síntese para sumarização e folha do pensar para sumarização, quadro para avaliar a opinião dos alunos lápis, lápis de cor, borracha.

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é visualização e sumarização, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.

## PENSAR É TRANSGREDIR

Não lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos — para não morreremos soterrados na poeira da banalidade embora pareça que ainda estamos vivos.

Mas compreendi, num lampejo: então é isso, então é assim. Apesar dos medos, convém não ser demais fútil nem demais acomodada. Algumas vezes é preciso pegar o touro pelos chifres, mergulhar para depois ver o que acontece: porque a vida não tem de ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas como o jarro que se renova a cada gole bebido.

Para reinventar-se é preciso pensar: isso aprendi muito cedo.

Apalpar, no nevoeiro de quem somos, algo que pareça uma essência: isso, mais ou menos, sou eu. Isso é o que eu queria ser, acredito ser, quero me tornar ou já fui. Muita inquietação por baixo das águas do cotidiano. Mais cômodo seria ficar com o travesseiro sobre a cabeça e adotar o lema reconfortante: “Parar pra pensar, nem pensar!”

O problema é que quando menos se espera ele chega, o sorrateiro pensamento que nos faz parar. Pode ser no meio do shopping, no trânsito, na frente da tevê ou do computador. Simplesmente escovando os dentes. [...]

Sem ter programado, a gente para pra pensar.

Pode ser um susto: como espiar de um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades. Cada porta, uma escolha. Muitas vão se abrir para um nada ou para algum absurdo. Outras, para um jardim de promes-

sas. Alguma, para a noite além da cerca. Hora de tirar os disfarces, aposentar as máscaras e reavaliar: reavaliar-se.

Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto.

Somos demasiado frívolos: buscamos o atordoamento das mil distrações, corremos de um lado a outro achando que somos grandes cumpridores de tarefas. Quando o primeiro dever seria de vez em quando parar e analisar: quem a gente é, o que fazemos com a nossa vida, o tempo, os amores. E com as obrigações também, é claro, pois não temos sempre cinco anos de idade, quando a prioridade absoluta é dormir abraçado no urso de pelúcia e prosseguir, no sono, o sonho que afinal nessa idade ainda é a vida.

Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.

Compreender: somos inquilinos de algo bem maior do que o nosso pequeno segredo individual. É o poderoso ciclo da existência. Nele todos os desastres e toda a beleza têm significado como fases de um processo.

Se nos escondermos num canto escuro abafando nossos questionamentos, não escutaremos o rumor do vento nas árvores do mundo. Nem compreenderemos que o prato das inevitáveis perdas pode pesar menos do que o dos possíveis ganhos.

Os ganhos ou os danos dependem da perspectiva e possibilidades de

quem vai tecendo a sua história. O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem.

Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.

Parece fácil: “escrever a respeito das coisas é fácil”, já me disseram. Eu sei. Mas não é preciso realizar nada de espetacular, nem desejar nada excepcional. Não é preciso nem mesmo ser brilhante, importante, admirado.

Para viver de verdade, pensando e repensando a existência, para que ela valha a pena, é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança.

Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade.

Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for.

E que o mínimo que a gente faça seja, a cada momento, o melhor que afinal se conseguiu fazer.

*Disponível no livro “Pensar é transgredir” de Lya Luft, pág. 21.*

Após a leitura da crônica, entregue a folha de apoio para a visualização.

FOLHA DE APOIO PARA A VISUALIZAÇÃO	
ALUNO:	
O que visualiza ao ler o título da crônica? Desenhe e/ou escreva:	

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*



Após o preenchimento deste quadro, estabeleça um diálogo com os alunos e entregue o quadro âncora para a visualização.

QUADRO ÂNCORA PARA A VISUALIZAÇÃO			
ALUNO:			
EU VISUALIZO A FIM DE:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
Fazer previsões e inferências			
Esclarecer algum aspecto do texto			
Lembrar			
EU VISUALIZO:			
Personagens, pessoas, criaturas			
Ilustrações ou características do texto			
Eventos e/ou fatos			
Espaço e/ou lugar			
EU VISUALIZO, USANDO:			
Meus sentidos (olfato, audição, paladar ou sentimentos)			
Minha reação física (calor, frio, com sede, estômago doendo etc.)			
Uma reação emocional (alegria, tristeza, ânimo, solidão etc.)			

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

Após o preenchimento do quadro, entregue novamente a folha de apoio para uma segunda visualização e estabeleça um diálogo com o discente.

FOLHA DE APOIO PARA A VISUALIZAÇÃO	
ALUNO:	
O que visualizou ao terminar a leitura da crônica? Desenhe e/ou escreva:	

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

**Professor:** pergunte aos alunos o que eles perceberam com as duas ilustrações que eles realizaram: elas mudaram, o que mudou; foi possível visualizar pelas palavras do texto ou usaram os sentidos; foi preciso usar algo a mais para visualizar. Esses questionamentos serão importantes para compreender como os alunos utilizam as suas próprias estratégias e mecanismos de compreensão e entendimento.

Com a resposta dos alunos, será a hora de avançar para a segunda parte, a sumarização. Com isso, entregue aos alunos o formulário de conhecimento prévio.

FORMULÁRIO DE CONHECIMENTO PRÉVIO	
ALUNO	
TIPOLOGIA TEXTUAL	
TÍTULO DO TEXTO	
<b>Conhecimento prévio</b>	
Escreva os fatos que você imaginava sobre o texto antes da leitura.	

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Após o preenchimento do quadro, faça a releitura da crônica e entregue aos alunos o quadro de síntese para a sumarização.

QUADRO DE SÍNTESE PARA A SUMARIZAÇÃO		
ALUNO		
<b>APÓS A LEITURA DA CRÔNICA, RESPONDA:</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
As informações que eu fiz antes da leitura se confirmaram?		

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Com a finalização deste quadro, entregue a folha do pensar para finalizar a estratégia da sumarização.

FOLHA DO PENSAR PARA A SUMARIZAÇÃO	
ALUNO:	
1. Escreva algo que aprendeu sobre o assunto e que acha importante lembrar.	
2. Desenhe, no texto, uma linha embaixo da informação que acha importante e transcreva a seguir essa informação.	
3. Escreva o que acha que a autora mais queria que aprendesse e lembrasse com a leitura.	

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Por fim, entregue o último quadro para os alunos preencherem a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem da crônica lida.

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA			
QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
Você gostou do tema desta crônica?			
Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade?			
Você gostou da linguagem abordada na crônica?			

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.*

## OFICINA 4

### ESTRATÉGIA SÍNTESE E PRODUÇÃO TEXTUAL

TEMA: Oficina de Leitura e de Escrita “Quem ama cuida” de Lya Luft.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de leitura síntese e a produção de ideias.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura, oralidade e escrita

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Cópia xerocada da crônica “Que ama cuida” de Lya Luft, formulário para síntese, quadro de reconto para síntese, quadro para avaliar a opinião dos alunos, proposta de produção textual, folha para a produção da crônica, lápis, lápis de cor, borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

- Perguntar para os alunos se eles sabem o que é síntese, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.
- Falar sobre a crônica e entregar o texto.

### **QUEM AMA, CUIDA**

Somos uma geração perplexa, somos uma geração insegura, somos uma geração aflita — mas, como tudo tem seu lado bom, somos uma geração questionadora.

O que existe por aí não nos satisfaz. Sofremos com a falta de uma espinha dorsal mais firme que nos sustente, com a desmoralização generalizada que contamina velhos e jovens, com uma baixa autoestima e descaso que, penso eu, transpareceram em nossa equipe de futebol na Copa do Mundo.

Algum remédio deve ser buscado na realidade, sem desprezar a força da imaginação e a raiz das tradições — até no trato com as crianças.

Uma duradoura influência em minha vida, meu trabalho e arte, foram os contos de fadas: antiquíssimas histórias populares revistas e divulgadas por Andersen e pelos Irmãos Grimm, para povoar e enriquecer alma de milhões de crianças — e adultos.

Esses relatos, plenos de fantasia, falam de realidades e mitos arcaicos que transcendem linguagem, raça e geografia, e nos revelam.

Nessa literatura infantil reúnem-se dois elementos que me apaixonam: o belo e o sinistro. Ela abre, através da imaginação, olhos e medos para a vida real, tecida de momentos bons e ameaças sinistras, experiências divertidas e outras dolorosas — também na infância.

Na realidade, nem sempre os fortes vencem e os frágeis são anulados: a força da inteligência de pessoas, grupos, ou povos ditos “fracos”, inúmeras

vezes derrota a brutalidade dos “fortes” menos iluminados. Porém o mal existe, a perversão existe, atualmente a impunidade reina neste país nosso, confundindo critérios que antes nos orientavam. Cabe à família, à escola, e a qualquer pessoa bem-intencionada, reinstaurar alguns fundamentos de vida e instaurar novos.

Não vejo isso em certa — não generalizada — tendência para uma educação imbecilizante de nossas crianças, segundo a qual só se deve aprender brincando, a escola passou a ser quase um pátio tumultuado, e a falta de respeito reproduz o que acontece tanto em casa quanto em alguns altos escalões do país.

Essa mesma corrente de pensamento quer mutilar histórias infantis arcaicas como a do Chapeuzinho Vermelho: agora o Lobo acaba amigo da Vovó... e nada de devorar a velha, nada de abrir a barriga da fera e retirá-la outra vez. Tudo numa boa, todos na mais santa paz, tudo de brincadeira — como não é assim a vida.

Modificam-se textos de cantigas como “Atirei o pau no gato”, transformando-a em um ridículo “Não atire o pau no gato” e outras bobajadas, porque o gato é bonzinho e nós devemos ser idem, no mais detestável politicamente correto que já vi.

O mundo não é assim. Coisas más e assustadoras acontecem, por isso nossas crianças e jovens devem ser preparados para a realidade. Não com pessimismo ou cinismo, mas com a força de um otimismo lúcido.

Medo faz parte de existir, e de pensar. Não precisa ser terror da violência

doméstica, física ou verbal, ou da violência nas ruas — mas o medo natural e saudável que nos faz cautelosos, pois nem todo mundo é bonzinho, adultos e mesmo crianças podem ser maus, nem todos os líderes são modelos de dignidade. Uma dose de realismo no trato com crianças ajudará a lhes dar o necessário discernimento, habilidade para perceber o positivo e o negativo, e escolher melhor.

Temos muitos adolescentes infantilizados pelo excesso de proteção paterna ou pela sua omissão, na gravíssima crise de autoridade que nos assola; temos jovens adultos incapazes porque quase nada lhes foi exigido, nem na escola, nem em casa. Talvez tenha lhes faltado a essencial atenção e interesse dos pais, na onda de “tudo numa boa”.

Dar a volta por cima significará mudar algumas posturas e opções, exigir mais de nós mesmos e de nossos filhos, de professores e alunos, dos governos, das instituições. Ou vamos transformar as novas gerações em fracotes despreparados, vítimas fáceis das armadilhas que espreitam de todos os lados, no meio do honrado e do amoroso — que também existem e precisam se multiplicar.

Não prego desconfiança básica, mas uma perspectiva menos alienada: duendes de pesadelo aparecem em nosso cotidiano. Nem todos os amigos, vizinhos, parentes, professores ou autoridades nos amam e nos protegem. Nem todos são boas pessoas, nem todos são preparados para sua função, nem todos são saudáveis.

Para construir de forma mais positiva nossa vida, é preciso, repito, dispor da



melhor das armas, que temos de conquistar sozinhos, duramente, quando não a recebemos em casa nem na escola: discernimento. Capacidade de analisar, argumentar, e escolher para nosso bem — o que nem sempre significa comodidade ou sucesso fácil.

Quem ama, cuida: de si mesmo, da família, da comunidade, do país — pode ser difícil, mas é de uma assustadora simplicidade, e não vejo outro caminho.

*Disponível no livro “Em outras palavras” de Lya Luft, pág.205.*

Após a leitura, entregue o formulário para a síntese.

FORMULÁRIO PARA A SÍNTESE	
TÍTULO DA CRÔNICA	
NOME	
O QUE É INTERESSANTE	O QUE É IMPORTANTE

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Depois de analisar o texto e as informações anotadas pelos alunos, entregue o quadro de reconto para síntese.

QUADRO DE RECONTO PARA SÍNTESE
ALUNO
LISTA DE PALAVRAS-CHAVE DA NARRATIVA
REGISTROS DE BREVES PASSAGENS DA HISTÓRIA QUE NORTEIAM A ESTRUTURA DA NARRATIVA
RECONTO DA HISTÓRIA (atividade oral)
RESUMO
OPINIÃO PESSOAL

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)*

Por fim, entregue o último quadro para os alunos preencherem a fim de avaliar, o tema, o contexto e a linguagem da crônica lida e estabeleça um diálogo com os alunos.

QUADRO PARA AVALIAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE A CRÔNICA LIDA			
QUESTIONAMENTO	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
Você gostou do tema desta crônica?			
Você achou que o contexto da crônica faz sentido com a realidade?			
Você gostou da linguagem abordada na crônica?			

*Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura produzido pela pesquisadora.*

Com a finalização desta síntese, o próximo passo será a produção textual. Para isso, faça uma observação sobre as oficinas aplicadas e os textos lidos. Após a análise e discussão com os alunos, anote todas as observações e apresente a proposta de produção textual.

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
ALUNO:	
Com base nas oficinas anteriores, sua tarefa é produzir uma crônica, mas antes da escrita, preencha o quando a seguir com as ideias que deseja abordar em seu texto.	
TEMA	
PÚBLICO- ALVO	
PRINCIPAIS IDEIAS SOBRE O TEMA ESCOLHIDO	
COLOCAR, EM ORDEM DE HIERARQUIA, AS IDEIAS SOBRE O ASSUNTO	
REPRESENTAÇÃO DAS IDEIAS (o que deseja usar)	
COMPARAÇÕES OU CONTRASTES	
LEITURAS QUE FARÁ PARA A ESCRITA	
FINALIDADE DO TEXTO	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Lopez.

Após o preenchimento das ideias no quadro, estabeleça um diálogo com os alunos e entregue a folha para a produção da crônica.

**Professor**, sempre que possível, fique a disposição para tirar as dúvidas dos alunos.

FOLHA PARA A PRODUÇÃO DA CRÔNICA

*Fonte: Material produzido para elaboração da produção textual dos alunos.*

## **OFICINA 5**

### **ESTRATÉGIA REESCRITA**

**TEMA:** Oficina de Leitura e de Escrita “Nossas muitas fomes”, de Lya Luft.

**OBJETIVOS:** Desenvolver a estratégia reescrita do texto

**EIXOS DE APRENDIZAGEM:** Produção textual.

**DURAÇÃO:** 60 minutos

**RECURSOS:** Cópia xerocada da crônica “nossas muitas fomes”, de Lya Luft, folha de reescrita da produção textual, lápis e borracha.

**METODOLOGIA:**

- Após a finalização da produção textual na oficina anterior, oriente aos alunos para lerem seu texto e destacarem o que pode ser melhorado, alterado, modificado.
- Posteriormente, entregue a crônica “Nossas muitas fomes” de Lya Luft, para que eles leiam e analisem o que o texto quer passar.

### **NOSSAS MUITAS FOMES...**

"Do meu cômodo posto de observadora - e o duro posto de cidadã, onerada de altíssimos impostos, contas a pagar, perplexidade e insegurança, e otimismo anêmico -, quero expandir o conceito de fome.

A fome, as fomes: de dignidade, a essencial. De casa, saúde e educação, as básicas. Mas - não menos importantes - a fome de conhecimento, de possibilidades de escolha. Fome de confiança, ah, essa não dá para esquecer. Poder confiar no guarda, nas autoridades, nos pais e no país, e também nos filhos. Em nós mesmos, se nos acharmos merecedores.

Confiar em quem votei, e em quem não recebeu meu voto: ser digno não é vantagem, é obrigação básica. Andamos tão desencantados, que ser decente parece virtude, ser honesto ganha medalha, e ser mais ou menos coerente merece aplausos.

Fome de conhecimento: não é alfabetizado quem apenas assina o nome, mas quem assina o que leu e compreendeu. De outro modo, perigo a vista. Não cursa uma verdadeira escola quem dela sai para a vida sem saber pensar, argumentar e discernir.

A primeira condição para viver melhor é conhecer mais coisas, inclusive sobre a própria situação e as possibilidades de mudar. Não tomando, invadindo e assaltando, mas crescendo enquanto ser humano e membro produtivo da comunidade: família, trabalho, cidade, país.

Informar-se faz parte disso, de ser integrado, de integrar-se. É tomar conta-

to com a realidade diretamente, não apenas com o que os outros relatam ou inventam. É assistir ou escutar notícias não como quem tateia no escuro, mas com ouvidos de quem deseja entender.

Informar-se é também ler: ler como se come o pão cotidiano, ainda que seja o jornal esquecido no banco da praça.

Não creio que a violência que assola este país e nos transforma em ratos assustados seja simplesmente fruto da fome de comida, mas da fome de autoestima. A violência internacional, emblemática no terrorismo, nasce entre outras coisas da combinação de ideologia torta e fanatismo. A ideologia nem sempre comanda a morte, nem sempre se conserta o intelecto: sendo positiva, ilumina e estimula, assim como a outra delonga inocentes, explode crianças e se orgulha disso. Andamos acuados pela brutalidade que transcende os limites urbanos, atingindo lugares bucólicos que antes pareciam paraísos intocáveis: você pensa em comprar um sítio? Inclua nesse pacote o caseiro, os cães, alarmes e quem sabe cerca eletrificada. Se for uma fazenda, cave trincheiras e contrate guardas. De preferência, more a cidade mais próxima, rodeado de toda uma parafernália de segurança, ou lançando-se na vida (isto é, saindo à rua) com audácia de guerreiro medieval.

Teremos paz, esta nossa grande fome?

Neste momento estou descrente, embora batalhe por isso do jeito que posso. É dos deveres básicos de qualquer pessoa, tentar a paz em si mesmo e ao seu redor, sem necessariamente desfraldar bandeiras, mas existindo e



agindo como um ser pacífico (não confundam com pusilânime!). Se posso ser agregadora – iniciando pela família amigos -, não devo espalhar ressentimento; se quero a paz, não posso transmitir rancor.

Tudo começa, como dizem, em casa: desde quando ela era uma primitiva caverna, e nós uns trogloditas um pouco menos disfarçados do que hoje, com fomes bem mais simples de satisfazer.

*Disponível no livro "Em outras palavras" de Lya Luft, pág. 19.*

**PROFESSOR:** o intuito dos alunos lerem o texto antes da reescrita, é para auxiliarem neste processo a fim de ajudar nas perspectivas vistas por eles que precisam de melhoria. O texto é uma base e funciona como um suporte de interpretação e para a produção textual.

- Para a efetivação da reescrita, entregue a folha para que os alunos possam realizar as alterações propostas.

FOLHA PARA A REESCRITA DA CRÔNICA

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

*Fonte: Material produzido para elaboração da reescrita dos alunos.*

## REFERÊNCIAS

BNCC, Base Nacional Comum Curricular. **BNCC**: Portal vinculado ao Conselho Nacional dos Secretários de Educação e ao Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 7.ed. Campinas, São Paulo; Pontes, 2000.

LOPEZ, Nuria Carriedo. TAPIA, Jesus Alonso. **Como ensinar a compreender um texto? Um programa de estratégias para treinar a compreensão leitora**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2016.

LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LUFT, Lya. **Em outras palavras**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004.

SOUZA et al, Renata Junqueira de. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, São Paulo: mercado de letras, 2010.

ISBN: 978-65-990038-6-8

DIÁLOGO  
EDITORIAL

**ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE**

Eu, Fátima Agrizzi Ceccon, ocupante do cargo de Secretária de Educação na "Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental" no município de Presidente Kennedy, autorizo a realização nesta instituição a pesquisa "O discurso presente nas crônicas de Iya lyft como agente ativo na formação do leitor e escritor crítico", sob a responsabilidade do pesquisador Caroline Fardin Araujo, tendo como objetivo primário (geral) Verificar os mecanismos usados no discurso presente nas crônicas de Lya Luft e como esse procedimento pode desenvolver a criticidade leitora e escritora dos discentes nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental II.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy, 30 de outubro de 20 20.

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição coparticipante

*Fátima Agrizzi Ceccon*  
Secretária Municipal de Educação  
Direito nº 189/2019

## ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O DISCURSO PRESENTE NAS CRÔNICAS DE LYA LYFT COMO AGENTE ATIVO NA FORMAÇÃO DO LEITOR E ESCRITOR CRÍTICO

**Pesquisador:** Caroline Fardin Araujo

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 39857420.3.0000.8207

**Instituição Proponente:** INSTITUTO VALE DO CRICARE LTDA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.450.148

#### Apresentação do Projeto:

A leitura e a escrita são fundamentais para um ensino de qualidade, é por meio deles que se consegue chegar ao outro, de forma ampla e com objetividade. A leitura vai além de ficção, imaginação e criação de proposições, mas abrange também uma boa compreensão textual e de mundo, bem como auxilia no desenvolvimento de habilidades básicas como a escrita. Não há escritor sem que antes se tenha um leitor formado. Nessa perspectiva, analisar os mecanismos do discurso e compreender as estratégias de leitura e escrita pode permitir uma compreensão maior do texto, em que haverá uma aproximação do texto com o leitor e conseqüentemente relações do texto com a sociedade. Mediante a isso, o gênero crônica de Lya Luft, tende a contribuir para a proximidade do leitor e com o texto. Considerando isso, a pesquisa fundamentou-se na seguinte problemática: Como a formação do discurso presente nas crônicas de Lya Luft pode contribuir para o desenvolvimento leitor e escritor crítico nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental II? Partindo da hipótese de que com as estratégias de leitura e de escrita e com a contemplação do gênero crônica de Lya Luft, os discentes conseguirão se aproximar do texto lido e se verem nas realidades e contextos propostos nos textos, e assim tornarem-se leitores e escritores ativos, crítico, reflexivos e autônomos. O objetivo geral da pesquisa é: Verificar os mecanismos usados no discurso presente nas crônicas de Lya Luft e como esse procedimento pode desenvolver a criticidade leitora e escritora dos discentes nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental II por meio de estratégia de leitura e de escrita. Este trabalho se justificou ao

**Endereço:** Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS  
**Telefone:** (27)3313-0000 **E-mail:** cep@ivc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 4.450.148

questionar-se sobre a linguagem e sua importância na sociedade, dessa forma viu-se a necessidade de estudar sobre a formação do discurso e as principais estratégias presentes nas crônicas de Lya Luft. Salienta-se ainda descrever como domínio da palavra dá condições de transpassar inúmeros objetivos e como essa junção na escrita pode contribuir para o desenvolvimento de um leitor e escritor crítico nas aulas de língua portuguesa. Para isso, o corpus do trabalho são as oficinas que serão desenvolvidas com alunos do 9º ano, abordando as estratégias de leitura e de escrita e utilizando o gênero crônica. O campo de investigação deste estudo são os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de um município do Sul do estado do Espírito do Santo. Do ponto de vista metodológico, está é um pesquisa -ação em que houve interferência do pesquisador e propôs soluções para os problemas diagnosticados. Esta pesquisa foi fundamentada em Bakhtin (1979), Cândido (1992), Carletti (2007), Dutra (2011), Maingueneau (2008), Solé (1998), Lopez (2016), Souza (2010), entre outros. Dessa forma, busca-se evidenciar como as estratégias de leitura e escrita, juntamente com os mecanismos do discurso e o intermédio do gênero crônica de Lya Luft pode contribuir na aproximação do texto/leitor e na formação do leitor e escritor crítico e autônomo.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo primário da Pesquisa:

Verificar os mecanismos usados no discurso presente nas crônicas de Lya Luft e como esse procedimento pode desenvolver a criticidade leitora e escritora dos discentes nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental II.

Objetivo Secundário:

Analisar como os mecanismos do discurso presentes nas crônicas de Lya Luft podem contribuir na construção da autonomia leitora e escritora. Identificar como as estratégias de leitura e de escrita, intercalado ao gênero crônica da autora Lya Luft, pode auxiliar na formação da criticidade leitora e escritora. Elaborar uma cartilha, com base na aplicação das oficinas, como sugestão para os professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental II.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: A pesquisa poderá ter risco de constrangimento e exposição durante a aplicação das oficinas com os sujeitos da pesquisa. Dessa forma, o local de aplicação das oficinas se dará de forma on-line por meio da plataforma Google Meet devido à pandemia que se instaurou no mundo — COVID 19 elucidando um ensino se adéqüe a realidade, por isso as atividades remotas estão

**Endereço:** Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS  
**Telefone:** (27)3313-0000 **E-mail:** cep@ivc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 4.450.148

sendo importantíssimas neste momento. Por meio desse mecanismo, o pesquisador tende minimizar o desconforto, garantindo um local reservado e liberdade para o aluno não responder questões que causem constrangimento. É válido ressaltar que ao analisar os dados da pesquisa não haverá identificação dos participantes no campo de análise de dados. No caso de o aluno sentir algum desconforto ou mal estar, que pode surgir durante a aplicação das oficinas, por esta ser na modalidade on-line, ele poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento, uma vez que estará em sua residência e terá o responsável em sua companhia.

**Benefícios:** Os benefícios serão coletivos, uma vez que o trabalho contribuirá com informações e dados para os sujeitos da pesquisa e para a educação no âmbito escolar, já que a pesquisa visa promover uma prática autônoma, crítica e reflexiva de leitura e escrita que contribuirá para a formação de um jovem leitor e escritor. Por isso, os benefícios para a educação e para os jovens serão em curto e longo prazo e possibilitará um fazer com objetivos que tendem a aproximar o texto do leitor em grande escala e deixará estratégias e sugestões que poderão ser adaptadas por outros professores.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Conforme a pesquisadora esta pesquisa se dedica a promover a aptidão para a leitura e escrita, através de oficinas em grupos, que abordarão crônicas com alunos do Ensino Fundamental II em uma cidade do sul do estado do Espírito Santo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões e Pendências e Lista de Inadequações".

**Recomendações:**

Vide campo "Conclusões e Pendências e Lista de Inadequações".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem recomendações presentes.

Tudo de acordo com o que foi solicitado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, item XI 2.d.

**Endereço:** Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS  
**Telefone:** (27)3313-0000 **E-mail:** cep@ivc.br





Continuação do Parecer: 4.450.148

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1656438.pdf	27/11/2020 16:20:53		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Resp_legal.docx	27/11/2020 16:19:39	Caroline Fardin Araujo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	27/11/2020 16:18:04	Caroline Fardin Araujo	Aceito
Outros	TCLE.docx	27/11/2020 16:10:47	Caroline Fardin Araujo	Aceito
Outros	TALE.doc	27/11/2020 16:10:08	Caroline Fardin Araujo	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA.pdf	03/11/2020 10:08:15	Caroline Fardin Araujo	Aceito
Outros	TERMO.pdf	03/11/2020 10:07:37	Caroline Fardin Araujo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

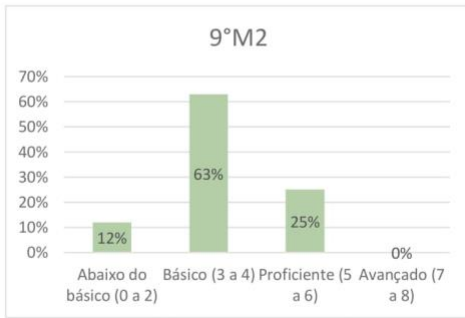
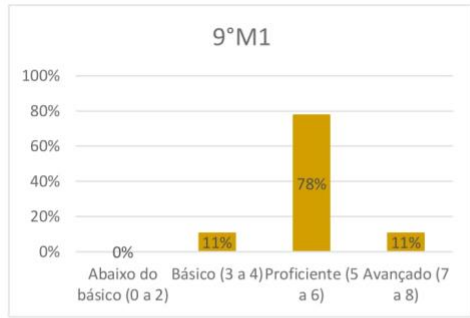
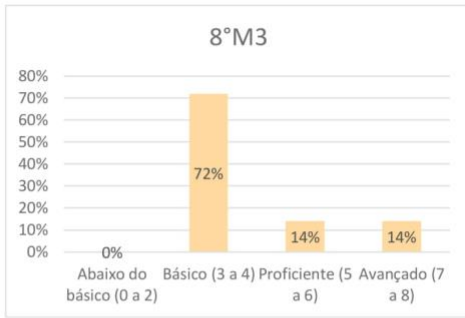
SAO MATEUS, 09 de Dezembro de 2020

Assinado por:  
**José Roberto Gonçalves de Abreu**  
 (Coordenador(a))

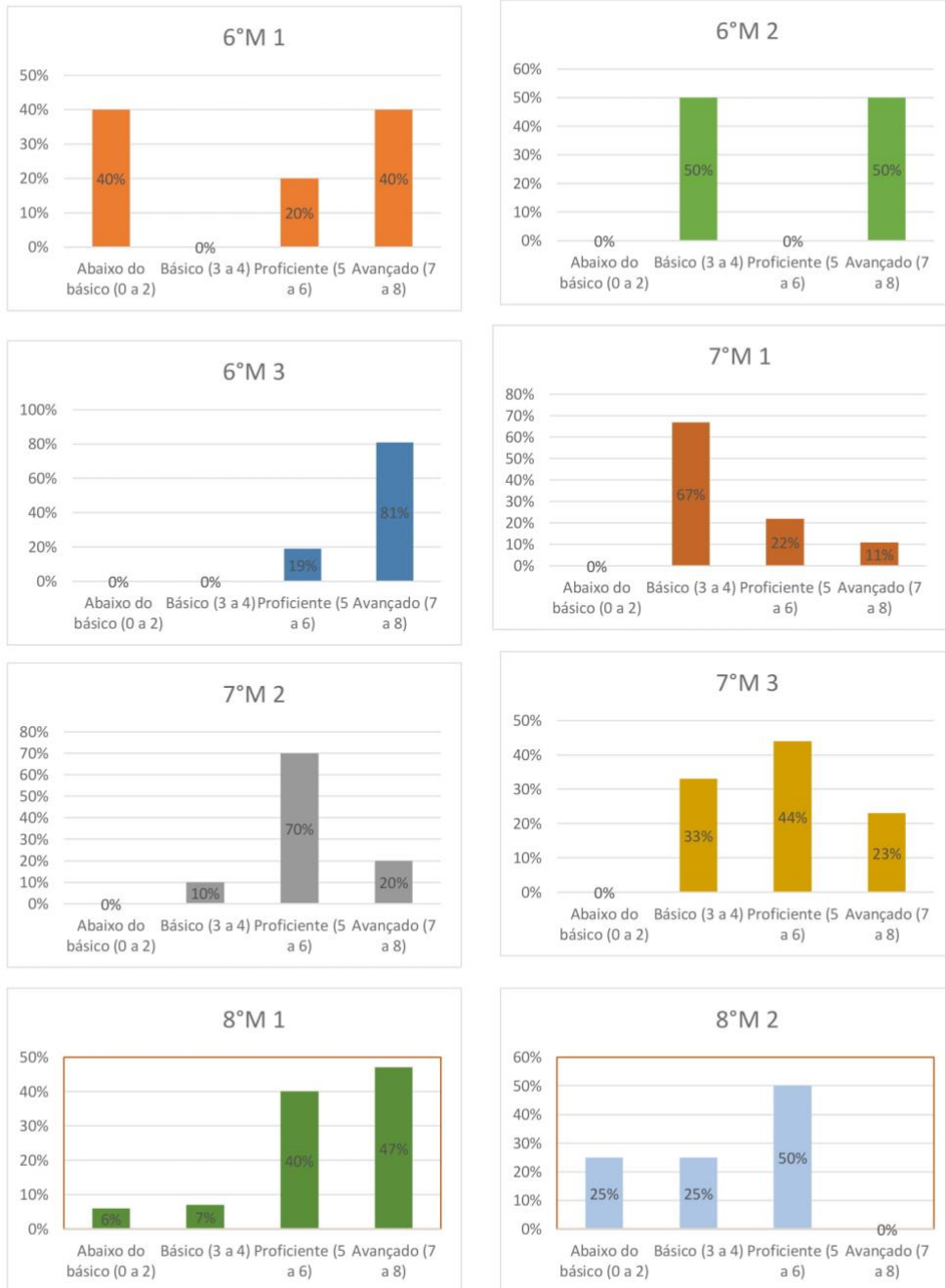
**Endereço:** Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS  
**Telefone:** (27)3313-0000 **E-mail:** cep@ivc.br

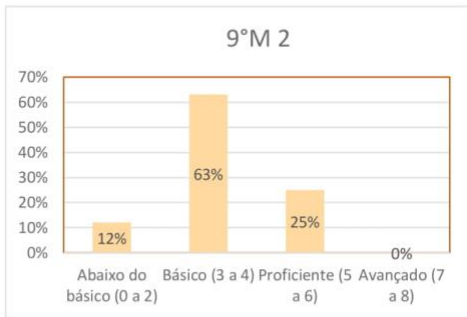
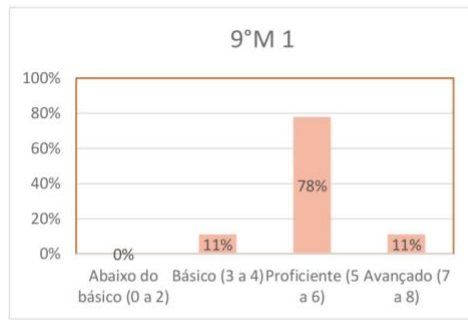
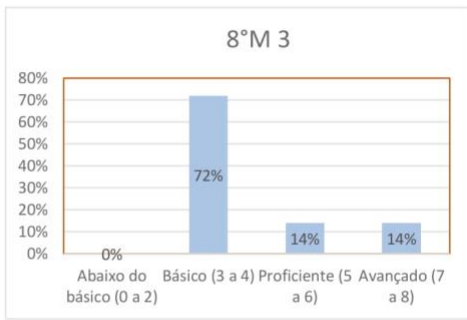
**ANEXO C – NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO 9º SIMULADO DE 2019 DAS ESCOLAS POLOS DE PRESIDENTE KENNEDY**





**NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO 9º SIMULADO DE 2019 DA ESCOLA POLO B DE PRESIDENTE KENNEDY**





**NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO 9º SIMULADO DE 2019 DA ESCOLA POLO C DE PRESIDENTE KENNEDY**

